



W 3973

40  

---

4245





# POESIAS.



469/1037: 2.-

# POESIAS

POR

**FAUSTINO XAVIER DE NOVAES.**

**SEGUNDA EDIÇÃO**

**MAIS CORRECTA E AUGMENTADA.**



PORTO,  
NA TYPOGRAPHIA DE SEBASTIÃO JOSÉ PEREIRA,  
Praça de Santa Theresa, n.º 28 e 30.

1856.

Plan. 673





À EXCELLENTÍSSIMA SENHORA

D. Maria Felicidade do Couto Browne,

EM TESTEMUNHO DE RESPEITO E ADMIRAÇÃO.

*Faustino Xavier de Moraes.*





## NÃO É PROLOGO.

.....  
.....  
E escusam de quebrar-nos os ouvidos  
Com uma insulsa, dilatada arenga,  
Que ouve por uso o povo, e não entende,  
E a pagar vem, por fim, por alto preço;  
Dando (coisa que muito a mim me espanta)  
Sem saber o porque, o seu dinheiro.

A. DINIZ. — Hyssope — Canto 5.

Um prologo não faço — que não tenho  
Um modelo a seguir — falta-me o engenho  
Para ao fim caminhar, sempre afastado  
Da estrada que já teem muitos pizado;  
E d'esses que até hoje eu tenho lido,  
Apenas consegui ser convencido  
Que, nova, ou velha, já, seja a maneira,  
Um prologo, por fim, é sempre asneira.

E não se agaste alguém que os tenha escripto,  
Que eu vou dar a razão d'este meu dito :

Se o poeta, d'orgulho arrebatado,  
Alguns nomes, como eu, tem decorado,  
E em *Goethe*, em *Schiller* falla, e em outros, tantos  
Como ás vezes o atheu nomeia santos;  
Se diz, com a maior sinceridade,  
Que prestavel quer ser á sociedade,  
E, sem de gloria ou d'ouro estar sedento,  
Os fructos lhe quer dar do seu talento;  
E o direito roubando aos seus leitores  
De serem, porque pagam, julgadores,  
Além de sustentar basofia insana,  
Na fazenda que vende inda os engana,  
Que um livro promettendo de poesia,  
Dez folhas enche assim de prosa fria;  
Se depois, a rimar, compara a lua —  
Porque alumia — ao lampeão de rua;  
E se o bello da imagem mais o inflamma,  
Meigo bico de gaz á lua chama;

Se em bombastico estylo hymnos entôa  
Ao mar, que ronca, e ao trovão, que trôa,  
E, escolhendo vocabulos d'arromba,  
Cada verso que faz é uma bomba,  
Que, do povo nos bolsos rebentando,  
Espalha os pintos, fumo, só, deixando;  
Se gordos palavrões juntando aos centos  
Os enfia em cordel, sem pensamentos,  
Sem uma ideia só, que mostre engenho;  
E de promessas taes no desempenho  
Só dá sobre sandice frioleira,  
Um prologo, por fim, é sempre asneira.

Se, modesto, o escriptor diz no começo  
Que aos seus versos jámais ligára apreço;  
Que sem estro, d'estudos separado,  
Mão da lyra lançou por desenfado,  
E aos amigos cedendo — que á porfia  
O instavam para os dar á luz do dia —  
Ao prelo os dera, d'ambição ausente;  
(Vendendo-os por dinheiro a toda a gente)  
Se da critica audaz, temendo o effeito  
Curva a frente, submisso, e com respeito  
Lhe pede que não venha, desalmada,  
Nas costas estender-lhe a rija espada;  
Se prova em rima quanto disse em prosa,  
Comparando o botão da idalia rosa,  
Com os labios sem *par da* sua amada,  
Ás vezes, mais que *parda*, amulatada;  
Ao doce orvalho da rosada aurora,  
Chuva que cae, ou lagrimas que chora,  
E outras *imagens*, muito em verso usadas,  
Que nada representam, por safadas;  
Se, ao passo que aos amigos obêdece,  
Jura, á face do ceo, que se conhece,  
É tólo, é parvo, e diz á terra inteira:  
Um prologo, por fim, é sempre asneira.

Nem fugir podem da fatal verdade  
Os que o valor invocam d'amizade,  
E ao publico vem dar seus livros, cheios  
De criticas, e prologos alheios:  
Seja embora o censor homem sizudo,  
Ou falso adulator, que incensa tudo,

Inda fica a sentença verdadeira :  
Um prologo, por fim, é sempre asneira.

E não se agaste alguém que os tenha escripto,  
Que eu vou dar a razão d'este meu dito :

Se um critico de nome, abalisado,  
Que do prologo fôra encarregado,  
Saber apenas tem, mas não coragem  
Para dizer, em franca linguagem,  
Que é bom moço, e honrado o seu amigo,  
Mas que do senso e gosto é inimigo,  
Como ha-de encher dez folhas do volume?  
Juntando os versos todos em cardume,  
E dizendo ao poeta : « És um portento!  
« Que rara perfeição! Que sentimento!  
« De Bocage, Camões e Tolentino,  
« Quanto em louvor se diz é desatino :  
« São teus versos mais bellos — são perfeitos —  
« Ricos d'imagens, ricos de conceitos,  
« Dão-te um nome immortal, que a antiguidade  
« Não pôde a ninguem dar com mais verdade!  
« *Lamartine*, que a França toda admira,  
« Se ouvir podéra os sons da tua lyra,  
« Pela mão te levára ao alto assento  
« Que na Gloria lhe dera o seu talento ;  
« Ávante, pois, amigo, ávante! á Gloria!  
« Prosegue, que o teu nome é já da historia »!  
E como o destro e fino saltimbanco  
Que de papel azul, vermelho e branco,  
Cobre as esquinas das mais bellas ruas,  
Pretendendo inculcar proezas suas ;

Pintando posições, com tinta incerta,  
Com que deixa os pataus de bôca aberta ;  
Pelos nomes citando mil cidades  
Que pasmaram de taes habilidades ;  
Os applausos que teve em toda a parte,  
Mimos e distincções em honra d'arte ;  
E chamando a attenção d'um povo inteiro,  
Se mostra, emfim, audaz pelotiqueiro,  
Torcendo o corpo todo, em piruetas,  
Dando saltos por cima de bayonnetas,  
Ligeirezas fazendo, d'arte alheias,  
Só proprias de palanques, nas aldeias ;  
— Assim o louco vate vem á praça  
No *prologo-cartaz*, que o povo embaça,  
O leitor illudir, que obrigar tenta  
Esse livro a louvar, que lhe apresenta,  
Que por dicção, por gosto, e pela rima,  
De critico sagaz já teve a estima : —  
Mas, longe de mostrar tanta belleza,  
Tanto gosto e lição, tanta agudeza,  
Lá vem um verso extenso, outro vem manco,  
E ligeiro, qual outro saltimbanco,  
Que transpõe as bayonnetas, sem receio,  
Assim o trovador, d'animo cheio,  
Principia a saltar, em toda a parte,  
Por cima do bom senso e regras d'arte,  
Deixando o amigo seu por mentiroso,  
Ou por fraco, talvez, que attencioso  
Não pôde o que sentiu dizer ao vate,  
E deixou campear o disparate !  
— E o publico sensato, que verdade  
Julgára quanto disse a authoridade,

Comigo então dirá d'esta maneira:  
Um prologo, por fim, é sempre asneira.

Se o critico, severo e rigoroso,  
Põe de parte a amizade, e, audacioso,  
A louças pretensões movendo guerra,  
Quer do vate a illusão lançar por terra,  
Sem a fama temer pôr-lhe em ruinas;  
— E, entre duas bellezas pequeninas,  
Ao vêr grande sandice entrincheirada,  
Sem a mais attender, empunha a espada,  
Fundo golpe lhe dá, que a desaloja;  
E não só das bellezas a despoja,  
Que a acoitavam alli, mas — por perrice —  
A mostra tal, qual é, gorda sandice;  
— Se o poeta acceitando o correctivo,  
Passar deixa o defeito primitivo,  
Dando em meio do livro o verso errado,  
Que no prologo, já, fôra apontado,  
Não póde contestar que o seu volume,  
Que pouco, ou nada, bom, em si resume,  
Esta verdade traz por companheira:  
Um prologo, por fim, é sempre asneira.

Eu, que não ousou alardear talento,  
Nem vasta erudição, fingindo, ostento;  
Que, rimando, não quero armar á gloria,  
Nem pretendo o meu nome vêr na historia; —  
— Eu, que nem posso, d'ambição ausente,  
De graça dar o livro a toda a gente;  
Que um juizo não dou d'authoridade,  
E deixo a todo o mundo a liberdade



— Porque o preço colhido assim o manda —  
D'arvorar-se em juiz n'esta demanda ;

Um prologo não faço — que não tenho  
Um modelo a seguir — falta-me o engenho  
Para ao fim caminhar, sempre afastado  
Da estrada que já teem muitos pizado ;  
E d'esses que até hoje eu tenho lido,  
Apenas consegui ser convencido  
Que, nova, ou velha, já, seja a maneira,,  
Um prologo, por fim, é sempre asneira.





### **Introdução do Bardo (\*).**

Eis ahí mais um jornal  
De versos, á luz do dia!  
E ninguem tome isto a mal;  
Haja, ao menos, de poesia  
Abundância em Portugal.

Esses vates, escolhidos,  
Que n'esta empreza afanosa  
Se acham, comigo, envolvidos,  
Pela lyra sonora  
Se tornaram conhecidos.

Foi isso que me excitou  
Leda esperança, e se espero  
Vir a ser o que não sou,  
Por tal caminho só quero  
Chegar onde alguém chegou.

(\* ) Esta poesia serviu d'introdução ao BARDO,  
jornal poetico, que o author redigiu.

Não vem de taes intenções  
Ao meu nome algum desdouro;  
Tambem tenho pretensões  
A c'rôas, se não de louro,  
Ao menos, de dez tostões.

Se a *gloria* tambem fascina  
Minha fraca intelligencia,  
Que importa, se ha gente fina  
Que ás vezes cae na demencia  
Por causa da tal *menina*?...

Que tem que me fira a mão  
D'uma critica irrisoria?  
Em religiosa funcção,  
Tambem quem assiste á *Gloria*,  
Já sabe que tem *sermão*.

Tudo, portanto, reclama  
Que eu prosiga n'este intento;  
Sou homem, aspiro á fama,  
E assim, sem mais comprimento,  
Eis-aqui o meu programma.

D'afamados escriptores  
Pilharei *lanças, arnezes,*  
*Estrellas, prados, e flôres;*  
Roubarei, até, mil vezes  
A paciencia aos meus leitores.

*A argentea luz do luar,  
As arcadas e obeliscos,  
Rochedos, ondas do mar,  
Rouxinoes, pardaes e piscos,  
Não ficarão por cantar.*

*Cantarei a acção guerreira  
Do campeão altivo e destro;  
E, estando a Musa ronqueira,  
Me virá soprar ao estro  
A doce briza fagueira.*

*Tambem as Ellas mimosas,  
Hão-de ao vate apaixonado  
Arrancar trovas queixosas,  
Embora o novo penteado  
Lhes dê visos de tinhosas.*

*Soltarei sentidas queixas  
Por lhe terem já fugido  
Aquellas lindas madeixas,  
Que antes tinham concorrido  
Para tão lindas endeixas.*

*Lamentarei que as donzellas,  
Por que a moda, em seus rigores,  
Quer tornar feias as bellas,  
Mostrem testas bicolores,  
Por falta das bambinellas.*

Pedirei com devoção  
Que as meninas mais janotas,  
De colletes de fustão,  
Não se apresentem de botas,  
Com espóra no tacão.

Pela patria desditosa,  
Ouvirá todo o Universo  
Minha voz triste e queixosa ;  
Que muito ha quem negue em verso  
Aquillo que prova em prosa.

Ao som da lyra cadente,  
Misturarei com meus ais  
À saudade atroz, pungente,  
Versos tão sentimentaes,  
Que farão rir toda a gente.

Pedirei ao ceo piedoso,  
Que a não livrar da amargura  
O meu viver tormentoso,  
Me encaixe na sepultura,  
Longe do mundo enganoso.

E dando forte massada,  
D'hoje a moda seguirei,  
Em tudo romantisada,  
E tanta cousa direi  
Que, por fim, não direi nada.

● fim do mez.

Vejo alegre correr o mez sereno,  
N'um prosaico viver sempre embebido;  
Obrigado a aturar grande e pequeno,  
Que lucro apenas deixam, resumido;  
Limitado a sentir prazer ameno  
No *innocente* cavaco, appetecido:  
Só quando o fim do mez se vem chegando,  
Começam-me os parceiros requestando.

Lá chega um assignante, impertinente,  
« *O Bardo quando sahe?* » diz muito serio:  
Pergunta, para os mais, tão innocente,  
Envolve, para mim, fundo mysterio:  
Estará pelo vêr impaciente?  
Será isto elogio, ou vituperio?...  
Pesada obrigação! horrivel fardo!  
Quem deu tostões oito tem jus ao *Bardo!*  
\*

A invocar principio a pobre musa,  
Para o vate, infeliz, sempre mesquinha ;  
Ora, esquiva, de todo se recusa,  
Ora, se versos dá, mostra que é minha,  
E da exausta paciencia mais abusa,  
Quando do mez o fim mais se avizinha :  
Maldigo então essa hora em que, pateta,  
A mania me deu de ser poeta.

Poeta!... não... perdão... que foi engano!  
Versejador, apenas, como tantos  
Que rimam, por ahí, com fogo insano,  
E o povo fazem rir, com *tristes* cantos ;  
Alto valor mostrando, mais que humano,  
Em *martyrios* soffrer, proprios de santos!...  
Oh vates infelizes!... causaes pena!...  
Que grande alma!... Que veia tão pequena!...

Mas de balde um assumpto achar pretendo,  
É tudo insipidez... monotonia!  
E já vingança atroz estou prevendo,  
Não quero mais fallar da *fidalgua*...  
Supponham que, de mim caso fazendo,  
Um *grande*, muito irado, me dizia :  
Se essa lingua, mordaz, se não esconde,  
Fecho-te a loja, e faço-te *visconde*!

Irra!... feito *visconde*!... um pobre artista  
Mettido em danças altas, quem o atura?  
Sem bens, sem creação, por mais que insista,  
Ha-de sempre fazer triste figura :



Essa grandeza é só fogo de vista,  
Que ardendo brilha, sim, mas pouco dura :  
E d'isto vejo o mundo já tão cheio!...  
Que seja estreito o campo até receio!...

D'amor que dizer posso?... a mocidade  
Passei-a sem nutrir tal sentimento ;  
Hoje, que velho estou, cada beldade  
Perdeu no imperio seu trinta por cento,  
Por fugir-lhe do mar para a cidade,  
Bem que prêso, o cabello, exposto ao vento :  
Demais, respeito assaz o tal *fedelho*,  
Que torna o velho moço, e o moço velho.

Já não tenho theatro italiano,  
Que me inspire, com dôces melodias ;  
Fugio, tambem, de nós o castelhano,  
E tu, bojudá *Valle* (\*), que farias  
Andar certas cabeças, mais d'um anno,  
Como anda a minha bolsa muitos dias!  
Apenas resta ao povo galhofeiro,  
Mais juizo, mais paz e mais dinheiro.

Se ao menos d'Esculapio na sciencia  
Versado me tivesse, eu cantaria  
*Uns ratões* que, em torrentes de sapiencia,  
Fulminam, em jornaes, a Homœopathia ;

(\*) Uma bailarina redonda que dançava no theatro de S. João.

Bradando, se da febre á forte ardencia  
Eu visse que um enfermo succumbia :  
Descereis, Homœopathas, ao inferno,  
Porque não reformaes as leis do Eterno !

Mas sem ter a sciencia profuudado,  
Sobre ella dissertar fôra loucura ;  
Que eu, se um parvo contemplo, enfatuado,  
Que mil sandices diz, quando se apura,  
Fico, sobre a questão, sempre calado,  
Por não me expôr tambem a atroz censura ;  
N'isto, ha-de concordar a séria gente,  
Se mais sabio não sou, sou mais prudente.

Só tenho`no porvir suave esperanza,  
D'assumptos mil colher para a poesia ;  
Verei andar o povo n'uma dança,  
Quando do Sam Miguel chegar o dia ;  
Muita cara verei fazer mudança,  
Tão ligeira, que o vento a não faria ;  
Verei mudar, talvez, para *Pantana*,  
Gente que d'opulenta hoje se ufana !...

Lá vem tambem os banhos, *salutares*,  
Origem de petiscos variados ;  
Verei sem mêdo, entrar por esses mares  
Mancebos, na loucura, denodados ;  
E seu alto valor alçando aos ares,  
Carpindo os que sahirem mutilados,  
Lamentarei que os taes refrigerantes  
Tornem craneos mais quentes do que d'antes.

Principia de novo figurando  
Gente que por ahí jaz escondida ;  
Ha bailes, e saraus, onde, dançando,  
Muita dama se torna conhecida ;  
Cantoras, bailarinas vem chegando,  
Começa dos jornaes a insana lida :  
À tua vista, inverno carrancudo,  
Succumbê a insipidez... revive tudo!..

Então em versos mil, altisonantes,  
Que possam dar no mundo ingente brado,  
Eu terei de cantar acções brilhantes,  
D'este povo, de todos *respeitado* ;  
Tão alegres verei meus assignantes,  
E o respeitavel publico, illustrado,  
Que se um estranho os vir, dirá contente :  
*Ditosa condição, ditosa gente !*

Porto, 11 d'Agosto de 1832.



**Quero viver para rir.**

O bom Demócrito ria  
Do que a nós nos causa dór;  
Elle mui bem o entendia :  
Vamos nós tambem, Senhor,  
Fazer o que elle fazia.

N. TOLENTINO.

Alguns vates eu conheço  
Que me inspiram compaixão,  
Por darem subido apreço  
A cousas que nada são :  
A julgar pelos seus versos,  
Vivem na tristeza immersos,  
Não fazem mais que gemer ;  
Descrêem do amor, d'amizade,  
Erguem cantos á saudade,  
E por fim querem morrer !

Anhelam da vida o cabo,  
Chamam-se espectros a si,  
E fallam, que teem diabo,  
Em cousas que eu nunca ouvi;  
Nos seus tão sentidos cantos  
Fallam só em ais, em prantos,  
Em torturas e afflicções:  
Não ha leitor tão perdido,  
Que não leia, commovido,  
Essas *tristes* producções...

Pobres mancebos, coitados!  
Quanto differem de mim!  
Já do mundo estão cançados?  
Pois eu cá não sou assim:  
A par de muita miseria  
Ha cousas com tal pilheria,  
Que se não póde exprimir;  
E eu, que aprecio a chalaça,  
Hei-de morrer?... isso é graça!  
*Quero viver para rir.*

Pois não é muito chistoso  
Vêr qualquer Manoel João,  
Embora seja um leprôso,  
Ir ao chrisma, e ser — Barão?  
Vêl-o já mettido em vicios,  
E receber dos patricios  
Um sincero — *bosmecl*;  
E com seu titulo ufano,  
Por fugir d'algum engano,  
Nunca mais largar o — B — ?

E ao dar titulos a êsmo,  
Transformar qualquer sandeu  
Em Visconde de si mesmo,  
Digo, do appellido seu,  
Não é bastante jocoso?  
Será menos curioso  
Vêr depois estes ratões  
Estudarem, noite e dia,  
Folheando a Nobliarchia,  
A vêr se encontram brazões?

Não valerá outro tanto  
Vêr, n'um chôcho folhetim,  
Fallar da orchestra, e do canto,  
Alambicado *chinfrin*?  
Não desafia a risada  
Alguem que, pela calada,  
Vem apontar o escriptor,  
Dizendo que é um Cupido,  
Que nem distingue, no ouvido,  
Um cornetim d'um tambor?

Não é tambem cousa linda  
Vêr ahi qualquer lapuz,  
Sem, ao menos, saber inda  
Fazer o signal da cruz,  
Como um possesso fallando,  
Mil sandices vomitando  
Contra a nossa Religião,  
E, prégando um dia inteiro,  
Sahir-se como um sendeiro,  
D'onde entrou como um Catão?

Não promove immenso rizo,  
Ouvir por esses cafés,  
Moços que dizem ter sizo,  
Mettendo as mãos pelos pés?  
Fallando em toda a materia,  
Em questão jocosa, ou séria;  
Soltarem lingua mordaz  
Contra sabios escriptores,  
Os que a escrever são peores  
Do que na eschola um rapaz?

Não é bom vêr mascaradas,  
Já depois do Carnaval,  
As madamas, penteadas  
Como as doudas no hospital?  
Vêr pelo mundo dispersos  
Mil fabricantés de versos,  
Que apenas sabem rimar?  
E eu, que tenho igual mania,  
Levar a minha ousadia  
A ponto de os criticar?

É tudo isto tão jucundo,  
Tem, para mim, graça tal,  
Que só me afflige, no mundo,  
O não ser eu immortal!  
Se em momentos de delirio  
Eu disser que atroz martyrio  
É para mim o existir,  
Não julguem que estou zombando;  
Mas hoje, sério fallando,  
*Quero viver para rir.*

**No Album**

DO MEU INTIMO AMIGO CARLOS NOGUEIRA PINTO GANDRA.

Amigo, Carlos Nogueira,  
Pedes um canto da lyra,  
A quem apenas lhe tira  
Sons de viola chuleira?  
Insistes d'essa maneira?  
Não sabes que, por desgraça,  
Por mais esforços que eu faça  
Por ser vate, é sempre em vão?  
Não vês que mente o rifão:  
*Quem porfia mata caça?*

Escrever n'um album!... Credo!  
Expôr-me á critica austera!  
E se um douto me impozera  
Pena de longo degredo!  
Nada... nada, tenho medo  
D'ir a alguém desagradar;  
Não ponho o meu nome a par  
Dos que teem estro e sciencia;  
Amigo, tem paciencia:  
*Quem não tem, não pôde dar.*



Eu quizera enriquecer-te  
O Album com versos meus;  
Mas não sei, valha-me Deus...  
E tenho d'obedecer-te!...  
Emfim, vou satisfazer-te  
Como possa, ou mal ou bem;  
Comtudo, se os vir alguém  
Que d'elles zombe, e de mim,  
Defende-me, e dize assim:  
*Cada qual dá o que tem.*

Mas... de brizas, rosas, fadas,  
D'estrellas, te hei-de eu fallar?  
De rôlas, conchas do mar,  
Ferros velhos, trapalhadas?  
Rodilhas apontoadas,  
Isso não, que é cousa feia;  
Mas se não tenho na ideia  
Um só pensamento novo,  
Seguirei a voz do povo:  
*Quem não pôde trapaceia.*

Se eu tivera uma donzella  
Que a dentuça me mostrasse,  
E, por mim, se conservasse  
Dia e noite na janella;  
Verias então uma — *Ella!*... —  
Meigo canto á minha dama;  
Que para isso até na cama  
Dera tratos ao miôlo,  
Embora morresse tôlo:  
*Morra o homem, fique fama.*

Mas as meninas solteiras  
Teem coração d'estalagem,  
Onde acham *breve* hospedagem  
Janotas, e parvalheiras ;  
E as minhas fórmas grosseiras,  
Este meu nariz enorme,  
Este corpo, tão disforme,  
Não me deixam namorar ;  
Demais, quero descançar :  
*Quem tem amores não dorme.*

Se eu fôra *politicão*,  
Dos que vão para o Guichard,  
Sem dôr o peito rasgar,  
Dar á Patria o coração ;  
Um hymno tecêra então  
Excitando a lusa terra !  
Bradaria : — guerra!... guerra!...  
Eia ávante, a ferro e fogo!...  
Mas não... que diriam logo :  
*O cão que ladra não ferra.*

Se eu, por ser grande inventor,  
Por meu saber litterario,  
O labéo de plagiario  
Me não podêra alguém pôr ;  
Então armára ao louvor,  
Quizera c' roas de louro ;  
Mas é baixeza, é desdouro  
Figurar com bens alheios...  
E d'isto ha volumes cheios...  
*Nem tudo o que luz é ouro.*

Dera-me hoje por contente,  
Se em dôce canto, divino,  
Eu, d'amizade, n'um hymno,  
Dissera o que o peito sente;  
Mas falta-me a voz cadente,  
E na lyra a confiança;  
Tenho perdido a esperança,  
Que n'outro tempo nutria,  
Quando minha avó dizia:  
*Quem espera sempre alcança.*

Já vês que pela poesia  
Não se augmenta esta amizade,  
Que já da infancia na idade  
O meu ao teu peito unia;  
Mas a mutua sympathia  
Que em nossos peitos floresce,  
Penhor seguro offerece  
D'infinda duração;  
N'isto não mente o rifão:  
*Quem bem ama, tarde esquece.*

6 de Setembro de 1880.



**Um passeio á Foz.**

.....  
Marcha a Tropa ; Amor a guia ;  
Tu que a mesma estrada trilhas,  
Mostra-me em todo esse dia  
Coisas, que não fossem filhas  
Da innocencia, e da alegria !

Dizes que pobres Donzellas  
Vão os olhos enganando  
Com postiças tranças bellas,  
E chitas de contrabando,  
Que ainda são das Adelas?...  
.....

N. TOLENTINO.

Da feia insipidez aborrecido,  
Que estende na cidade o seu imperio,  
Quando o fecundo estio, appetecido,  
Lá vai dulcificar outro hemispherio ;  
Este povo deixando submergido  
N'um silencio d'escuro cemiterio,  
Vesti a casaquinha afiambrada,  
E da *soberba* Foz segui a estrada.

Era domingo, despontava a aurora,  
As seges e carrinhos já voavam,  
Em busca das meninas que, a tal hora,  
Já os cabellos seus arripiavam,  
Dispondo-se a gastar *a trote*, agora,  
Tudo o que *a passo*, outr'ora, os paes ganhavam,  
Quando eu, da celebrada Miragaia,  
Sósinho me sentei, na amena praia.

Alli me demorei, analysando  
D'este povo o delirio, tão insano;  
Animal orelhudo cavalgando,  
O janotinha ao lado, muito ufano,  
Vi donzellas, as sêdas assoalhando,  
Que jazeram guardadas todo o anno;  
Em quanto o gordo pae, e a mãe roliça,  
Bem longe da filhinha, ouviam missa.

Em soberbos cavallos, bem montados,  
Vi correrem galhardos cavalleiros,  
Como depois dos banhos acabados  
Seus donos correrão, dias inteiros,  
Por causa d'alugueis, tão bem ganhados,  
Em busca dos tafues aventureiros;  
D'alegria devendo ficar cheios,  
Recebendo os cavallos e os arreios.

Em tysicos jumentos, abatidos  
Ao pêso de pomposas bagatellas,  
Vi damas, com esplendidos vestidos,  
Com lindas fitas brancas e amarellas,

E chailes que eram já meus conhecidos,  
Por me verem passar pelas adellas;  
E para unida vêr loucura tanta,  
O caminho segui da *Terra Santa*.

Alli, depois de ter enfunilado  
D'*innocente* café meia tigella,  
Com fatias d'um pão, que o mez passado  
Sete dentes quebrou d'uma donzella,  
Hoje só, na dureza, comparado  
Á conta, que paguei pela tabella,  
Á missa logo fui, onde, decente,  
Por moda já não ser, vi pouca gente.

Marchei d'alli á praia, onde reunidos  
Sobre os altos rochedos, espantados,  
Eu vi muitos janotas, conhecidos,  
Entre mil papelões ajanotados;  
Vi outros que, de todo escandecidos,  
Ás aguas se lançavam, denodados;  
Vi mais, muitos fidalgos, parvalheiras,  
Pasmados para as *ondas bolideiras*.

E roubando o lugar aos caranguejos,  
Alli, na maré cheia, aposentados,  
Eu vi, aproveitando os bons ensejos,  
Mancebos, aos penedos agarrados;  
E quantos nutririam vãos desejos,  
De em caranguejos serem transformados,  
E, da toca sahindo, ardendo em zêlo,  
Ir as damas morder no tornozêlo!

De luzente verniz justo sapato,  
Que ao mestre, em vez de lucro, deixou mágoa;  
Calcinhas, e vestidos d'apparato,  
Que treme a terra ao vêl-os entrar n'agoa,  
Ao banho vi correr, estupefacto,  
Madamas que por casa andam d'anagoa;  
Gostei de vêr assim tractar o Oceano,  
Quem só vai visital-o d'anno em anno.

De calça de funil, com puxadeiras,  
E lustrosos botins envernizados,  
Pasmado vi sabirem das fileiras,  
E entrarem para o banho, até frizados,  
Vomitando — *em francez* — mil frioleiras,  
Mañebos que eu suppunha ajuizados;  
E tanta dôr os pobres me excitaram,  
Como os paes, que para isso os não crearam.

Rapazes vi tambem, inda mamotas,  
Na maneira d'andar fazendo ensaios;  
Vi lacaios vestidos de janotas,  
E janotas vestidos de lacaios;  
Ouvi empavezados idiotas  
Fallando como fallam papagaios: —  
Só quando a arida praia achei vazia,  
Fui buscar distracção na hospedaria.

Alli é que era mesmo um ceo aberto!  
Garrafas a esgotar, limpando pratos,  
Causava gosto vêr, qual mais esperto,  
Um tremendo esquadrão de litteratos,

\*

Que, inda na juventude, são de certo  
De Cicero immortal fieis retratos;  
Que inexgotaveis fontes de sciencia!...  
Que famosas torrentes de eloquencia!...

Um, n'um bello discurso, e não *com sizo*,  
A mais pensada lei faz em farrapos;  
Lá pede outro a palavra, e d'improviso  
Sete constituições desfaz em trapos;  
Quer outro, que suppõe ter mais juizo,  
Levar os governantes a sopapos!  
Torna-se a discussão acalorada,  
Põem-se tudo a fallar, ninguem diz nada!

Terminou-se o jantar, todos fumavam,  
Eis que invadem a sala, de repente,  
Uns tafues que, nos rostos, inculcavam  
Serem lá do Alto Douro, e d'alta gente;  
Mostrando, pelas fallas que soltavam,  
Ter cada qual um rei por ascendente;  
Vinham por uns ratões acompanhados,  
Ao *monte*, sem ser feras, costumados...

Tomaram estes logo a presidencia,  
E por mais occultar subtis enganos,  
Aos *nobres* offerecem convivencia  
Com *damas*, *condes*, *reis* e *soberanos*...  
Semeando começam a *excellencia*,  
Que os pobres pagam cara, mas ufanos...  
Já que tão *códeas* sois, ó parvalheiras,  
Sem *miólo* ficaes nas algibeiras!



Deixei, farto de Foz, a hospedaria,  
Quando já, brandamente declinando,  
O sol, envergonhado, se escondia,  
E a noite vinha o manto desdóbrando:  
Parei na Cantareira, ao fim do dia,  
No ceo fitando os olhos, e exclamando:  
Que é isto, justo ceo, que não te boles?  
Que nem fazes da Foz um Rilha-folles?

Immensa multidão lá se descobre  
No logar onde esperam passageiros,  
Que o vapor os *vá pôr* na Porta Nobre;  
Ri-se a gente do *tom*, dos cavalleiros  
Que, sem que aureo metál assaz lhe sóbre,  
Fidalgos querem ser, e não caixeiros;  
Em quanto que o patrão, lá na cidade,  
Ficou de mãos erguidas na Trindade.

O *Duriense* (\*) partiu; marchei, por terra,  
Porque sou mui cobarde nos revezes,  
E escuto como alguma gente berra,  
Quando o *lindo* vapor, não poucas vezes,  
Com pedras, agua e vento, em crua guerra,  
Se dispõe a mangar dos portuguezes:  
O passeio findei, bom de saude,  
Se mal o descrevi, fiz o que pude.

Porto, 8 d'Outubro de 1853.

(\*) Pequeno barco, movido a vapor, que morreu de paixão por não poder andar tanto como um carroção puxado a bois.

**Casarei?**

(AO MEU AMIGO SAMUEL CESAR DE CARVALHO).

Quando sósinho me vejo,  
No meu quarto, a meditar,  
Sem ter quem venha, sensível,  
Minhas mágoas adoçar,  
Sinto na mente passar-me  
O desejo de casar:  
Depende d'isso o meu bem?  
Pois casarei... mas com quem?

C'uma pequena galante,  
D'estas que inspiram paixão?  
Mas se, por conveniencia,  
D'esposa me dér a mão,  
E quizer conservar livre  
O voluvel coração?  
Não a quero... é perigoso,  
E eu sou muitó escrupuloso.

Desposarei uma feia,  
Que a ninguém revele agrado?  
Que, aborrecida por todos,  
Me não infunda cuidado?  
Fôra uma acertada escolha  
De quem é desconfiado;  
Porém não... do todo seu  
Ninguém gosta? — pois nem eu.

Buscarei moça que tenha  
Com que eu possa figurar?  
Mas... quem sabe se, querendo  
Proibir-me de gastar,  
Me dirá, batendo o pé:  
Se lhe custasse a ganhar!  
Não quero, que anda depois  
O carro adiante dos bois.

Casarei com mulher pobre,  
Que seja honesta e formosa?  
Póde ser... mas se do luxo  
Se tornar ambiciosa,  
E julgar que não é moda  
O ser pobre e virtuosa?..  
Nada... nada... não aceito...  
Para cego não me ageito...

Escolherei uma velha,  
Que me chame o seu menino?  
Mas se ella se faz zelosa,  
E tenta dar-me o ensino?

Estas velhas rabugentas  
Fazem cada desatino!  
Não... só se ella prometter  
De em breve tempo morrer.

Talvez que uma viuvinha  
Fosse boa aquisição;  
Porém temo que o defuncto  
Lhe levasse o coração;  
Nem ficam bem ao mancebo  
Trastes em segunda mão:  
Não quero, que ha-de tambem  
Fallar sempre em quem Deus tem.

Não quero a moça galante,  
Que talvez me julgue feio...  
Feia, rica, pobre, ou velha,  
Todas me infundem receio;  
Tambem não quero a viuva,  
Resta-me apenas um meio:  
Como todas teem seu mau,  
Comprarei uma de pau.

Valpedre, 17 de Junho de 1851.



**Que mundo este!**

Coitado de quem se obriga  
Este mundo a descrever;  
Por muito que d'elle diga,  
Mais lhe fica por dizer;  
Debalde irei dissertando,  
O vicio atroz fulminando,  
Nos homens, e nas mulheres,  
Que é no deserto bradar;  
Mas hoje tenho vagar:  
*Quem tem vagar faz colheres.*

É certo que eu não queria  
Aggravar chagas d'alguem;  
Mas que importa, se hoje em dia  
Não se respeita ninguém!  
Não me teem, linguas damnadas,  
Dado terriveis picadas,  
Que ferem mais que uma adaga?  
Teem... e devo então poupal-os?  
Isso não... hei-de tozal-os:  
*Amor com amor se paga.*

Se vejo um padre, janota,  
Pela rua a namorar ;  
De verniz luzente bota,  
Casaquinha a dar, a dar,  
Não posso ficar calado ;  
Quem abraça tal estado,  
É mister que se lhe acabe  
O gôso que o mundo tem ;  
Se o ser padre sabe bem,  
*Caro custa o que bem sabe.*

Mas se o traje o denuncia,  
Mais offende a sã moral,  
Vêr no véo da hypocrisia  
Envolto o genio do mal ;  
E quantos, infelizmente,  
São o opposto, internamente,  
Do que parecem ao longe!...  
Se n'isto um pouco medito,  
Dou o dito por não dito :  
*O habito não faz o monge.*

Se contemplo um miserando,  
Que faz um triste papel,  
Os *partidos* bajulando,  
Sendo a todos infiel,  
Fico então desapontado ;  
Não é justo que, empregado,  
Vá limpar-se da carepa,  
Quem vivia entregue ao vício :  
Que aprenda qualquer officio,  
*Quem quer a bolota trepa.*

Se vejo um commerciante,  
Atropellando o dever,  
Ser em tudo traficante,  
Cuidar só d'enriquecer;  
Os incautos enganando,  
Em publico apresentando  
Aspecto d'austero monge,  
Tambem calado não fico;  
Seja honrado, e será rico:  
*De vagar se vai ao longe.*

É verdade que hoje o pobre,  
O plebeu, não tem valor;  
Seja o homem rico, e nobre,  
O meio... seja qual fôr;  
Como haja magnificencia,  
Dinheiro, muita *excellencia*,  
Muita, servil, barretada,  
Que importa que o mundo falle?  
Quem muito tem, muito vale,  
*Quem não tem não vale nada.*

Se um homem aventureiro,  
Sem talento ou instrucção,  
Hoje vejo *cavalleiro*,  
Amanhã *senhor barão*:  
Outro dia *deputado*,  
Logo *ministro d'estado*,  
Sem ninguem saber porquê,  
Com sentimento profundo,  
Eu só digo — ah mundo, mundo!  
*Quem te viu e quem te vê!*

Se vejo um velho, chibante,  
Contra a Natureza, audaz,  
Ella a curvar para diante,  
Elle a vergar para traz ;  
Julgo que esse estonteado  
É o seculo passado  
No presente a figurar,  
E brado, soltando o rizo :  
Alto lá ! tenha juizo !  
*Quem andou não tem p'ra andar !*

Se vejo, abrindo caminho,  
Em dias de procissão,  
No descoberto carrinho,  
Jañota parlapatão ;  
Com suor correndo em fio,  
Como quem por desafio  
Longa corrida já trouxe,  
Digo — tendo compaixão  
Do cavallo e do patrão : —  
*Quem não tem pé não dá couce.*

Se um litterato, *pimpolho*,  
Ouço, fallando de si,  
Sem deitar o rabo do olho,  
A vêr se a gente se ri ;  
Achando graça aos seus ditos,  
Notando nos seus escriptos  
Estupenda erudição,  
Não censuro o pobrezinho ;  
Antes digo — coitadinho !  
*Não tem mais na sua mão !*



Se vejo um pobre pateta  
Arvorado em redactor,  
Julgar-se grande poeta,  
Abalisado escriptor;  
E, desprezando dos velhos  
Prudentes, sabios conselhos,  
Fazer figura nojenta,  
Não entro com elle em briga,  
Não... que temo que alguém diga:  
*Quem tem rabo não se assenta.*

Se escuto um *scepticosinho*,  
Dizendo que já não crê;  
(Quando para o bigodinho  
Só o lugar se lhe vê);  
A fallar em desalentos,  
Em amor, paixões, tormentos,  
Com insolito desgarro,  
Passo-lhe a mão pelo rosto,  
E digo — forte desgosto!  
*Já a formiga tem catarro.*

Se um janota vejo, pobre,  
Como o rico a figurar,  
E, com fumaças de nobre,  
Pôr-se dos grandes a par;  
Buscando todos os dias  
As luzidas companhias,  
A gastar em desperdícios  
O que tem e o que não tem,  
Digo logo — não faz bem:  
*Quem é pobre não tem vícios.*

Se uma bella dama vejo  
Em bicos de pés a andar,  
Outra não perdendo o ensejo  
D'um — *v* — por — *b* — encaixar;  
Uma velha de calcinhas,  
Com as faces vermelhinhas,  
Da côr que o droguista dá;  
Exclamo, soltando o rizo:  
Se aos homens falta o juizo,  
*Cá e lá más fadas ha.*

Mas uma voz que, isolada,  
Queira o vicio combater,  
Quando parar, fatigada,  
Muito deixa por dizer;  
Silencio, pois, Musa minha,  
Que não pódes, por mesquinha,  
Levar essa empreza ao cabo;  
E se tentasses fazêl-o,  
Talvez te fossem ao pêllo:  
*Aqui torce a porca o rabo.*

Junho 17 de 1852.



**A minha Ella.**

A minha linda amada como as outras,  
Não junta á formosura a hypocrisia,  
É linda como o sol, e ao mesmo tempo  
Tão pura, tão celeste como elle ;  
Os raios que reflecte no meu peito  
São raios, que uma nuvem não baccia,  
Luzem no coração sem abrasal-o.

J. F. DE SERPA.

Eu já senti um desejo  
Que a poesia me inspirou,  
E deu-lhe entrada um bocejo  
Que a poesia occasionou ;  
Li uns versos amorosos,  
Tão *sentidos*, tão *mimosos*,  
Que jámais vi cousa assim ;  
Era um vate, *ameno e brando*,  
A sua *Ella* cantando,  
Que era um *anjo*, um *cherubim!*

A face pura e mimosa,  
D'açucena era rival;  
Tinha os *labios côr de rosa*,  
Ou não sei se de coral;  
Tinha de *marfim* os *dentes*,  
Tão *alvos*, tão *refulgentes*,  
Que eram mesmo d'espantar!  
Tinha um espirito agudo!  
•Era grande e bella em tudo!  
Era uma *Ella sem par!*

Li outra poesia, *bella*,  
Que inda mais me impressionou;  
Era feita a uma — *Ella!*  
O author... não se assignou...  
Essa, então, é que era um *anjo*,  
Um *seraphim*, um *archanjo*,  
*Tão formosa, que mais não!*  
N'alma e corpo era tão *linda*,  
Que outra assim não vi ainda!  
E tambem era *pernão*.

E fiquei, desde esse instante,  
Dizendo cá para mim:  
Tambem quero ser *amante*,  
Tambem quero uma *Ella* assim:  
Quero uma *joven selecta*,  
Que d'est'*alma da poeã*  
Entenda as *meigas canções*;  
Quero em seus *olhos, formosos*,  
Ir com meus olhos, *chorosos*,  
Receber *inspirações!*....

Eia ávante!... mãos á obra,  
E o meu plano ha-de ir ao fim;  
Como ha donzellas de sobra,  
Uma ha-de haver para mim!  
Encontrei-a... é coisa fina!  
Eis-me já, d'esquina a esquína,  
Dia, e noite, a namorar;  
Mas quando estava cahido,  
Foi outro canto, *sentido*,  
Que me veio levantar.

O que dizia esse *canto*,  
Nem eu sei se o contarei;  
Se fôra escripto com *pranto*,  
Se com tinta... nem eu sei:  
« És uma *ingrata!* És *perjura!*  
« Pretendes na *sepultura*  
« Vêr-me, lançado por ti!  
« És mais dura que uma *rocha!*  
« Apagaste-me uma tocha,  
« Que, ao vêr-te, *n'alma accendi!*

« Estou *sceptico!*... *descreio*  
« De tudo... mesmo do *amor*;  
« Rasga-me um *punhal* o *seio*,  
« Não posso com tanta *dor!*  
« Tu me déste do *ciume*,  
« Em *torrentes*, o *azedume*,  
« Que um *espectro* me tornou! »  
Eis o *canto* arrebatado,  
Que o pobre *vate*, *abrazado*,  
Nos *fin*s da *vida*, cantou!

Li tudo!... fiquei absorto!...  
Depois, *triste*, meditei ;  
Se era *vivo*, se era *morto*  
Longo tempo duvidei ;  
E, carpindo o *desgraçado*  
Que assim fôra atraídoado  
Por uma *Ella sem par*,  
Disse, olhando o quadro tetro :  
Temo também ser *espectro*,  
Já não quero namorar.

Não, que temo que uma *bella*  
Intente zombar de mim ;  
Mas... serei *Elle* sem *Ella*,  
D'esta vida até ao fim?...  
Quando n'isto meditava,  
E, sósinho, passeava,  
Uma estranha apparição  
Me tornou estupefacto,  
Sem decidir se era factó  
O que eu vi, se era *visão*!

Atravez d'um vidro claro  
Vi um *anjo sem igual* ;  
De *candor* prodigio raro,  
Uma *belleza ideal* ;  
Tinha a *face tão mimosa*,  
Já se entende, como a *rosa* ;  
Tinha os *labios de carmim*,  
E de *jaspe os niveos dentes*,  
Que me mostrou, *reluzentes*,  
A sorrir-se para mim!

Vejo-lhe abertos os braços,  
Para unir-me ao *coração*,  
Dirijo para *Ella* os passos,  
Vou á loja do *Simão* ;  
Começo a comprimental-a,  
Não responde uma só falla,  
E eu julguei-lhe um peito mau ;  
Vê-me o caixeiro, zangado,  
E me diz, muito espantado :  
Essa menina é de pau !

É de pau!... pois seja, embora,  
A minha *Ella* ha-de ser ;  
Hei-de bem-dizer a hora  
Feliz, em que a pude vêr !  
Será esta a minha *estrella* !  
Hei-de sempre aos labios d'*Ella*  
Ir beber *inspirações* !  
Quebrarei o fado iroso,  
Serei com *Ella ditoso*,  
E tudo por seis tostões!...

Agora sim, já não temo,  
Victima d'uma *traição*,  
Tanto *amor*, e tanto *extremo*  
Um dia carpir em vão ;  
Dia e noite lhe diviso  
Nos labios, *meigo sorriso*,  
Nas *faces* a mesma *côr* ;  
E sempre abertos os braços,  
Para prender-me nos laços  
D'um *sincero e casto amor*.

\*

Se um momento me entristeço,  
Seu *rizo* me consolou ;  
Se um dia não lhe appareço,  
Nem com isso se agastou ;  
E se fallo, diante d'*Ella*,  
Mui *terno*, com outra *bella*,  
Nem assim perturba a paz !  
D'*amor* podesse no *encanto*,  
Como a d'*Ella*, durar tanto  
Minha *existencia fallaz!*...

Agora não sou *descrente*,  
Já não temo *espectro* ser ;  
Nem d'uma *paixão ardente*  
Receio um dia *morrer* ;  
Tenho uma *Ella adorada*,  
*Elegante, e delicada*,  
Graças ao sabio *escultor* ;  
Tem *face pura e mimosa*,  
Tem os *labios cor de rosa*,  
Graças tambem ao *pintor* !

Porto, 28 d'Outubro de 1852.





NA PRIMEIRA PAGINA DO ALBUM DO MEU AMIGO  
ANTONIO BERNARDO FERREIRA.

Um album todo em branco! raridade!...  
E todo ao meu dispôr!... oh que pechincha!...  
Assim é que, em delirios de vaidade,  
Um mesquinho *poeta* todo se incha!  
Ao vêr d'alvo papel a immensidade,  
Já o meu coração cá dentro pincha!  
Venha aqui, de joelhos, todo o mundo  
O meu estro admirar, *sabio e profundo!*

Porém que hei-de escrever? — caro Ferreira —  
Olha que vens metter-me em boa alhada!  
Pretendes tu que a pagina primeira  
Vá com meu nome, obscuro, ser manchada?  
Para cumprir missão tão lisongeira  
Desejos tenho apenas — e mais nada!...  
— Vou (lembrança feliz) seguir um norte:  
A minha comparar á tua sorte.

Talvez porque a Fortuna, variante,  
Para ti se voltou, leda e risonha,  
E estendendo uma tromba d'elephante,  
Tomando catadura atroz, medonha,  
Além de me arrojear de si distante, -  
Até d'olhar-me, só, teve vergonha,  
Me creias, mais que tu, desventurado!  
*Oh triste!... como vives enganado!*

Nasceste entre velludos e cambraias,  
Eu em grossos lençoes d'aspero linho;  
Mas, ai, que tu, mettido nas alfaias,  
Se um gemido soltavas... coitadinho!  
Lá vinham, a gritar, trezentas aias:  
*Acudam, que lá chora o Antoninho!*  
E eu, se uma dôr tinha, ora... berrava,  
Que toda a visinhança se espantava.

Na idade da instrucção, de mêdo cheio,  
Para o collegio foste, e eu para a escola;  
Tu gosavas, nas horas de recreio,  
Um pequeno descanso, por esmola,  
Quando eu, no meu quintal, e sem receio,  
Jogava com rapazes a cachola;  
E nos annos da infancia, a liberdade  
Vale mais que as grandezas n'outra idade.

Depois, ao despontar da juventude,  
Tu foste por um *Anjo* fascinado;  
Mas lá vem do *capricho* o imperio rude  
Teu peito suffocar, incendiado!

Venceste, porque adoras a virtude,  
E amando com ardor, eras amado;  
E eu, quando d'amor me torne escravo,  
Caso, seja c'um anjo, ou c'um diabo!

Tu, hoje, sobre intrepido cavallo,  
Pelas ruas passeias bem montado;  
Porém pódes soffrer tremendo abalo,  
E de costas cahir, no chão, deitado: —  
Eu, que só ando a pé, se tenho um callo,  
Abrindo uma janella no calçado,  
Lá vou decentemente passeando,  
Em quanto tu na cama estás gritando.

Tens coches, carruagens e carrinhos  
Que tornam meio mundo estupefacto;  
Mas se uma roda quebra, em maus caminhos,  
Lá ficas estendido, como um pato;  
E eu, inda que roto em bocadinhos  
Torne, com muito andar, cada sapato,  
Tiro o chapeo, e devoção fingindo,  
Esmola para a missa vou pedindo.

Tens casas, por caseiros occupadas,  
Que demandam de ti despeza insana;  
Eu tenho-as, por botões só habitadas,  
Sem decima pagar, que tanto damna;  
Tens quintas, por heranças, ou compradas,  
Eu, sem isso, tenho uma por semana;  
Tens ouro, que te obriga a estar áleria,  
Eu durmo, e não me assusta a porta aberta!

Vê-te, pois, n'este quadro, e com franqueza  
Dize se, mais que tu, não sou ditoso?  
Se não ha-de a minha alma, á tua preza,  
Sentir o teu estado *lastimoso*?...  
Mas eu, que o vêr-te assim tanto me peza,  
Que teu amigo sou, que sou bondoso,  
Um bom conselho — *gratis* — quero dar-te:  
— Dá-me o que tens — aprende a minha arte.

Porto, 3 de Setembro de 1853.



**o Carnaval.**

Se a moda o quer assim, cale a censura,  
Em quanto o petimetre, e a dama bella  
Dança com gala, canta com doçura...

PAULINO CABRAL.

Que agradaveis illusões!  
Que agitação eu diviso  
No meio das multidões,  
N'este dia, em que o juizo  
Suspende as suas funcções!

*Eu conheço-te!* É o dito  
Que se ouve sahir do seio  
Do *caréta*, em voz d'apito!  
O bonito faz-se feio,  
Torna-se o feio bonito!

Furando como uma agulha  
Um, de *principe* fardado,  
Lá corre, fazendo bulha,  
Como quem diz, muito inchado :  
Deixem passar, que sou *pulha*.

Ri-se d'elle o janotismo ;  
Mas lá surge outro, de *mouro*  
Vestido, com brilhantismo !  
Coitado, por mais desdouro,  
Esse é *pulha* entre o *pulhismo*.

Lá vem a *salovia bella*,  
Em bicos de pés a andar ;  
Corre a canalha atraz d'ella,  
Mostrando, a quem duvidar,  
Que é lá da sucia a *donzella*.

Com sua casaca rica  
Apparece um *lavrador*,  
Cuja luva de *pellica*  
Diz ao povo espectador,  
Que não é nenhum *futrica*...

E cuida ter-nos logrado  
Com cousas tão trívias ;  
Porém... falla o desgraçado...  
É um parvo, que jámais  
Se vira tão aceado.

Lá surge um *Indio* a cavallo!  
Correndo, qual mais ligeiro,  
Os patuscos, a miral-o,  
Decidem ser um caixeiro:  
E quem pôde duvidal-o?

Vem contente pôr-se em praça  
*Pastorinha*, d'alvo collo,  
Mostrando, pela chalaça,  
Que já no *Salão d' Apollo*  
Entrada teve de graça.

Nos theatros e nas salas  
Onde se entra por dinheiro,  
Vêem-se *mouras e zagalas*,  
Dando o braço ao *cavalheiro*,  
Trocando grosseiras fallas.

Ferve a chalaça indecente,  
Indecente ferve a dança,  
Que, enojando a séria gente,  
Depois que um pouco descança,  
Resurge mais insolente.

O que por gosar foi só,  
Um padecente parece,  
Mettido no *dominó*;  
Ri-se quem o não conhece,  
Quem o conhece tem dó.

E ha paezinho, apaixonado  
D'estes folguêdos insanos,  
Que, em *cortezão* disfarçado,  
Leva o filho, de seis annos,  
Ao pé de si mascarado.

E no momento em que vai  
Dizendo graças *sem graça*,  
Se o menino diz — ai... ai!...  
Diz o povo: — Deus te faça  
Menos tôlo que teu pai.

Mesmo a donzella innocente  
Paga, na funcção caseira,  
Ao *Entrudo* o contingente,  
Vestida de *lavradeira*  
Côm sua *figa* pendente.

Dança a *chula* e o *pésinho*,  
A *canna verde*, a *chiquita*,  
A *Constança* e o *Josézinho*,  
Tão insipidas na *invicta*,  
Quanto engraçadas no Minho.

E, quando a mascara tira,  
Deixa todo embasbacado  
O parvo, a quem se encobrirá,  
Que alli fôra, convidado,  
Porque a chorar o pedira.



Vão as carêtas cahindo,  
E, ás vezes, são tão medonhas  
As caras que vem surgindo,  
Que passa as horas tristonhas,  
Quem antes se estava rindo.

Morre, *Entrudo!* E que conheças  
Que ao senso não fazes guerra,  
Sem que a muitos aborreças.  
— Tão leve te seja a terra,  
Como pôzeste as cabeças.

E ao povo, louco ou sizudo,  
Permitta-se um desafogo,  
Nos paroxismos do — *Entrudo* —  
Porque, se hoje é tudo fogo,  
Amanhã é *Cinza* tudo.

Porto, 8 de Fevereiro de 1855.



**Os meus desejos.**

.....  
Quizera só fugir de tanta estima,  
Lívrar-me d'este pelago profundo,  
Mudar da natureza, que me anima,

Subir da lua ao globo alto, e rotundo,  
E depois d'apanhar-me lá de cima,  
Desatar os .....

PAULINO CABRAL.

Se fôra aos humanos dado  
Santas leis desattender,  
Tomando, por seu agrado,  
Nova vida, novo ser;  
Zombar do poder da morte,  
E, livres do extremo corte,  
Ter eterna duração,  
Mais do que eu ninguem gosára:  
Ninguem mais longe levára  
Os seus vôos d'ambição!

Quizera ser vento, e irado  
Soprar do leste ou do sul,  
E vendo apenas pousado  
Um chapeo sobre um taful,  
Envolvê-lo na poeira :  
Em seguida, a cabelleira  
Do janota desfazer ;  
E, se o tormento inda é pouco,  
Fazê-lo andar, como um louco,  
Traz do chapeo a correr.

Quizera ser sol um dia,  
Mas dia de procissão,  
Quando as damas á porfia,  
Ostentam seu brilho, em vão ;  
E vendo uma na janella,  
Com face rosada e bella,  
Que jámais lhe vira alguem,  
Despedir ardente raio,  
Da cara comer-lhe o caio,  
Queimar-lhe a pelle tambem.

Quizera, inda mais, ser lua,  
Ter no ceo a habitação ;  
Que a nuvem, que lá fluctua,  
Offuscasse o meu clarão ;  
E quando dois namorados  
Visse — horas mortas — filados  
Um ao outro, a cochichar,  
Surgir então limpa e clara,  
Dar-lhes de chapa na cara,  
E fazê-los separar.

Quizera ser onda altiva,  
Em cachão sempre a ferver,  
E andar n'uma roda viva,  
Ao mar e á terra a correr;  
E vendo as damas na praia,  
Mostrando as rendas da saia,  
Por capricho, ou presumpção,  
Vir com outras em cadeia,  
Espriar-me pela areia,  
Pregar com ellas no chão.

Ser fogo tambem quizera,  
Que não apagassem alguém;  
E quando no resto ardera  
D'um charuto de vintem,  
Passar então fumegante  
Para as barbas do fumante,  
Que em chammas as visse arder:  
Queimar-lhe a pelle macia,  
Para que as barbas, um dia,  
Não podessem renascer.

Quizera ser da Saude  
Delegado ou Guarda-mor,  
E ao vêr na decrepitude  
Um homem namorador,  
Logo dál-o por suspeito;  
E depois, pilhando-o a geito,  
Prendêl-o, a bem ou a mal,  
Dar-lhe nas mãos muito bolo,  
Gritar: *Aqui d' El-Rei!* — tolo —  
Mandal-o para o Hospital.

Quizera ser um cortiço  
Onde se fabrica o mel ;  
E quando achasse em derriço  
Algum massador cruel,  
Soltar d'abelhas um cento,  
Picando-o a todo o momento,  
Já por diante, já por traz,  
Que, fugindo, o *assassino*  
Caminhasse ao seu destino,  
Deixando a *victima* em paz.

Ser mosca um anno quizera,  
De dia e noite voar,  
E em casas que eu escolhera,  
Sem pedir licença, entrar ;  
Ir poisar em certa gente,  
Deixar-lhe o signal patente,  
Em alguns, sem dó, morder ;  
Correr os cantos sem mêdo,  
Devassar muito segredo,  
Vil-o cá fóra dizer.

Quizera ser d'uma dama  
Cãosinho d'estimação,  
— Das que dão o filho á ama  
E teem no regaço o cão ; —  
E se a criança opprimida,  
Nos braços da *mãe fingida*,  
Soffrendo, soltasse um ai,  
Dar na dama uma dentada,  
E, fugindo, ao vêl-a irada,  
Ir tambem morder no pai.

Quizera ser pulga, e o dente  
Aguçado sempre ter;  
Para — como certa gente —  
D'alheio sangue viver;  
D'algum parvo *litterato*  
Encaixar-me n'um sapato,  
Ir-lhe aos ouvidos por fim,  
E massando-o sem clemencia,  
Roubar-lhe tanto a paciencia,  
Como elle m'a rouba a mim.

Ser cavallo até gostára,  
(Sem d'isso me envergonhar)  
E se montar-me tentára  
Algum *novo titular*,  
De repente dar um salto,  
Despenhal-o de tão alto  
Como jámais alguém viu;  
Dar-lhe um couce bem puxado,  
E deixal-o enlameado  
Na terra, d'onde sahiu.

Quizera ser forte espada,  
De não torcer nem quebrar;  
E ao vêr-me á cinta amarrada  
D'um fanfarrão militar,  
Fugir então da bainha,  
E com toda a força minha,  
Dar-lhe nas costas sem dôr;  
Ter da falla o dom famoso,  
E dizer-lhe: — « Se é medroso,  
« Fuja, e seja lavrador! »

D'um moderno sapateiro  
Sovela quizera ser ;  
E quando o visse altaneiro,  
De pé, na gazeta a lêr ;  
Ou da mão largando a bota,  
Com algum freguez idiota,  
Em politica a fallar,  
Dar um pulo bem depressa,  
Pôr-me a pé sobre a tripeça,  
Deixal-o depois sentar.

Mas a ideia, o pensamento  
De per si que força teem,  
Se os desejos que alimento  
Realisar não póde alguem ?  
Serei homem toda a vida,  
Para mim aborrecida,  
Sem jámais mudar de ser ;  
— Inda bem que é livre a imprensa !  
Sandices que o homem pensa  
Póde-as, affoito, dizer.

Porto, 18 de Novembro de 1855.



\*

**Soneto.**

Se virem um mancebo, impertigado,  
A sombra (havendo sol) fitando attento;  
Chapeo, qual barco em agoa, ao som do vento,  
De *macassar* em ondas levantado;

No pescôço lencinho avermelhado,  
Quinzena d'alvo panno, ou pardacento;  
Dous cannos de cotim, verde, ou cinzento,  
Da cinta ao lindo bute envernizado;

Nos labios, negros já, sempre suspenso,  
De putrido tabaco accêso rôlo,  
Deixando após de si nojento incenso;

Suspeitem que lhe falta algum miôlo;  
Porém se o nariz limpa a branco lenço,  
Não ha que duvidar — então é tôlo. —



**A mulher e a moda.**

Ha um alvo que arrebatã  
O heroe que empunha a lyra!  
Vendo-o — o valor se dilata —  
Carrega o estro — atira —  
Se não fere — morre — ou mata!

Mas se fere causa dôres,  
E d'ellas não fica salvo:  
Se morre — morre d'amores;  
Se mata — não mata o alvo,  
Só mata os espectadores!

Mata-os, sim, bem que o não quer;  
Mas os balotes, dispersos,  
Correm onde o acaso der;  
— Aos balotes chamam — *versos* —  
Chama-se ao alvo — *mulher*. —

Dispara, á carga cerrada,  
Comparações mais de mil,  
Qual d'ellas mais infundada :  
Às *nuvens*, ao *ceo d'anil*,  
À *lua*, e *estrella doirada!*

Compara-a ao *cravo*, á *rozeira*,  
À *cecem* e ao *martyrio*,  
À *violeta* e á *romeira*,  
E, no accesso do delirio,  
À *banana* e á *bananeira!*

Aos *anjos!* altiva ideia,  
Que, se perde por antiga,  
Fulgura por não ser feia ;  
Seja, embora, a rapariga  
Uma horrenda *centopeia!*

A *fadas* e *feiticeiras*,  
A coisas mortas e vivas,  
Fingidas e verdadeiras,  
Agradaveis e nocivas,  
— Total — dez mil frioleiras! —

Eu, que apenas sei rimar,  
Qual sineiro de capella,  
Na sinêta a badalar,  
À *moda* — e sómente a ella —  
Posso a *mulher* comparar.

Quem hoje a negar se atreve  
O poder que tem a *moda*,  
Pilhando cabeça leve,  
De fazêl-a andar á roda,  
Sempre, sempre em giro breve?...

Tem a *mulher* força igual!  
Que soprando um só momento  
Á cabeça d'um mortal,  
N'um giro de catavento  
Gasta-lhe a mola real.

A *moda*, se um velho a adora,  
Expõe-o no pelourinho  
Das chufas, a toda a hora,  
De bigode e chicotinho,  
Ponta do lenço de fóra.

A *mulher*, se attende ás vezes  
*Janota* que só lhe falla  
Sobre a *invasão dos francezes*,  
Recebe-o na sua sala  
Como galã d'entremezes.

A *moda*, aos trastes usados  
Faz a valia perder;  
Mas tambem — annos passados —  
Faz de novo reviver  
Costumes já despresados.

A *mulher*, por criancice,  
Quer só mancebos formosos ;  
Mas, ás vezes, por perrice,  
Faz tornar homens idosos,  
Tristemente, á meninice !

A *moda*, por leviana,  
Ao que lhe encontra prazer,  
E de seguil-a se ufana,  
Faz-lhe o credito perder,  
Dar com a casa em *Pantana*.

A *mulher*, com modo arteiro,  
Ao homem que, d'improviso,  
Lhe vota amor verdadeiro,  
Deixa-o, por fim, sem juizo,  
Sem saude e sem dinheiro !

Ambas, por modos diversos,  
Dominando a humana raça,  
Teem seus vassallos dispersos —  
— A mim só — e por desgraça —  
Me obrigam a fazer versos.

Porto, 22 d'Agosto de 1853.



**Tudo assim vai!**

Como é triste a Primavera,  
Quando, rispida e severa,  
Adormenta a Natureza!  
Quando as arvores, despidas,  
E as plantas murchas, cahidas,  
Infundem negra tristeza!

Lá no fundo do Oceano  
Canta o rouxinol, ufano,  
Por commover corações;  
E os peixes, entre os raminhos,  
Adejando em tórno aos ninhos,  
Entoam lindas canções.

Passeia, alegre, o campino,  
Bem-dizendo o seu destino,  
Por entre as ondas do mar,  
E os navios em descanso,  
Da paz o doce remanso  
Gosam, em volta do lar.

Na terra o sol esfossando,  
Vai comendo e vai roncando,  
Com seu focinho rasteiro ;  
E o porco, lá no horizonte,  
Ostentando altiva frente,  
Illumina o mundo inteiro.

A juventude, enrugada,  
Já encara a louza alçada,  
Da campa que a vai sumir ;  
E a velhice, rubicunda,  
Passa uma vida jucunda,  
Olhando para o porvir.

Vem agora o fero Estio !  
Já tudo treme com frio,  
Ruge forte o vento irado ;  
Sabe do leito o mar furioso,  
Desce o raio impetuoso  
Ao chão, de neve coalhado.

Por entre as nuvens sombrias,  
O fulgor das melancias  
Dissipa a negra borrasca ;  
Nos melanciaes virentes,  
Das estrellas refulgentes  
Se divisa a verde casca.

Nas agoas do rio iroso,  
Navega o rato orgulhoso,  
Com as velas enfunadas;  
Em quanto que andam os barcos  
Mettidos pelos buracos  
Das casas arruinadas.

Os defunctos, a tremer,  
Com desejo d'aquecer,  
Buscam serviços activos;  
Vão á caça, tocam, dançam,  
E quando, lassos, descançam,  
Rezam por alma dos vivos.

Vem surgindo o meigo Outono,  
E o cuidadoso colono  
Principia a semear;  
Erguem-se as plantas cahidas,  
E as arvores, despidas,  
Começam de rebentar.

Pelas moutas escondido  
O caçador, perseguido,  
Se vai d'hervas sustentando;  
E o coelho, d'arma ás costas,  
Com seus cães, desfaz em postas  
Quantos homens vai achando.

A jumenta colhe o vinho  
Das ramadas, e do linho  
Vai á noite á espadellada;  
A aldeã anda pastando,  
De vez em quando orneando,  
Com a orelha levantada.

Anda o lavrador cantando,  
De ramo em ramo saltando,  
A cauda virada ao ar;  
O pisco trata da terra,  
E vai buscar matto á serra,  
Para o gado se deitar.

Mas já do Inverno a brandura  
Adoça a temperatura;  
Já nas manhãs aprazíveis  
Se não vê o gêlo frio,  
Que na primavera e Estio  
Causou estragos horríveis.

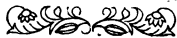
Já se vê o prado ameno,  
É no ceo, limpo e sereno,  
O sol, a terra queimando;  
Tornam-se os bosques sombrios,  
Seccam-se as fontes e rios,  
Vão-se os dias augmentando.



Nas sachas o lavrador,  
Todo banhado em suor,  
Chega á noite fatigado ;  
E depois ao somno brando  
Lá se entrega, descansando,  
No bosque, á sombra deitado.

Já o gato, berrador,  
Na rede do pescador  
É, lá no rio, caçado ;  
E a saborosa lampreia  
O seu amor patenteia,  
Miando sobre o telhado.

Leitor, se não penetraste  
O que lêste, e se julgaste  
Aqui mysterio profundo,  
Direi por desenganar-te,  
Que só intento mostrar-te  
Que anda ás avessaç o mundo.



**No Album d'uma Artista.**

A ideia que presidira  
Ao ser este Album formado,  
Todo o mundo a traduzira : —  
Vê-se que foi destinado  
Ao pincel, e não á lyra.

Não sei, pois, a que vem cá,  
Se em pintura eu sou tão cego !  
Mas querem que eu pinte? — Vá —  
Que ha-de ser? — eu não me nego —  
O meu retrato? — Será. —

E se alguém me censurar  
A ousadia — não pequena —  
De ao pé do pintor, *pintar*,  
Eu respondo : — pinto á penna,  
É mais raro, hei-de agradecer,

Mas para que me dilato?  
Pois não será já bastante  
Para exordio, o que relato?  
Alto lá — Vamos adiante —  
Começemos o retrato:

Não sou alto — vejo a lua,  
Mas preciso a fronte erguer;  
Nem baixo — que pela rua  
Ando affeito, sem romper  
O nariz na pedra sua.

Não sou gordo — ando á vontade  
Por toda a rua ou viella:  
Nem magro — que pela grade  
De qualquer porta ou janella,  
Nunca entrei — valha a verdade.

Branco não sou — que de gêsso  
Jámais alguém me julgou;  
Nem preto — nenhum travêssio,  
Por escarneo, me espirrou,  
Nem *negreiro* me pôz preço.

Córado não sou — cereja  
Ninguém se lembrou julgar-me:  
Nem pallido — entro na igreja,  
Sem que alguém queira enterrar-me,  
Por crêr que um defuncto seja.

Não sou bonito — que as bellas  
Não me tentam namorar:  
Nem feio — que algumas d'ellas  
Olham, sem arripiar,  
Para mim, lá das janellas.

Não sou velho — que não vi  
Em Lisboa o terremoto:  
Nem novo — que já nasci  
Antes de ter o teu voto  
Para pôr meu nome aqui.

Eis, senhora, o meu retrato!  
Sei que os fazes mais perfectos,  
Mas por isso me não mato;  
— Póde um teu, sem ter defeitos,  
Julgal-o alguém pouco exacto:

E n'esse caso se some  
A fama do teu engenho!  
E a minha não se consome,  
Que um grande recurso tenho,  
Pondo-lhe por baixo o nome.

Janeiro 21 — 1854.



**Os duellos.**

(AO SNR. ALEXANDRE HERCULANO).

Queixai-vos, Asneirões, que a perda é vossa ;  
Pois quer ser lobo quem lhe veste a pelle.

J. A. DE MACEDO.— Poema — Os BURROS.

Se não fossem as leis, ha tantos annos,  
Como a borracha, brandas e flexiveis ;  
E entregues ao arbitrio de maganos,  
Aos gemidos dos reos sempre sensiveis,  
Quer o sejam de crimes deshumanos,  
Ou d'esforços de genio, quasi incriveis ;  
Se os *duellos*, em fim, fossem vedados,  
Mil *heroes* morreriam affrontados !

Mas — graças dos governos á incuria —  
Campeia qualquer parvo de *valente* !  
Chamando a um gracejo atroz injuria,  
Por vingal-a faz rir a séria gente ;  
E, de mêdo a tremer, finge-se em furia,  
O nome quer ganhar de combatente :  
Mas não conheço um côxo ou aleijado,  
Que fosse n'um *duello* assim marcado !

Supponhamos que um *dandy*, um *cupidinho*  
Vai o rasto seguindo á sua *Ella*: —  
Um menino de collo, e bonitinho,  
Que um doce está papando, na janella,  
Faz da casa cascata, e de mansinho  
Um chafariz se torna, sem cautella...  
E sóa no chapeo da nossa *joia*,  
Estrondo, qual de chuva em clara-boia!...

Diz consigo o *janota*: « Estou perdido!...  
« Não me devo portar como um galucho. »  
E as escadas galgando, enfurecido,  
Lá vai pedir ao pae do pequerrucho  
Cabal *explicação* do succedido,  
Se uma bala não quer dentro do bucho!...  
Já falla de pistolas e d'espadas,  
E ri-se o author do insulto ás gargalhadas.

Se da casa o senhor é já pesado,  
E sustentar não quer uma pendencia,  
Pede, humilde, perdão, e socegado,  
Do filhinho mostrando a innocencia,  
Á familia apresenta o moço irado,  
E o convida com ella á convivencia:  
Já, pacato, o rapaz não quer vinganças,  
E em polkas tudo acaba e contradanças!

Dêmos, porém, que, em vez d'homem sizudo,  
É da creança o pae ratão de gosto,  
Que o *valente* escutando, carrancudo,  
Tremendo bofetão lhe manda ao rosto,

E a escada o faz transpôr, portal, e tudo,  
Sem para o *desafo* o ter disposto!  
Eis um caso horroroso, e formidavel,  
No qual é um *duello* inevitavel!

De raiva em fogo ardendo o *cavalheiro*,  
Corre a casa, inda cheio de vaidade,  
Manda logo o chapeo ao chapelleiro,  
Na face, onde apanhou, põe alvaiade,  
Recorre, inda a tremer, ao seu tinteiro,  
E d'este modo invoca uma amizade:  
« Fulano! Corre, já, se és meu amigo!  
« Para a honra salvar, conto contigo! »

Lá vem o pobre amigo, esbaforido,  
A causa quer saber de tanto alarde;  
E, da razão do *heroe* já convencido,  
Pela vingança vota, e que não tarde:  
« Pois então parte já — diz o *offendido* —  
« Um *duello* propôr ao vil covarde!  
« Porém previne-o lá, que se conforte,  
« Porque d'um, de nós dous, é certa a morte! »

Eis em marcha o *padrinho*, que, apressado  
Se dirige ao ratão, pae da creança,  
Que o convite escutando, socegado,  
Responde, a rir, que é justa essa vingança:  
Do *combate* o lugar fica marcado,  
Arma escolhida, e hora, sem mudança:  
Satisfaz ás demais formalidades,  
E rompem-se as crueis hostilidades!

\*

Chega, enfim, da *batalha* o duro instante!  
De pistolas nas mãos, os *combatentes*,  
Um a rir-se da graça, outro arrogante,  
Dos *padrinhos* ao lado estão presentes :  
Dão fogo!... Eis que uma bala fulminante,  
Ao mancebo, infeliz nos precedentes,  
Quatorze pêllos queima do bigode,  
E o beijo, que jámais produzir pode!

Fazem-se os cumprimentos, e em seguida  
Poem-se os dous *campeões* em retirada ;  
Vai o rapaz curar, triste, a ferida,  
Com honra tanta, com valor ganhada ;  
E embora conte já na insana lida  
A *molhadella* — o *tiro* — e a *bofetada* —  
Brada, cheio de si, ao mundo inteiro :  
« Assim é que se vinga um *cavalheiro!* »

Se eu podésse chegar a ser um dia  
O director na *casa dos orates*,  
Nenhum d'estes *heroes* lá chegaria,  
Que entrada não tivesse, e sem debates :  
Mas vós, que padeceis d'essa mania,  
Não me chameis, por isso, a taes combates!  
Debalde tomareis o caso a peito :  
Declaro — alto e bom som — que não acceito !

Porto, 15 de Dezembro de 1854.





**No album**

DA EX.<sup>ma</sup> SNR.<sup>a</sup> D. MARIA FELICIDADE  
DO COUTO BROWNE.

Senhora, as minhas canções  
Has-de tu ouvil-as? — não...  
São ellas d'inspirações  
Como São Sebastião  
A respeito de calções.

Tu, cantora divinal,  
Que pelo canto mavioso,  
Fazes teu nome immortal;  
Tu, que no sexo mimoso  
Não tens no mundo rival,

Exiges uma canção  
D'uma sanfona, sem graça,  
Que só, d'um cego na mão,  
Servíra, a tocar na praça,  
Para que dançasse um cão?

E que hei-de eu cantar?... amores?  
Oh! não! que por esse lado,  
Entre immensos dissabores,  
Apenas tenho gosado  
A amostra dos seus favores.

Do travêssio rapazelho,  
Confesso-o, tenho receio;  
Que, apesar de não ser velho,  
Se as damas me chamam feio,  
O mesmo me diz o espelho.

Hei-de, por satisfazer-te,  
O teu *mimoso presente*  
Em versos agradecer-te?...  
Isso não!... nem o consente  
O receio d'offender-te.

O teu *Livro de poesias*,  
Onde tão sublime engenho  
Derramou mil harmonias,  
É um namoro que eu tenho,  
Que vou vêr todos os dias.

Um thesouro, para mim,  
E se não posso esgotal-o,  
Imitando-te, por fim,  
Hei-de, ao menos, decoral-o,  
Senhora, eu cá sou assim.

Pedir, n'um requerimento,  
Que o teu segundo volume  
Venha para este aposento?  
Não!... causára-te azedume...  
Fôra grande atrevimento!

Demais... estou descançado,  
Que elle, apenas venha ao mundo,  
Ha-de ser logo mandado  
Vir, como *filho segundo*,  
Comprimentar o *Morgado*...

Então que hei-de fazer eu?  
Para que mais me aborreças,  
Enviar-te um Album meu,  
Pedir-te que m'o enriqueças,  
Tendo-te estragado o teu?

Mas... perdão... foi sem querer  
Que eu pedi com tanto excesso...  
Conheço que é meu dever  
Respeitar-te... já não peço...  
Mas, emfim... se poder ser!...

Quando eu possa, ou tarde ou cedo,  
Pagarei tantos favores  
Em versos... porém segredo...  
Ha por ahi uns *censores*  
Que me infundem tanto medo!...

Fôra triste, para mim,  
Vêr aos meus versos filado  
Analphabeto *chinfrin*,  
Censurando-os, debruçado  
Na mesa d'um botequim ;

Ou alguns d'estes ratões  
Que juntando, em cabedellas,  
Tres *rolas*, quatro *condões*,  
Cinco *rãas*, seis *filomelas*,  
Sete *soes*, oito *trovões* ;

Cortando em partes iguaes  
Esta trapalhada *fria*,  
Sem temerem mil rivaes,  
Lhe poem por cima — POESIA —  
E mandam para os jornaes...

Lá d'esses Deus me defenda !  
Que, cortando sem piedade,  
Se fazem alguma emenda,  
Lá vai dos versos metade  
Servir d'embrulho na tenda...

Mas o teu genio elevado,  
Depois de tão longo ensaio  
Ter na poesia aturado,  
Não requer que um papagaio  
Falle como um deputado.

Porto, 1.º de Junho de 1851.

**A um aspirante a poeta.**

SONETO.

Quiz um joven marchar, só por mania,  
Das letras pela senda trabalhosa ;  
Diz-se vate — mas prenda tão famosa  
Ninguem nos versos seus a descobria.

Começa a dar patada, e tão bravia,  
Que logo (alçando a voz imperiosa)  
Lhe brada a Natureza : *Chega á prosa!*  
E o maldito a encostar-se á poesia!

Vem Apollo, munido d'um chicote,  
E dando-lhe nas ventas dous embates,  
Diz, altivo e severo, ao tal pichote :

*Eu não dou protecção a bonifrates!*  
*Se na Musa inda dás mais um pinote,*  
*Encaixo-te na casa dos orates!*

● **o homem feliz.**

Se tu de ferir não cessas,  
Que serve ser bom o intento?  
Mais carapuças não teças:  
Que importa dal-as ao vento,  
Se podem achar cabeças?  
N. TÓLENTINO.

Não julguem pela apparencia,  
Nem creiam quanto se diz;  
Nem sempre o que tem carencia  
É pobre; — nem é feliz  
Quem recebe uma *excellencia*.

Só provém da natureza  
A mais sólida ventura;  
Porque, d'herança, a riqueza  
Quasi sempre é da loucura,  
Da estupidez, da vileza.

Feliz só posso chamar  
Ao homem que, sem ser mau,  
Tem cara de não córar;  
Mas d'estanho — que de pau  
Podem-lh'a ás vezes quebrar.

De *figurar* não se inibe,  
Nem teme que o bem se acabe;  
— Sem que do luxo se prive,  
Vai vivendo como sabe,  
Sem saber-se como vive.

E julga ter mais valia  
Se, buscando pôr de lado  
A origem, que o deprimia,  
Consegue vêr-se enxertado  
No tronco da fidalguia.

Doç hoteis no de mais fama  
Um quarto aluga, decente,  
Onde tenha á noite cama: —  
Pois já para dar ao dente,  
Tem traçado o seu programma.

Relações com que se ufana  
Procura mais estreitar;  
E — fingindo que se engana  
Nas horas — lá vai jantar  
Um dia cada semana.

Sete familias só tendo  
Que em casa lhe dêem entrada,  
Vai-se o *fidalgo* mantendo,  
Sem despende a *mesada*  
Que a muitos vai promettendo.

E longe d'occultar onde  
Tem a forçada razão,  
De dizer jámais se esconde :  
« Fui ao jantar do barão,  
« Ceei com o tio visconde. »

*Assignante* eternamente  
Do theatro italiano,  
Vem do camarote á frente,  
Onde o dono, todo o anno,  
Contra vontade, o consente.

E se vai pessoa rica  
A familia visitar,  
Como a politica indica,  
Cede prompto o *seu* lugar,  
E á porta encostado fica.

Não soffre o pundonor seu,  
Embora venha um mais crasso  
Que, da grosseria reu,  
Lhe lance a capa no braço,  
Lhe pouse em cima o chapéu.



Conservando a posição,  
Não julga ter-se abatido;  
Que é grande compensação,  
Ter, *de graça*, apparecido  
Ao pé d'um *conde* ou *barão*.

Tornando-se alvo do povo,  
Gastando a mesma galhofa  
Para o velho ou para o novo,  
Serve aos pequenos de mofa,  
Aos grandes serve de bôbo.

O alfaiate, o sapateiro,  
O dono da hospedaria,  
O ourives, o chapelleiro,  
O conhecem — noite ou dia —  
Do *mófo* pelo mau cheiro.

E se estes, no fim do mez,  
Tornam as contas patentes,  
Safa-se o homem, cortez,  
Ralhando contra os parentes,  
Que assim tardam d'esta vez.

E aqui paga, acólá deve,  
O *distincto cavalheiro*,  
Tenha embora a bolsa leve,  
Quando geme o mundo inteiro  
Elle está sempre na neve.

Que importam linguas damnadas,  
Ou perversos escriptores?  
Suas queixas são baldadas,  
Que um homem d'estes humores  
Despresa taes caçoadas.

O commercio é para os pobres,  
As artes para os plebeus;  
Quem só tem ricos e nobres  
Nos muitos amigos seus,  
São-lhe escusados os cobres.

Vive enganado quem diz  
Que o trabalho nos dá ganho,  
Com proveito do paiz : —  
Quem tiver cara d'estanho  
É esse — *o homem feliz.*

Porto, 14 de Março de 1854.



**São gostos.**

Ha quem ame o tempo frio,  
Amaldiçoando o calor;  
Eu prefiro o mal do estio  
Do aspero inverno ao favor;  
Inda assim, de frio cheio,  
Eu quizera o gosto alheio  
Respeitar, mas tento-o em vão —  
E sei bem que estes dous gostos,  
Um ao outro, embora, opposôs,  
Fundam-se ambos na razão.

Quem do quarto ao meio-dia  
Já vestido e *quente* sae,  
E, em quanto o sol alumia,  
Dar um passeio só vae;  
Quem volta em meio da tarde  
À sala, onde o fogão arde,  
E inda mais *arde* ao jantar;  
Quem, depois, livre d'aragem,  
Vae e vem na carruagem,  
Não póde o inverno odiar.

A chuva, que me incommóda,  
Não altera a opinião;  
Que um rico, seguindo a moda,  
É raro pôr pé no chão;  
E se o põe, por desfado,  
De *gutta-percha* forrado,  
Enxuto, caminha bem,  
Sobre a lama navegando,  
Como a boia que, boiando,  
À flôr d'agua se sostem.

Eu, que, apenas surge o dia,  
Do leito deixo o calôr;  
E se vejo a neve fria  
Vou-lhe os pés em cima pôr;  
Eu, que em manhãs de nebrina  
Sinto a *brisa matutina*,  
Que o nariz me vem gelar;  
Que á chuva o corpo offereço,  
Porquê da borracha o preço  
Não me deixa emborrachar;

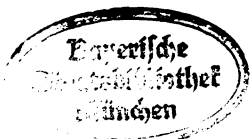
Que se a noite divertida  
Passo em theatro ou funcção,  
Contra mim tenho á sahida  
Chuva, frio, escuridão;  
Que só no impulso do vento,  
Dos ferros ao movimento  
Sei que existem lampeões,  
E por baixo das biqueiras,  
Cheios os pés de frieiras,  
Vou, gemendo, aos trambolhões;

Em lugar do frio inverno  
Que me faz estremecer,  
Quizera, em estio eterno,  
*Antes suar que tremer;*  
Ouvir das aves o canto,  
Em quanto, em manhãs d'encanto,  
O rico dorme, a suar;  
E ter ainda outros gosos  
Que aos ricos e preguiçosos  
Não é dado avaliar.

Gosar da tarde a belleza,  
Quando, em fogo abrasador,  
O rico, sentado á mesa,  
Maldiz, irado, o calor;  
Sentir da noite a frescura  
Que em vão o rico procura  
No theatro ou baile onde está;  
Divagar no prado ou monte,  
E beber agua da fonte  
Quando o rico toma chá.

Condemnem-me, embora, o gosto,  
Roguem pragas contra mim —  
Que o inverno ao tempo exposto  
Passo, do principio ao fim —  
Os ricos, os ociosos,  
E os poetas preguiçosos,  
Que por não ter nunca o sol  
Despontado á sua vista,  
Comparam qualquer *corista*,  
Em seu canto, ao rouxinol.

7



Mas concedam que ao estio  
Consagre eu mais afeição,  
Esses que o inverno frio  
Dizem amar, com razão;  
E se ao certo saber querem  
Das estações, que differem,  
Qual mais offende os mortaes,  
Perguntem ao cereeiro,  
Ao armador e ao coveiro  
Em qual d'ellas lucram mais.

Fevereiro 19 — 1855.



**Symphonia d'abertura.**

(NA PRIMEIRA PAGINA D'UM ALBUM).

Um livro todo em branco!... estou pasmado!  
É possível que assim tenha escapado  
Ao metrico furor, tal quantidade  
De mimoso papel!... Oh raridade!  
Um Album, que (sem n'isto haver offensa  
Á gente de pensar, e á que não pensa)  
É sempre um armazem de frioleiras,  
De tristes, amorosas baboseiras,  
De *zêlos* — de *saudades* — d'*esperanças*,  
De *florinhas*, brinquedos de creanças,  
Ha-de em branco ficar?!... Deus nos defenda!  
E eu, mesmo, a quem tocou abrir a senda  
Para os mais caminharem, vou mostrar-te  
Que injustiça não é fallar d'est'arte:  
Uma prova acharás de quanto hei dito,  
No que vou escrever e tenho escripto. \*

Mas que esperas de mim?... Canção mimosa,  
Á *candida cecem*, á *rubra rosa*?  
Um canto em que appellide o audaz guerreiro  
*Heroe*, entre os *heroes heroe primeiro*?...  
Que á minha Dama, em verso campanudo,  
Eu chame archanjo meu, *meu Deus*, *meu tudo*?  
Ai, não... que a rosa é muda á offerenda,  
E eu gósto de fallar com quem me entenda;  
Com guerreiros, peor... não quero nada,  
Que da polvora o cheiro não me agrada;  
Das damas... infeliz! — já nada espero...  
Nem uma tenho, só... nem mesmo a quero.  
Já vês que uma canção não posso dar-te,  
Á qual a gloria caiba d'agradar-te;  
Nem promettêl-a posso... que receio  
Principio dar-lhe só... deixal-a em meio:  
E d'isto a causa ignoras? — caro amigo —  
Pois espera... vai lendo... eu já t'a digo:

Quando, ás vezes, em casa socegado  
Me sinto pelas Musas inspirado,  
Pela testa correndo a mão callosa,  
Que a poesia chama, e enxota a prosa;  
Disposto, já, a erguer altivo canto,  
Que a *fosseis e burguezes* cause espanto;  
Lançando olhar furtivo para as *Ellas*  
Que tenho *vis-à-vis* pelas janellas;  
Erguendo, após, a vista ao firmamento,  
Que poetas tem feito mais d'um cento;  
Correndo a passos largos pela sala,  
Com a mente incendiada, alçando a falla  
Agora ao canapé, logo ás cadeiras,



Que mudas ficam sempre ás frioleiras  
Sahidas pela bóca do poeta —  
Que mil vezes tem horas de pateta —  
E sinto abrir a porta de repente  
Insulso massador, impertinente,  
Que a dextra, com vigor, logo me aperta,  
Já vejo que a massada, então, é certa.

Aos diabos dou logo essa amizade ;  
Mas como, pelas leis da sociedade,  
Aos labios é mister chamar o rizo  
Para um amigo, tólo, ou de bom sizo,  
Eis-me já sobre a mesa recostado,  
Resolvido a escutar o desalmado,  
Que apenas tres palavras solta, insanas,  
Faz um estro fugir, por tres semanas!

Eis que um discurso o mono principia,  
Dizendo brandamente: — *Está mau dia!*  
*Ora diga-me: então que lhe parece*  
*Este tempo?... Nas tardes arrefece...*  
*E tão mal isto faz a toda a gente,*  
*Que fará para mim, que sou doente?!..*  
*Estou sentindo agora uns arripios...*  
*E tenho, para mais, os pés tão frios!...*  
E em quanto assim vomita baboseiras,  
Linguagem de velhas falladeiras,  
De novo me esvoaça pela mente  
Um verso, que eu supponho mui cadente ;  
Lanço os olhos ao chão, deixo-o fallando,  
E vou as consoantes procurando  
Para a triste canção — que o peito triste

Do vate, só á dôr assim resiste —  
Mas, quando com a idéa me commovo,  
De lá torna o lapuz: — *Que dá de novo?*  
*Tem visto ha poucos dias as gazetas?*  
*Que trazem? Talvez nada... ou tudo petas!*  
*Os taes periodiqueiros, hoje em dia,*  
*Não valem trinta reis... esta mania*  
*D'escreverem nas folhas só fedelhos,*  
*Não tem graça nenhuma, para os velhos;*  
*Por mais que a gente a procurar se cance,*  
*Que encontra?... Quatro versos... um romance,*  
*E outras cousas em que eu já nada aprendo,*  
*E, por melhor dizer, nem as entendo...*

E mais inda diria o horrendo mono,  
Se d'elle não tomasse conta o somno;  
E mais inda eu aqui talvez dissesse,  
Se igual dóse de somno não tivesse.

Porto, 16 d'Abril de 1852.



**Illusões.**

.....  
.....  
Sem estudadas negaças,  
Como andaria a Velhice  
A par do Amor, e das Graças?

N. TOLENTINO.

Conheço uma velha dama  
Que se julga dama nova:  
Finge que d'amor se inflamma,  
E, já bem perto da cova,  
Canta, dança, e aspira á fama!

Têza, crêspa e sempre audaz,  
Insistindo em ser eterna,  
Vive com todos em paz;  
Só em guerra c'uma perna  
Que teima em ficar atraz.

Usa um pequeno chapéu,  
Que deixá vêr, reluzente,  
Cabello que ella diz seu,  
E chama-lh'o impunemente  
Porque a dona já morreu.

Sobre o nariz aguçado  
Cangalhas d'ouro sustenta ;  
Mas nega têt-as comprado,  
Porque a vista já se ausenta,  
Por muito que tem olhado.

Da guitarra apaixonada,  
Traz unhas que poderiam  
Revolver toda uma estrada,  
E nos pés mais valeriam  
Se dormisse empoleirada.

Passeia, a pé e a cavallo,  
Vai ao theatro e aos saraus,  
Onde d'amor duro abalo  
Tenta inculcar aos pataus,  
Quando a faz gemer um callo.

Por instincto natural  
Ninguem ha que não captive,  
Com affecto sem igual ;  
E, d'aquelles com quem vive,  
Ao espelho, só, quer mal.

Bondosa, propensa ao dó,  
Da familia, que aprecia,  
Um menino odeia, só,  
Porque, n'uma companhia,  
Lhe chamára visavó!

E da velhice aos horrores  
Quer fugir á custa d'arte;  
Soffre, porém, dissabores,  
Ao vêr em alguma parte  
Os que julga adoradores.

Já um d'estes — coisa rara!  
Quando, por achincalhada,  
Graças com ella gastára,  
Provocando-lhe a risada,  
Levou c'um dente na cara!

Outro que, sem má tenção,  
A apertára, com mão dura,  
N'uma dança de paixão,  
Vio sahirem da costura  
Os encantos d'algodão!...

Houve outro que, descuidado,  
Soube, apenas, com pesar,  
Ter-lhe na face tocado,  
Quando, sem no mal pensar,  
A vio pallida d'um lado!

Fallando em tudo, indiscreta,  
Da discussão não se tira ;  
Mas a asneira, quando affecta,  
É certa, como a mentira  
Nas palavras do poeta.

E houve já quem se rio d'ella  
Por uma tentação d'essas ;  
Porque a vira, sem cautella,  
Lendo um jornal ás avessas,  
Pendurada na janella !

E assim vai passando a vida,  
N'uma contínua illusão ;  
Alegre, sim, divertida,  
Mas exposta á irrisão,  
Por todos escarnecida.

Julho 11 de 1854.



**Convite.**

Tendo as satyras por boas  
Do Parnaso nos dois cumes,  
Em hora negra revoas ;  
Tu dás golpes nos costumes,  
E cuidam que é nas pessoas.

N. TOLENTINO.

Vem, oh Musa risonha, vem comigo,  
Por esse mundo além, dar um passeio!  
Quero, seguro, conversar contigo  
Sobre as miserias de que o mundo é cheio;  
Verdades só dizendo, que ao abrigo  
Fiquemos ambos do desforço alheio:  
Bem sabes que, ao zurzir a turba ignara,  
*Quem cospe para o ar, cae-lhe na cara.*

Ao lyrico theatro ambos iremos —  
E, se mais se desfructa á custa alheia,  
Para o Parnaso *senhas* pediremos,  
De *lettras* fique, embora, a casa cheia :

Alli, occultamente, nos riremos  
Da empreza, dos cantantes, da plateia...  
A ti, sómente a ti, quero ao meu lado:  
*Antes só do que mal acompanhado.*

Mas se ouvirmos alli nobres *borlistas*,  
Que a Empreza, *generosa*, alto defendem,  
Co'a *sabia* opposição jogando as cristas,  
Em questões musicaes, que não entendem;  
De pontudo aguilhão tu não desistas,  
Quando vires, oh Musa, que se *estendem*...  
Mas... silencio!... fallando não te esbarres!  
*Mais vale uma aguilhoada que dous arres.*

Iremos aos cafés onde, famintos  
De boas distracções, moços bem novos,  
Nos jogos *innocentes* perdem *pintos*  
Sem que tenham gallinha a pôr-lhes *ovos*;  
Gastando vinhos bons, brancos e tintos,  
E fazendo pasmar sizudos povos,  
Porque, passando em ocio a vida inteira,  
*Não tem eira nem ramo de figueira.*

Com ricos paletots, fugindo ao frio,  
Muitos d'esses veremos enfeitados,  
Que dentro em pouco, sem que venha o estio,  
Aos casaquinhos voltarão, coçados;  
Porque os trastes, outr'ora d'alto brio,  
Já d'uma adella á porta pendurados,  
Parece a quem passar virem dizer:  
*Quem compra sem poder, vende sem querer.*



E se virmos os paes que, trabalhando,  
Assim deixam fugir a vida inteira,  
Tantos filhos vadios sustentando,  
Sem buscar-lhes no mundo uma carreira,  
Dir-lhe-hemos que, em desleixo, estão cavando  
A ruina para a idade derradeira;  
Que o pae que tolhe o filho a si se tolhe:  
*Quem abrolhos semeia, espinhos colhe.*

Nos bailes entraremos, onde a paga  
O nobre e o plebeu põe em contacto;  
Onde este, mui risonho, aquelle afaga,  
Que na rua, se o vê, se finge abstracto;  
E se virmos que em luxo o pobre estraga  
O que tem, que só chega ao que é barato,  
Dir-lhe-hemos que não folgue á redea solta:  
*Quem adiante não olha, p'ra traz volta.*

Aos templos, mesmo, iremos, com respeito,  
Na hora em que de povo estão desertos;  
E se virmos batendo alli no peito,  
Com a bôca no chão, braços abertos,  
Algum fino ratão, cá fóra affeito,  
No contracto, a enganar os mais espertos,  
Não me desmintas, tu, se eu lhe disser:  
*Quando o diabo reza, enganar quer.*

Se a enumerar os nobres seus parentes  
Ouvirmos algum louco enfatuado,  
Um que o titulo herdou dos ascendentes,  
Outro que tem milhões, e é muito honrado,

Em termos lhe diremos, mui decentes,  
Que, se em todos fallar, tenha cuidado;  
Que é rara a este adagio uma excepção:  
*Em longa geração, conde e ladrão.*

E quando virmos que a missão tremenda  
De a verdade espalhar, é já cumprida,  
Sem que este mundo louco tenha emenda,  
Voltaremos por fim á antiga vida;  
Com tanto que a vingança que isto renda  
Entre nós seja, oh musa, repartida.  
Acceito a parte minha — a tua acceita:  
*Quem boa cama faz, n'ella se deita.*

Março 20 de 1858.



**No album**

DA EX.<sup>ma</sup> SNR.<sup>a</sup> D. CELESTINA CHARDONNAY.

Folheando as lindas folhas  
D'este Album, fiquei pasmado!  
Não encontrei um poeta  
Que não fosse desgraçado!!

Chorei ao vêr a *descrença*  
Arreigada em corações  
De mancebos, que no mundo  
Passam por grandes ratões...

Será moda chorar sempre?  
— Não quero a moda seguir:  
Em quanto os poetas gemem,  
Eu passo os dias a rir.

É moda descrêr de tudo?...  
Tambem não quero descrêr :  
— Creio em tudo quanto vejo  
E em tudo o que ouço dizer :

Creio nos jornaes politicos,  
Nos hymnos e nos vivorios ;  
Creio até nos Almanaks,  
Folhinhas e Reportorios ;

Creio em homens e mulheres,  
Creio em sabios e patetas,  
Creio em vivos e defunctos,  
Só não creio... nos poetas !

Janeiro 20 de 1855.



### **Ao Carnaval.**

Aquella proveitosa liberdade  
Aos antigos Poetas concedida,  
De mostrar de mil erros a verdade,  
E do mais livre povo então soffrida,  
E do mais poderoso receada,  
Porque entre nós será mal recebida?...

ANTONIO FERREIRA — Livro 2.º, Carta 5.ª

Louco Entrudo!. Vae-te embora,  
Que o teu prestigio acabou!  
Foste grande — mas agora  
O tempo tudo mudou!  
Seguindo mais largo trilho  
Vae, longe, ganhar o brilho  
Que perdeste em Portugal!  
Aqui venceu-te o — *Progresso* —  
Que este povo traz oppresso  
N'um perpetuo carnaval!

Foi-se o tempo em que enfeitado  
Com as pennas do pavão,  
Em teu dia, mascarado  
Se via qualquer peão,  
Que alheias roupas vestia,  
E fidalgo se fingia  
Illudindo os seus iguaes;  
Isso, que então era engano,  
Vê-se agora todo o anno...  
Sem carêta... que inda é mais!...

A plebe, então, que se via  
Pelas ruas a rodar  
Em ricos trens, pretendia  
Por nobre gente passar;  
As multidões, apinhadas,  
Rindo, embora, ás gargalhadas,  
Sabiam culto fingir:  
Isso, que era então folguedo,  
Hoje é sério; mas, sem medo,  
Continúa o povo a rir!

Coberta a cara, escondida  
Sob papel com verniz,  
Sotaina larga e comprida,  
Cangalhas sobre o nariz;  
Os mancebos, á porfia,  
Assoalhavam no teu dia  
Os trajés de seus avós!  
Hoje— sempre, e sem caretá,  
Manda-os a moda, indiscreta,  
Andar assim entre nós!

Feio, antigo penteado  
Se via em tuas funcções :—  
Hoje — o pêllo arripiado  
Usam damas nos salões!  
De longa cauda os vestidos,  
Que ás velhas eram pedidos  
Em teu dia, — usam tambem!  
E entrou tanto a moda em brio,  
Que nem me lembra o feitio  
Que um pé de senhora tem!

Perdia então quem, por brinco,  
Duas caras vinha expôr; —  
Hoje o que tem quatro ou cinco  
Fazem-no commendador!  
Então, na rua e nas salas,  
Jámais do mascara ás fallas  
Atenção se ia prestar!  
Hoje esses, todos os dias,  
Recebem mil cortezias,  
Tem ouro para as pagar!

Louco Entrudo! Vae-te embora,  
Que o teu prestígio acabou!  
Foste grande — mas agora  
O tempo tudo mudou!  
Seguindo mais largo trilho  
Vae, longe, ganhar o brilho  
Que perdeste em Portugal!  
— Aqui venceu-te o — *Progresso* —  
Que este povo traz oppresso  
N'um perpetuo carnaval!

**N'um Album**

**EM QUE SÓ HAVIA UMA POESIA E UMA PINTURA.**

« Bons dias, meu devotinho,  
« — Á sua porta me tem —  
« Favoreça o pobresinho  
« Que a vez primeira aqui vem :

« Não se fie nos doirados  
« Que vê na capa a brilhar ;  
« Filho de paes abastados,  
« Nasci para mendigar :

« Correndo toda a cidade  
« Ando a vêr se alguem me dá ;  
« Mas vejo aqui — má vontade,  
« Vejo *pobreza* — acolá :



« Dos que teem ricos thesouros,  
« Menos que d'outros, colhi;  
« Porque esses pretendem louros,  
« Que não lhes nascem d'aqui...

« Trago embalde o sacco ás costas,  
« Que ninguem de mim tem dó;  
« E, soffrendo más respostas,  
« Tenho... esmolos... duas só!

« Deu-me um poeta urna — rica —  
« Deu-me outra — bella — um pintor;  
« Deus lhes augmente o que fica,  
« Que ambas ellas teem valor:

« Se póde, meu devotinho,  
« Tenha dôr dos males meus;  
« Dê-me... dê-me algum versinho,  
« Será pelo amor de Deus.»

Pobre *Album!* Quanto se engana!  
A que porta vem bater!...  
O dono d'esta choupana  
Mal o póde soccorrer:

Sou propenso á caridade,  
Deu-me Deus bom coração;  
Mas... tenho apenas vontade,  
Tome lá... perdôe, irmão.

**Prégar no Deserto!**

.....  
.....  
Sobe aos ceos logo um lastimoso grito,  
Que alta justiça pede, alta vingança,  
E fica logo la o castigo escrito.  
Não aja erro ou engano na balança.  
Dar-se-am seus nomes a cad'hum devidos,  
Seus premios aos bons livros, e á boa lança:  
Descobrir-se-am por si rostos fingidos,  
E mil titulos falsos, que roubando  
Estam os premios d'outros merecidos.

ANTONIO FERREIRA — Livro 2.º, Carta XIII.

Se eu fôra janota, com pouco dinheiro,  
Com fumos de grande, com meu pergaminho,  
Buscára um fidalgo, polido ou grosseiro,  
E fôra, contente, seu manso cãesinho.

E em vez de vergonha  
Só tendo paciencia,  
De graça jantára,  
Theatros gosára,  
Chupára *excellencia*.

Se eu fôra escriptor, de saber conhecido,  
Ninguem aos corruptos mais guerra accendera;  
E os pobres e humildes zurzindo, atrevido,  
Aos ricos, aos grandes zumbaias fizera.

E embora os collegas  
Me déssem massadas,  
Tivera *presentes*,  
Metaes reluzentes,  
E mil barretadas.

Se eu fôra soldado, mas não destemido,  
Seria em revoltas a entrar o primeiro;  
E os meus juramentos havendo trahido,  
E já capitão, general, conselheiro,

Barão, deputado,  
Mais *graças* pedira;  
E assim atrependo,  
Riquezas juntando,  
Dos outros me rira.

Se eu fôra um labroste, que, lá por Angola,  
Vendendo irmãos meus, ajuntasse riquezas,  
Viera na patria fingir-me carola,  
E assim sepultára as antigas torpezas.

E tendo lacaios,  
E um trem magestoso,  
Palacios e alfaias,  
Tivera zumbaias,  
Vivêra ditoso.

Se eu fôra doutor, por empenhos formado,  
Aos sabios collegas chamára pedantes;  
E as ruas correndo, n'um burro montado,  
Palavras soltando, das mais retumbantes;  
Tornando incuravel  
O mal d'um momento,  
Visitas contando,  
Mil vidas ceifando,  
Ficára opulento.

Se eu fôra agiota, mettêra n'um sacco  
Quanto ouro no mundo podêsse juntar;  
E ouvindo um mendigo a pedir-me um pataco,  
Voltára-lhe as costas, deixára-o chorar;  
E assim, miseravel  
E vil farrapão,  
Por gosto quizera  
Viver como a fera,  
Morrer como um cão.

Se eu fôra *Manel*, em visconde chrismado,  
De pobres parentes nem mais me lembrára;  
E, já da nobreza no tronco enxertado,  
Até aos Monarchas meus primos chamára;  
E o pejo, a vergonha  
De casa expulsando,  
À sombra das *graças*  
Fizera trapaças,  
Thesouros juntando.

Se eu fôra um mancebo — com quem me dotasse  
Casára — e seria da esposa vassallo ;  
E embora o pae d'ella de mim se informasse,  
Como usa na feira quem compra um cavallo,  
D'amor e virtude,  
Constante zombando  
Vivêra contente,  
Fingira ser gente,  
De pé caminhando.

Se eu fôra empregado, mas bem protegido,  
Com pouco trabalho, com grande ordenado,  
Com todos, na rua, cortez e polido,  
Seria um *kalifa*, na banca apoiado ;  
E entrando bem tarde,  
Sahindo bem cedo,  
*Comêra* e dormira,  
E nunca sentira  
Nem pejo nem medo.

Mas não sou janota — escriptor — ou soldado —  
*Labroste* — doutor — nem agiota tambem ;  
*Manel* ou mancebo — nem mesmo empregado —  
E então — longos braços quizera ter cem ;  
E em cada um sostenendo  
Bem grossó azorrague,  
No mundo ir, voando,  
Zurzindo, e bradando :  
« Quem deve que pague ! »

**A Camponeza.**

Como és linda, oh Camponeza,  
Quando tão meiga sorris,  
E os dentes mostras d'aljofar  
Engastados em rubis!  
Que lindos são teus cabellos,  
Para mim prisões subtis!

*Serei tudo quanto queira,  
Sim, senhor, é como diz!*

Não podes crer que te adoro,  
Por vêr-me inda assim' tão moço?  
Por dizer-te quanto sinto,  
E occultar eu já não posso?...  
Não vês que olhar-te um momento  
Me causa tanto alvoroço?

*Vejo, vejo, bem te entendo...  
'Stás gordo... tens cada osso!...*

Não fica bem o motejo  
N'essa bôca tão formosa!...  
Nem um beijo me concedes  
N'essa face côr de rosa?...  
Dize que sim!... que te custa?...  
Não sejas tão desdenhosa!...

*Se lhe deixo dar-me um beijo?  
Ai... deixo, que eu sou briosa!*

Não deixas, não, que tu foges,  
Zombar de mim só quizeste;  
No teu « sim » tão gracioso  
Outra ideia não tiveste;  
Nem d'outro modo faltáras  
À palavra que me déste!...

*Pois eu fiz-lhe essa promessa!...  
Faria... pois não fizeste!*

Não peço mais, que um amante  
Enfastia quando abusa;  
Mas eu sei que esse melindre  
Nas aldeias ninguem usa:  
Dizes-me como te chamas?  
Para isto não ha recusa!

*Inda não sabe o meu nome?  
Pois olhe, chamo-me ESCUSA.*

Já vejo que me despresas!  
Não tens dôr de quem padece;  
Mas o fogo que me escalda  
Inda assim não arrefece;  
Por ser por ti adorado  
Dava tudo o que tivesse!

*Ora vê tu!... que fortuna,  
Pela tarde, me aparece!*

Uma impressão tão ardente,  
Meu peito jámais soffreu!  
Não encontrarás no mundo  
Um amor igual ao meu;  
Vou dar-te um coração puro,  
Aqui o tens... é só teu.

*Ai... pois não, Marianninha!  
Toma lá, que te dou eu!*

Dize — eu amo-te! — isso basta  
Para eu não ser desgraçado;  
Vou abraçar-te e beijar-te,  
Vou assentar-me a teu lado,  
Jurar de ser teu esposo,  
Oh meu anjo idolatrado!

*Ai... sabe o senhor que mais!  
Adeus... temos conversado.*



E pódes, sendo tão bella,  
Ser mais dura que um penedo?  
Deixas-me triste, chorando,  
Á sombra d'este arvoredó?...  
Foge, sim, que és muito joven...  
Fallei-te d'amor tão cedo!...

*Ai... não que o gato escaldado  
Té d'agua fria tem medo!...*



● **Ouro.**

Aureo metal! que mysterios  
Encerra esse brilho teu!  
Tem-se visto altos imperios  
Curvarem-te o collo seu! —  
Rival de todos os santos,  
Os teus milagres são tantos  
Que os homens fazem pasmar!  
Tornas loucos os prudentes,  
Dás sensatez aos dementes,  
Pódes o mundo virar!

Mil parvos fazes doutores,  
Honrosos premios lhes dás;  
E na lide dos amores  
Tornas um velho rapaz!  
A moça feia, estouvada,  
Por ti, bella e concertada,  
Inspira aos homens paixão:  
Já não lhe falta um marido  
Que, só por ti seduzido,  
Queira dar-lhe o coração!

Protector do negro crime,  
Dando ao perverso o trophéo,  
Torces a lei como um vime,  
D'um juiz fazes um réo!  
Concedes ao criminoso  
Que alegre viva, e ditoso  
D'este mundo goze o bem;  
Dás-lhe homenagens e preitos,  
E a seus pés dobras, sujeitos,  
Os que virtude só teem!

Da aldeia mais desgraçada  
Vaes tirar o mais peão,  
Dás-lhe camisa lavada  
E fazes d'elle um barão!  
As sandices que vomita,  
Dando uma graça infinita,  
Dás-lhe elegancia e poder;  
Suppres-lhe o engenho e juizo,  
Em tudo o tornas preciso,  
Dás-lhe a virtude e o saber!

Transformas um mau soldado,  
Dentro em pouco, em Marechal;  
De valente e denodado  
Lhe das fama sem igual!  
De *fitas* lhe enches o peito  
E a tributar-lhe preito  
Obrigas quem tem valor;  
Dás-lhe grandezas e gloria,  
Levas seu nome á historia,  
Seus filhos ao esplendor!

Das *más linguas* e dos prelos  
Abafar sabes a voz ;  
Somes autos e libellos,  
Escondes o crime atroz :  
Ao illicito negocio  
Conduzes os que, no ocio,  
Pretendem gosar-te em paz ;  
E do receio os socegas,  
Quando, com teu brilho, cegas  
A vista mais perspicaz...

Mettes em coches doirados,  
Com grandeza, a deslumbrar,  
Muitos que só, enfeitados,  
Podiam na taboa andar !  
Léval-os ao baile e á festa,  
Onde cada falla atesta  
Sua ignobil condição ;  
Onde ás vezes são servidos  
Por homens bem mais polidos,  
De mais fina educação !

Ao que é mau dás sempre geito,  
Ao que o tem vaes-lh'o tirar ;  
Fazes do torto direito,  
Sem ninguem te guerrear !  
Do direito fazes torto,  
E ás vezes dás falla ao morto,  
Para ser-te inda fiel ! —  
De ti, só eu tenho queixas !  
Foges-me — bem que me deixas  
A penna — a tinta e o papel !

**A Ambição.**

A ambição enche a cabeça e cerra o coração.  
R. DE BASTOS.

Odiosa ambição, mãe da torpeza,  
D'immensos crimes principal motora!  
Aos fracos mostras, com fallaz belleza,  
D'aureo porvir a imagem seductora,  
Conduzindo-os á posse da grandeza,  
Da infamia pela estrada aterradora;  
E, tendo em todo o mundo quem te siga,  
Da honra e da moral és inimiga!

Quantos, nascidos d'ascendencia pura,  
Teem seguido, por ti, vereda errada,  
Porque da vida na estação futura,  
A riqueza lhe apontas, desejada!  
Então debalde a educação procura,  
Na lucta contra ti, vencer-te ousada;  
Que d'alma uma só vez por ti vencida  
A virtude se ausenta espavorida!

Vens de longe mostrar, por zombaria,  
A muitos que de ter brios se ufanam,  
Lindas *fitas* de côr, já sem valia,  
Com que, lá nos Sertões, *negros* se enganam;  
Tambem *negros* lhes mostras—que hoje em dia,  
D'esse trato immoral *fitas* dimanam —  
E consegues, em fim, com taes chimeras,  
Os homens transformar em rudes feras!

No templo vaes unir gentil donzellã -  
Ao velho, que passára a juventude  
Sem achar sobre a terra mulher bella,  
A quem pagasse amor com trato rude,  
E se compraz ao vêr encantos n'ella,  
Que o ouro préza mais do que a virtude;  
Porque, do teu poder já dominada,  
Ao luxo aspira só, não quer mais nada!

Ao mancebo que os dotes do talento  
Ditoso recebeu da natureza,  
Um porvir lhe promettes opulento,  
Sobre o throno radiante da grandeza;  
Conduzindo-o a tomar alli assento  
Pela escada espinhosa da vileza,  
Onde em cada degrau que vai transpondo  
Um sentimento nobre vai depondo!

Ao nefando lugar onde, em *recreio*,  
Se jogam cabedaes, se perdem brios,  
O moço incauto vai, d'animo cheio,  
Sem que o mundo contemple os seus desvios;

Mas, deixando o que é seu, perdendo o alheio,  
Lá corre a commetter mais desvarios!  
Deixa o credito alli, persegue-o a sorte,  
E tudo porque, audaz, seguiu teu norte!

O homem sem moral, a ti curvado,  
Lá vai, com fim sinistro, uma pendencia  
Levar aos tribunaes, tentando ousado  
Honra alheia comprar, e a independencia...  
Perante a lei vacilla o magistrado,  
Mas, ao dominio teu, cede a consciencia,  
E, ao passo que o infeliz, lesado, opprimes,  
Dás origem a dous, bem negros, crimes!

Aquelle que vê cheio o seu thesouro,  
Vazio o peito, já, de sentimentos,  
Tu lhe fazes comprar, a pêso d'ouro,  
Fallazes distincções, vis ornamentos,  
Porque ser inferiôr julga desdouro  
Aos que nóbres já são, sendo opulentos;  
E, assim, subindo a imaginarios mundos,  
De dia em dia vê descendo os fundos!

O que humilde lugar na sociedade  
Grangear pôde só, — por ti vencido,  
Presando o ouro mais que a dignidade, —  
A honrosa profissão deixa, illudido;  
Mas, sujeito da sorte á variedade,  
Se hoje sobe, amanhã vê-se abatido,  
E perde o que á vaidade só convinha,  
Para não voltar mais ao que antes tinha!

\*

O que pobre nasceu, e a juventude  
Passou, sem cultivar a intelligencia,  
Submisso ás puras leis da sã virtude,  
Deseja, por sentir tua influencia,  
Deixar a vida humilde e o trato rude,  
Chegar á desejada independencia ;  
Mas, sem valor, inculto, o desditoso  
Torna-se, em fim, por ti, um criminoso !

És tu, negra ambição, a causadora  
Dos males d'esta vida transitoria,  
Que tu pintas risonha e seductora  
Aos que inda te não crêem falsa, illusoria !  
Teriam mais valor, se assim não fôra,  
A virtude, o amor, a honra, a gloria !  
Mas, desde que nasceu o homem primeiro,  
Imperas, sem rival, no mundo inteiro !

Porto — Março 6 — 1855.





**A Medicina.**

Quando no Eden viviam  
Adão e Eva, sómente,  
E boticas não haviam,  
E, embora houvesse um doente,  
Medicos não existiam,

Adão e a companheira  
Tinham bem ditosa sorte;  
Mas a mulher fez asneira,  
E por isso veio a Morte  
Dominar a térra inteira.

Ia a familia crescendo,  
A Morte ia-a dizimando;  
E o braço cançado tendo,  
Viu que podia, casando,  
Ir seu poder estendendo.

E, unida c'um mariola,  
O seu empenho remata!  
Cheia de sciencia a bola,  
Se a esposa dizia: — *mata*:  
Elle gritava: — *degola*!

E d'ambição dominado,  
Por ganhar nome, sómente,  
Fez-se o Medico um malvado:  
Quando o chamasse um doente,  
Era em seguida enterrado:

E negando á caridade  
O culto que lhe é devido,  
Augmentando a mortandade,  
Fez quantos filhos tem tido  
Algozes da humanidade!

Desde então os armadores  
Tornaram-se homens possantes!  
Unidos com os doutores,  
São elles os imperantes  
No mundo, que geme em dôres!

Quem ao boticario imputa  
Parte do crime — não pensa! —  
Eu ponho-o fóra da lucta —  
O doutor lavra a sentença,  
O boticario executa.

E, para que o dote valha,  
Um compõe systema novo,  
E contra os antigos ralha —  
E se mais o adora o povo,  
Mais o armador trabalha.

De sciencia a bola pejada,  
Homeopatha ou Allopatha  
Teem a nossa vida em nada;  
Que por fim todos teem — *pata* —  
Quem tem *pata* dá patada.

Pelo *Raspail* encantado,  
Chupando camphora immensa,  
Um julga ter escapado;  
Por fim é, quando o não pensa,  
Um defuncto camphorado!

Outro a ventosa e a sangria  
Soffre, sem que o golpe tema:  
Nem se lembra que hoje em dia  
É cada novo systema  
Uma nova epidemia!

Um quer *Hanheman*, sósinho!  
D'Allopathia aos rigores  
Tem mêdo... mas... coitadinho!  
Vai soffrendo as mesmas dôres,  
Morre mais devagarinho!

Embora, vendo exaltado  
Um doutor, pelas gazetas,  
Fique o povo embasbacado!  
Quem quizer coma taes petas...  
Eu... fico mais despeitado...

« Foi curado o *sór Fulano*,  
« Graças á homeopathia,  
« Pelo Medico *Beltrano*,  
« Da forte dysenteria  
« Que soffria ha mais d'um anno! »

« O *Barão de Pamporrilhas*  
« Sarou — c'o systema antigo —  
« D'uma indigestão d'ervilhas!  
« — Parabens ao *nosso amigo*,  
« Á *Baroa* e suas filhas! »

— DIFFICIL OPERAÇÃO! —  
« Foi felizmente operado  
« O *nosso amigo Fuão!* —  
« — Seja o factu registrado,  
« Do grande cirurgião! »



Medicina!... coisa minha  
Espero em Deus que não tolhas,  
Porque a razão me ençaminha —  
E os elogios das folhas  
Sei quanto custam por linha.

Lamento, com dó profundo,  
Vêr sobre alguns vossos actos,  
Esquecimento tão fundo—  
Por não virem, com taes factos,  
Gazetas do outro mundo...

Guardai a vossa esperteza!  
O que a experiencia me ensina,  
Tem mais força e mais clareza:  
« — Manda á fava a medicina,  
Deixa obrar a natureza! »



**Soneto.**

Curioso estrangeiro, aqui chegado,  
Pelas ruas corria, esbaforido,  
C'um oculo d'alcançe, o mais cumprido,  
Constantemente aos olhos applicado;

E, sendo por alguém interrogado,  
Contra os jornaes bradava, enfurecido,  
O tempo lamentando, aqui perdido,  
Por ter em taes papeis acreditado!

Depois d'exame longo e o mais profundo,  
Da praça até ao bêco mais nojento,  
Foi-se o homem, do Porto, furibundo!

E julgaes que era louco o seu intento?  
Que ambicionava coisas do outro mundo?  
Pois buscava ao *Garrett* o monumento!

**Eu não!**

Creiam outros fallaz apparencia,  
Creiam fallas e escriptos, em vão ;  
Creiam quanto diffunde a sciencia,  
Creiam tudo, sinceros. — Eu não.

Se um poeta disser em seus cantos  
Que o devora cruenta paixão ;  
Se fallar em tristezas, em prantos,  
Podem crêr em seus males. — Eu não.

Se em artigo de negro tarjado,  
Sem um nome que abone a asserção,  
Se exaltarem acções d'um finado,  
Quem poder creia n'ellas. — Eu não.

Quando virem que em simples escripto  
Não vem linha sem vir citação,  
D'esse author, que se inculca erudito,  
Do saber pasmem todos. — Eu não.

Se um cantor nos fallar, muito ufano,  
Dos applausos que teve em Milão;  
D'escripturas que tem para o anno,  
Ouçam-no outros mui serios. — Eu não.

E se diz que bem triste se ausenta,  
E protesta immortal gratidão,  
Quem julgar que elle não representa,  
Póde crêr nos protestos. — Eu não.

Se estiver de joelhos na igreja  
Um agiota, a affectar devoção,  
Quem suppõe que sincera ella seja  
Vá propôr-lhe negocios. — Eu não.

Se um doutor massacrar um doente,  
A explicar da molestia a razão,  
Creiam outros que diz o que sente,  
Ou devassa mysterios. — Eu não.

Se encontrar algum padre podérem  
Com *sobrinhos* fazendo oração,  
Vão por ahi perguntar, se quizerem,  
Quem é pae dos meninos. — Eu não.

Se andar sempre algum rabula esperto  
A correr, e com autos na mão,  
Creiam outros que é pobre, e que é certo  
O triumpho das causas. — Eu não.



Se correrem copiosas vagadas  
Pelas faces do gordo escrivão,  
De pesar por alguém dimanadas,  
Quem quizer pôde crêl-as. — Eu não.

Se algum rico em demandas se cança,  
Como quem busca alli distracção,  
Creiam outros que ficam da herança  
Seus parentes felizes. — Eu não.

Se jurar escriptor afamado  
Velar só pelo bem da nação,  
Quem do mundo viver separado  
Creia em seus juramentos. — Eu não.

Se uma velha que toda se enfeita  
Virem séria, de contas na mão,  
Vão dizer-lhe, por vêr se inda acceita,  
Amorosos gracejos. — Eu não.

Se uma viuva que herdou do marido  
Mil protestos ouvir d'affeição,  
Creia, embora, o namoro attrahido  
Pelos seus lindos olhos. — Eu não.

E se o joven disser que a belleza  
Lhe inspirára uma ardente paixão,  
Vão á viuva tirar a riqueza,  
E depois... vão ás bodas. — Eu não.

Quando um velho, cançado, appareça  
Que inda tenha ao amor pretensão,  
Podem outros abrir-lhe a cabeça,  
A vêr se acham miolos. — Eu não.

Quando um joven, sem fundo e sem tino,  
Se metter em profunda questão,  
Tente alguém, que se julgue mais fino,  
Ir contar-lhe as sandices. — Eu não.

Quem tiver a coragem bastante  
Para, ao perto, escutar o canhão,  
Quando vir o pendão tremulante  
Seja heroe — cõrra ás armas! — Eu não.

E o leitor que tiver a bondade  
D'aturar tantas rimas em ão,  
Tenha, ao lêl-as, comigo piedade,  
Diga, até, que lhe agradam. — Eu não.

29 Março — 1855.



**Epistola.**

(A UM AMIGO, NA FOZ).

Vaes banhar-te! É bem pensado!  
Eu approvo esse teu plano,  
Porque te vejo exaltado,  
E espero que do Oceano  
Sahirás mais socegado.

O banho frio, consola  
O que sente um fogo ardente,  
Seja no tronco, ou na bola;  
E é sempre util ao doente  
Que padece da cachola!

D'esta verdade a evidencia  
Já ninguem a contraria;  
Basta vêr, por experiencia,  
Á beira-mar, hoje em dia,  
Quanto é grande a concorrência.

Embora sejas mais velho,  
Não me creias innocente,  
Não desprezes meu conselho;  
Que eu tenho de boa gente  
A má vida por espelho.

Não te prendas n'essa terra,  
N'essa Foz, onde no Outomno,  
Tudo ao juizo faz guerra;  
Onde o velho, ao abandono  
Vae de sucia, e tambem erra!

Não te fies nós aceios,  
Nas delicadas maneiras,  
Estudados galanteios! —  
Acautela as algibeiras,  
E os alforges, se estão cheios!

Se vai tarde esta doutrina,  
*Mais vale tarde que nunca:*  
Foge! Foge da rapina!  
Vê na Foz uma espelunca,  
Um foco da jogatina!

Attenta bem n'este espelho: —  
Joga o *fidalgo* janota,  
Joga o janota fedelho,  
Vai, noite e dia, á *batota*,  
Macho e fêmea, novo e velho!

O *monte* não tem limites,  
E ha *feras* desconhecidas!...  
Não creias, pois, em convites!  
Foge aos *bailes*, ás *partidas*,  
Não sigas teus appetites!

Serve um *baile* d'armadilha  
A quem tenta encher a *sacca*: —  
Vem da casa a linda filha,  
Fazes, com ella, uma *vacca*,  
Se ganha, tudo te pilha!

Se perdes, perdes sósinho;  
Que ella, com riso fagueiro,  
Mostra vasio o bolsinho,  
Pede-te depois dinheiro  
E tu caes, como um patinho!

É manobra combinada,  
E como ás damas se deve  
Delicadeza dobrada,  
De lá vem a bolsa leve,  
Mas a cabeça pesada.

Fosse, embora, insultuosa  
A voz do *Padre Macedo*!  
Digam que era rancorosa,  
Que a todos causava medo  
Sua lingua injuriosa!

Digam que era um arrieiro,  
Que o chicote só brandia,  
Para dar no mundo inteiro;  
Que de tudo mal dizia,  
Que era mau, e trapaceiro!

Não penso assim, caro amigo;  
Bem que me custe, sustento  
Que tinha a razão comsigo,  
Que o tornava virulento,  
E até feroz no castigo!

Permitte, pois, que eu confesse  
Que ao *Macedo* tenho inveja;  
Que se igual genio tivesse,  
Eu fôra igual na peleja,  
Contra quem motivo dêsse!

Dirás tu que é grande asneira  
Ter pretensões a poeta,  
Fazer no mundo poeira,  
E, por fim, morrer pateta,  
Sem cinco reis na algibeira.

Isso é certo! Eu não pretendo  
Subir ao templo da fama;  
Com tudo não me arrependo: —  
O mundo roto me chama,  
Quero deitar-lhe um remendo!

Se tem *febre* a minha penna,  
Podem dal-a por suspeita,  
Que é vingança, não pequena;  
Mas o que ella não acceita  
É ordem de *quarentena*...

Tem, de ser *limpa*, a virtude,  
E se ha muita *penna suja*,  
Com que inda o povo se illude,  
A minha espero que fuja  
Ao *Conselho de Saude*.

Mas se, apesar do que digo,  
Permaneces illudido,  
Vou dar-te provas d'amigo:  
Se hei-de, alfim, ver-te perdido,  
Quero perder-me contigo!

Vou soffrer meu captiveiro  
N'essa terra, negro açoite  
Contra a paz, contra o dinheiro:—  
No bom e mau, dia e noite,  
Eu serei teu companheiro.

Iremos sempre ás *partidas*,  
Ver as meninas vaidosas,  
Dentro dos *balões* mettidas,  
E as velhas, pretenciosas,  
Com chôchas faces tingidas.

\*

Veremos, da parva dança  
Obedecendo aos preceitos,  
O janota, inda creança,  
Fazer burlescos tregeitos,  
Do macaco á semelhança.

Por entre o redemoinho  
Mil segredos ouviremos,  
Que então se dizem baixinho...  
E os apertões contaremos,  
Que se dão devagarinho...

Veremos muito contentes,  
Taes actos presenciando,  
Certos paes impertinentes,  
Que andam, cá fóra, espreitando  
Das filhas os pretendentes!

E que inventando embaraços  
Com que intentam, cautelosos,  
Livial-as d'astutos laços,  
Vão entregal-as, gostosos,  
De seus amantes nos braços!

E com manha sorradeira,  
Vendo em namoros mettidas  
A casada e a solteira,  
Chamaremos ás *partidas*  
Eschola da maroteira.



Veremos, mais, o janota,  
Que nas guerras de Cupido  
Faz de galucho idiota,  
Ser general aguerrido  
Nas campanhas da *batota*...

Veremos o *cavalheiro*,  
Por todos acreditado,  
Empalmar cartas, ligeiro,  
E, sob a capa d'honrado,  
Não ser mais que um ratoneiro!

Como os outros, dançaremos  
Com as bellas raparigas,  
E taes coisas lhes diremos,  
Que serão nossas amigas,  
Farão, por nós, mil extremos.

E quando com taes finezas  
Á face o rubor assome,  
Contaremos ás bellezas  
Que a devassidão deu nome  
Ás heroínas francezas.

Com tão doce ratoeira,  
Com fallas insidiosas  
Venceremos a barreira;  
Que as damas pretenciosas  
Gostam d'imitar a asneira.

Dous heroes conquistadores  
Seremos, com gloria extrema,  
Sem temer perseguidores,  
Por que usamos do systema  
De que usam grandes senhores !

Vivendo da jogatina,  
Ligando o *crusado novo*  
Ora ao valete, ora á quina,  
Podemos, longe do povo,  
Hombrear com gente *fina!*

E quem de jogar se peja,  
Se hoje é moda, como nunca,  
Se o mundo o jogo festeja,  
Se ha padres que na espelunca  
São mais certos que na igreja?

Sem moral, mas com dinheiro,  
Verás tu como gosamos,  
Com prazer, o mundo inteiro:—  
Embora um dia sejamos,  
Tu visconde, eu conselheiro.



**No Album**

DO MEU AMIGO JOSÉ BORGES PACHECO PEREIRA.

Não sei que hei-de escrever! — Pois desejava  
Submisso obedecer! — É teu mandado!  
Gracejo... na quaresma? — Era peccado!  
Uma lamuria? — Não, que te enfadava!

Fazer-te um elogio? — Não prestava!  
Uma jura d'amigo? — É muito usado!  
Dizer-te mal de mim? — Não, que é roubado!  
De mim dizer-te bem? — Isso enojava!

Fallar-te sobre o amor? — Deixo-o ás mulheres!  
Uma historia inventar? — Fôra indiscreto!  
Meu nome dar-te, só? — Nem tal esperes!

Prometti versejar? — Inda o prometto!  
Porém que hei-de fazer? — Olha... se queres,  
Guarda lá isto — chama-lhe *soneto*!

Fevereiro 9 — 1856.

**A Musa.**

Deixa ir o mundo seu passo ;  
E contra si mesmo armado  
Córte c'um braço o outro braço ;  
Põe na bôca um cadeado,  
Faze o que eu mil vezes faço.  
N. TOLENTINO.

Foge, foge, ingrata Musa,  
Que a perder me tens lançado,  
Fazendo com que eu traduza  
Em chôcho palavriado  
O que ensinas, e se escuza !

Por tua causa, indiscreta,  
Reformar o mundo, torto,  
Pretende o louco poeta ;  
Mas, se a fome o não tem morto,  
Morre cançado o pateta !

De males que não teem cura  
Pretendes ser curandeira?  
Destruir a vã loucura,  
Que é dos homens companheira,  
Em quanto que a vida dura?

Baldado intento, fatal,  
Que ha-de encher, em resultado,  
De poetas o hospital,  
Sem ter a terra livrado  
Da molestia universal!

Bradando ser cousa feia  
Os maus andarem dispersos,  
D'extinguil-os tens a ideia?  
E tentas vencer, com versos,  
O que não vence a cadeia?

Com a politica em briga,  
Proclamas a independencia,  
Sem que o bom senso te diga  
Que está calada a consciencia,  
Em quanto falla a barriga?

Não sabes que é infeliz  
Quem abraça uma bandeira?  
Que o bom caçador, se quiz  
Seguir direita a carreira,  
Nunca matou codorniz?

Que n'uma mesa, tambem  
É grato o vario sabôr?  
E não agrada a ninguem  
Vêr que, tendo uma só *côr*,  
Uma comida só tem?

Queres em laço sagrado,  
Vêr á honra o genio unido?  
Não vês que, se teem casado,  
Ou foge aquella ao marido,  
Ou morre este esfomeado?

Mandas que seja a existencia  
Nos estudos consummada?  
Não sabes que é imprudencia  
Nas letras gastar a vida,  
Vendo as *tretas* na opulencia?

Pretendes que o sabio intente,  
Ao seu paiz dando lustre,  
Vêr do peito a *cruz* pendente?  
Que — subindo — a gente illustre  
Desça, a par d'infima gente?...

Não vês que, apesar de fraca,  
A honestidade inda córa,  
Se nodoas alguém lhe assaca,  
E se julga a *cruz*, agora,  
Uma nodoa na casaca?

Dizes que ha-de, sendo pura,  
Ser modesta a caridade?  
D'exigir tens a loucura,  
Que domine a sã verdade,  
No reinado da impostura?

Fulminando o que, atilado,  
D'essa virtude faz gala,  
Sustentas que anda em peccado?  
Que a vaidade ás vezes falla,  
Sendo o coração calado?

Não julgas ser com razão  
Que da má famá se exime  
Quem se entrega á devoção?  
Nem sabes que todo o crime  
Precisa d'expição?

Que a nota d'antigos dias  
Empana o brilho indeciso  
Das actuaes fidalguias,  
E que trocar é preciso  
Os odios por sympathias?

Dão-te os janotas cuidado,  
Porque ha muito á moda tendo  
O juizo hypothecado,  
Vão entre molas soffrendo  
O narizinho apertado?

Nem perdôas, rabugenta,  
Á — que em si vale tão pouco —  
Luneta, que o luxo aumenta?  
Dizes que é, por força, louco,  
Quem cego fingir-se tenta?

Nem temes que o vagabundo  
Que por janota só passa,  
Seja um pensador profundo,  
Que atravez d'uma vidraça  
Ande a espreitar este mundo?

Ralhando do penteado  
Das damas, por zombaria  
Tens á cabeça chamado  
Propriedade inda vazia,  
Com relevos no telhado?

Appellidas *guarda-cama*  
O enfeite, de côr garrida,  
Que traz na nuca uma dama?  
E travesseiro a torcida  
Onde o cabello se acama?

Sustentas que o chapelinho,  
No tamanho casca d'ovo,  
Nas fórmãs fingindo um ninho,  
Brilha alli, qual tampó novo  
Em casco que não tem vinho?



E fazendo que eu deprima  
Os vestidos transparentes,  
Dizes que as damas d'estima  
Andam na rua indecentes,  
D'anagoa, com veo por cima?

Cheia de más intenções  
Dás-me sempre, e sem que tremas,  
Perversas inspirações?  
E exiges, sobre taes themes,  
Que eu toque variações?

Lá no Parnaso sentada,  
Dás o *alamiré*, sem tino,  
Ficas depois descançada?  
Não vês que, se desafino,  
Posso levar pateada?

Não vês que, por mais que eu cante,  
Nos tons que dás, escolhidos,  
Seja alegre, ou seja andante,  
Offendo certos ouvidos  
Com minha voz dissonante?

Não vês que o publico, vario  
Em juizos e em favores,  
Á razão sempre contrario,  
Dá paulada nos cantores,  
E comprimenta o empresario?

Vai-te, vai-te, oh Musa audaz,  
Guarda o teu genio fecundo,  
Toma um conselho efficaz:  
Deixa em paz o louco mundo,  
Deixa-me viver em paz!



A um rico, mas ascoroso velho, por appellido o JANEIRO, que pretendia casar com uma interessante joven.

**Soneto.**

Tu não tens um espelho — desgraçado —  
Onde possas ir lêr os desenganos?  
Não sabes que, vergado á força d'annos,  
No teu proprio nariz tens tropeçado?

N'esse teu chapelorio homisiado,  
Em velludo envolvido, e finos pannos,  
Que vales, se não fazem taes enganos.  
Ao presente voltar o que é passado?

E pretendes casar c'umà belleza?  
Não vês que se uma joven te quizera  
Só a mira levára na riqueza?

Vai nas contas résar, e considera  
Que fôra grande insulto á natureza  
Ajuntar-se o JANEIRO á *Primavera!*

**Epistola.**

N'este humilde recinto, onde, sósinho,  
Vou a vida arrastando, lentamente,  
Sem o ruído augmentar do grande mundo,  
Onde vulto não faz o desgraçado  
Que visconde não é, nem conselheiro;  
Onde só o plebeu póde á nobreza  
Affouto ir-se juntar, se, em trem faustoso,  
Cercado de galões, vai, opulento,  
Porque a sorte lhe dera o veo espêso  
Que nas minas, sem fim, da California,  
Tecêra, mysteriosa, a Natureza,  
Para encobrir aos olhos do Universo  
A infamia, a estupidez, o vicio, o crime;  
N'este canto, escondido, onde só canto  
Como canta no monte o pobre grillo,  
Sem comtudo temer os caçadores  
A que o triste bichinho está sujeito,  
Porque a *palha* não vem gastar comigo,

Que lá da escura cova o desaloja,  
Esses a quem ferir meu canto possa,  
Que para seu sustento a não dispensam ;  
Aqui, na escuridão onde, só, vivo,  
Pretendes tu que eu saiba o movimento  
D'esta maquinã immensa, e complicada,  
Que o Eterno formou só em seis dias,  
E ninguém percebeu, ha tantos annos ;  
E exiges, na soidão em que és ditoso,  
Que eu seja para ti gazeta monstro,  
Que noticias te dê, de toda a parte?  
Não sabes que os jornaes noticiosos,  
Que tantos aqui são como as formigas,  
Mais do que ellas, talvez, unidos vivem,  
E aquillo que diz um todos o contam ;  
Que ás vezes nos dá um, por cousa nova,  
O que outro, ha quinze dias, já contára?

Apenas da immortal cidade, *antiga,*  
*Muito nobre, leal, e sempre invicta,*  
Dizer-te posso aqui tristes verdades :  
O Porto é terra livre, e livre a ponto  
Que aos Reis de Portugal já se não curva!  
A *Rainha Victoria*, d'Inglaterra,  
Essa estende até cá os seus dominios,  
E feliz ella fôra se os britannos  
Como os lusos, d'aqui, lhe obedecessem !  
*Jorge Quarto*, e *Guilherme*, ambos defunctos,  
Do outro mundo inda vem dar leis ao Porto ;  
E em luzente metal mal retratados,  
Exercem tal poder, são tão tyrannos,  
Que não acham aqui quem lhes resista,

E obrigam por ahí a andar de rastos  
Os que blasonam mais d'independentes;  
Nem da democracia os partidarios  
A *soberanos* taes seu culto negam !

Por isso, tudo aqui anda ás avessas,  
E o Porto endireitar ninguem já tenta !

Valem mais os jumentos que os cavallos,  
Valem menos fidalgos que almocreves !  
Parece isto que digo umi contra-senso;  
Inda bem que o proval-o é mais que facil !

Se na rua parou pobre orelhudo,  
Que o almocreve conduz por bamba corda,  
E os passeios transpondo, este o encaminha  
Á porta d'uma casa, onde o criado  
Se dispõe a comprar dez reis de fructa,  
Não tarda que o jumento e o almocreve,  
Semelhantes, alli, pela humildade,  
A seu lado não vejam reunido  
D'altivos figurões longo cortejo,  
Que um — *Z* — tendo na testa, e um — *M* — adiante,  
Alli vão exercer *zelo maldito*,  
Fazendo que, no excesso d'esse zelo,  
As letras amarellas decifrando,  
*Zangões Municipaes* lhes chame o povo !  
A tantas distincções não-costumado,  
Pendurando o chapeo na mão callosa,  
O pobre conductor do pobre burro  
Procura agradecer altos favores ;  
E para os vêr findar, já confundido,

Tenta, a bolsa mostrando, besuntada,  
Generoso pagar *finezas* tantas;  
Porém que o tenta em vão breve conhece!  
Como elle e como o burro a bolsa magra  
Não póde suffocar o *zelo ardente*,  
Que os leva em procissão, por entre o povo,  
Dos Paços do Concelho ao palacete,  
Onde assigna de cruz, em grosso livro,  
Onde paga depois a grossa *multa*,  
O livre cidadão do burro livre!

Não succede outro tanto, amigo caro,  
Ao gordo, folgasão, nêdeo cavallo,  
Que é, na raça e no preço, aristocrata!  
Esse galopa, em vão, pela cidade,  
De lama chapinhando a quantos passam;  
E das ruas fazendo picadeiro,  
Põe os que andam a pé em debandada,  
Tentando evoluções, passos difficeis,  
Que ao povo mostrar quer, d'orgulho cheio;  
Outras vezes, com luxo, empavesado,  
Aprendendo a puxar lustroso carro,  
Em que aprende seu dono a ser fidalgo,  
As ruas atravessa a passos largos,  
Põe tudo em confusão, sobe aos passeios,  
Atropella, se póde, alguém que passa;  
Mas de balde trabalha, que o *desprezo*  
De tudo em premio tem, ninguem o attende!

Os *prudentes Zangões* não lhe apparecem;  
Nem lá do Municipio o livro immenso,  
Onde o numero avulta dos *multados*,

\*

Por honra chega a ter nas folhas suas  
Um nome fulgurante — uma *excellencia!*  
Já vêes que tudo aqui anda ás avessas,  
E o Porto endireitar ninguem já tenta,  
E has-de, pois, concordar que, n'esta terra,  
Valem mais os jumentos que os cavallos,  
Valem menòs fidalgos que almocreves!

Vou do Theatro, em fim, dar-te noticias,  
Pelas quaes chorarás, se inda tens alma,  
Se és inda portuguez, como eras d'antes:

O Theatro, coitado, está doente ;  
Do povo á caridade em vão recorre,  
Nem da sua nação remedio espera!  
E só a Homeopathia italiana  
Vai, com lyricas dózes, sustentando  
Aquelle desvalido e pobre enfermo,  
Que de sorte melhor era bem digno!  
Os membros d'esse corpo infeccionado  
Deslocados estão, verdade seja ;  
Funcionar já não podem, mas é certo  
Que a falta d'alimento a causa fôra  
D'esse estado, infeliz, em que se encontra!

Foi-se o tempo em que os bons *Doutor Sovina,*  
*Serralheiro Hollandez, Gallego lorpa,*  
Ao Theatro chamavam povo immenso,  
Que hoje, por nosso mal, não quer ser povo!  
Theatro portuguez... passou de moda —  
E a moda, sujeitando aos seus caprichos  
Estes, pobres de senso, e ricos d'ouro,



Que no mundo actual dão leis ao mundo,  
Afasta-os com horror, do bello drama,  
Da comedia chistosa, e alegre farça,  
Em que de cem palavras quatro entendem,  
E leva-os ao theatro italiano,  
Lingua que, para os taes, é grego sempre!

E, á musica rebelde o pobre ouvido,  
Quantos d'elles iriam, por dinheiro,  
Bem rasgada, uma chula ouvir mil vezes,  
Com mais gosto, de certo, do que sentem  
Se escutarem, de graça, e inda com premio,  
A mais bella e mimosa cavatina  
Que um genio, qual Bellini, inventar póde!

Quanto custa, meu Deus, o ser fidalgo,  
Sem outro auxilio mais, que o da fortuna,  
Sem mais intelligencia do que um pato!  
Por issò, tudo aqui anda ás avessas,  
E o Porto endireitar ninguem já tenta!

E tu que lá no campo a vida passa,  
Entregue á solidão, em que ha ventura,  
Se ventura na terra existir póde,  
Acreditas, talvez, que o Porto d'hoje  
Não é já, para nós, o Porto antigo!

Se algumas horas d'ocio tu consomes  
D'alguns jornaes d'aqui, na vã leitura,  
De certo has-de suppôr que os Portuenses  
Andamos a nadar n'um már de rosas!  
Has-de vêr o *progresso*, á frente sempre;

As *creches e hospitaes*, as *companhias*,  
O *gaz*, preconisado, as *vias-ferreas*,  
As mil *associações*, os *monte-pios*;  
Os annuncios, sem conto, de *romances*;  
De *poemas*, sem fim, de *reportorios*,  
*Almanaks*, *folhinhas d'algibeira*,  
E mil cousas que os prelos nos promettem;  
E não sabes que, além da oitava parte,  
O mais, amigo meu, tudo é farello!...

O *progresso*, que os typos apregoam,  
É quasi um nome vão, no Porto nosso;  
Nem póde aqui, jámais, metter o dente,  
Em quanto os carroções, d'antigas eras,  
Divagam, a dormir, por essas ruas!  
O marido infeliz que a esposa veja  
Em capoeiras taes tomar assento,  
Dirigindo-se á Foz, a tomar banho,  
Logo de negra côr vestir-se deve,  
E d'esse instante, já, crêr-se viuvo;  
Porque as vidas, bem vês, são curtas hoje,  
E não deve suppôr caso possivel  
Viver até que um dia a esposa volte!  
Se é isto o que é *progresso*, então, amigo,  
É das outras nações, bem grande o atrazo,  
E meu avô, já morto ha quarenta annos,  
Como hoje o somos nós, foi progressista!

Corre assim tudo o mais; embora o mundo  
Á verdade, talvez, mudando a face,  
Por saber que a illusão faz doce a vida,  
Queira as cousas julgar d'outra maneira:

O immenso batalhão de litteratos  
Que sitia esta praça inexpugnavel,  
Resistencia pasmosa aqui achando,  
Não póde com as letras abrir brecha!  
Fazem fogo de balde, que os pelouros  
Resvalam, sem ferir marmoreos craneos!  
São duros como pedra os sitiados,  
Com buchas de papel já se não rendem!  
Por isso os litteratos, sempre magros,  
O estomago com fumo enganar querem;  
E lá vão ao Contracto do Tabaco,  
Embora sempre mau, sedição e pódre,  
O sustento buscar que, nos mercados,  
Faz despeza maior, a que não chegam!

Da *Creche* a instituição é-lhes inutil,  
Porque passam da idade: — alguns bem pouco —  
Nos pios *hospitales* não tem proveito,  
Que a tudo affeitos, já, logram saude:  
Nem um só tem acções nas *Companhias*;  
O *gaz* lhes incommóda a vista fraca;  
Não esperam chegar ás *vias-ferreas*;  
E nas *associações* colhem apenas,  
Como fructo feliz dos seus trabalhos,  
A grande honra de vêr seu nome impresso!

Já vês, amigo meu, que o Porto d'hoje  
Muito melhor não é que o Porto antigo;  
Conselheiros tem mais, tem mais viscondes;  
As sêdas, cazemiras e cambraias,  
Já chismadas, tambem, pelos francezes,  
Mais gasto agora tem, que outr'ora tinham;

Ha mais carros, carrinhos, e carroças,  
Mas inda ha carroções — fatal verdade —!  
Contamos entre nós jornaes aos centos,  
Das duzias os poetas são ás duzias,  
Pretendem todos ser homens de letras;  
(E d'isto achas aqui bem clara prova)  
Mas nunca se notou tanta miseria,  
Jámais a estupidez se viu tão alta!

Desgraçado d'aquelle que alguns annos  
Na eschola deu as mãos á palmatoria;  
Que em galardão só tem o desabafo  
De talhar, sem medida, carapuças,  
Mandal-as por ahi buscar cabeças!  
Se alguma te servir, ou aos amigos  
Que lá, de longe a longe, te apparecem,  
Pódes d'ella dispôr, que immensas ficam  
Na fabrica onde teem muitas nascido,  
Que dispersas voando, ao som do vento,  
Nem uma sem cabeça tem ficado!

Do Porto desejavas ter noticias,  
Aqui tens o que, só, dizer-te posso;  
E não creias, amigo, que pretendo  
O quadro ennegrecer com feias côres;  
Quanto julgues aqui pompa d'estylo,  
Verdades duras são — mas são verdades.



**A um velho enamorado.**

Pobre velho! Estás perdido,  
Se n'esse couro tão duro,  
Pôde inda fazer-te um furo  
Uma sétta de Cupido!  
D'esse mal accommettido,  
Remedio te não darão;  
Que n'essa idade a paixão,  
Bem que assim te não pareça,  
É molestia da cabeça,  
Que não sente o coração.

Sendo, além de velho, pobre,  
Que esperas tu das mulheres?  
Que alguma sinta inda queres  
Por ti, um affecto nobre?  
Não vês que — bem que te sóbre  
Desejo de ser amado —  
Uma donzella a teu lado,  
Gemidos d'amor soltando,  
Fôra qual gato miando  
Ao pé d'armario fechado?

Não vês que a pôdre gengiva,  
Quando á dama sorrir tentes,  
Mostra, a chorar pelos dentes,  
Em vez de pranto, saliva?  
Que a voz, d'amor expressiva,  
Da tua bôca sahida,  
Finge, debil e tremida,  
A d'um *cochicho* de feira,  
Feito de velha madeira,  
Com chôcha pelle ençolhida?

Que tem perdido o sabor  
Um pomo, quando está pêco,  
E não pôde um tronco sêcco  
Dar seiva a formosa flor?  
Que ao templo não vai d'amor  
Quem os pés tem no jazigo;  
Que só pôde por castigo  
Dobrar a amor o joelho,  
Quem tem um coração velho,  
*Passado*, já, como um figo?

Que nas guerras de Cúpido  
Não pôde ser bom soldado,  
O que, das marchas cançado,  
Não corre á voz de — « sentido »?  
Que devias ter fugido  
D'obedecer a tyrannos,  
Porque um regimento d'annos  
Tens, que em teu favor acode,  
E ser cadete não pôde  
Quem tem praça em veteranos?

Toma um conselho prudente,  
De quem, mais que tu, é moço:  
Em carne que inda tem osso  
Não queiras metter o dente:  
Põe o chinó reluzente  
Sobre esse casco tão liso; •  
Encobre, que é bem preciso,  
Essa abobora tão dura,  
Que apodreceu de madura,  
Sem ter creado juizo!

Veste a esguia casaquinha,  
Macrobia, d'idade incerta,  
Onde esse teu corpo acerta  
Como a espada na bainha;  
Enfia a meia de linha,  
Veste o calção de baêta;  
Põe fivella de folheta  
Sobre o sapato montada,  
E na mão, já descarnada,  
Segura a torta mulêta!

Põe camisote folhudo,  
Cinge ao collo o branco lenço;  
N'outra mão leva suspenso,  
De castor chapeq felpudo;  
Mas assim, diverso em tudo  
Da gente que a amar se entrega,  
Não jogues a *cabra-cega*  
Com moços, d'amor dilectos:  
Dos que podem ser teus netos  
Não pretendas ser collega!

Não te mettas, por bolonio,  
De bons rapazes no meio!  
Vê que — sendo menos feio —  
Fugiu d'elles o demonio;  
E tu, velho, e assim laponio,  
Com pretensões a casquilho,  
Se tentas seguir seu trilho,  
Cahindo, como sandeu,  
Serás, por bom camapheu,  
Mettido em bronzeo caixilho!

Na igreja asylo procura,  
Junto á pia d'agua-benta,  
E com ella curar tenta  
Da cabeça a matadura:  
No longo nariz pendura  
As cangalhas de latão;  
E, de cartilha na mão,  
Ouve — em postura submissa —  
Sobre uma missa outra missa,  
Quantas dér a occasião!

Destina á tarde a sahida  
Ao campo, onde, c'um pataco,  
Pagando o tributo a Baccho  
Te dispões a nova lida:  
Lá — sem ser na alheia vida —  
Com bojuda taverneira  
Cavaqueia a tarde inteira;  
Até que a noite nascente,  
Porque és gallinha entre a gente,  
Te convide á capoeira!



À noite, com voz fanhosa,  
Canta, em casa, a *Joven Lilia*;  
Joga o *Burro* co'a família,  
Sobre a mesa carunchosa:  
N'esta vida tão ditosa  
Não farás triste figura;  
E o povo, que te censura,  
Quando sigas meu conselho  
Não dirá que — *burro velho*  
*Já não aprende andadura.*



Aos meus trinta e um annos.

**Soneto.**

N'esse dia cruel em que os trinta annos,  
Chorando, completei, julgei-me velho!  
Tremi ao encarar sincero espelho,  
Onde sempre encontrei mil desenganos!

Tentei, fazendo esforços, mais que humanos,  
Abraçar da razão sabio conselho;  
Mas, por fim, á paixão dobrando o joelho,  
Só versos entoei... tristes.... insanos!

Porém hoje, que um anno, mais, já conto,  
Cuidam lá que estou triste?... ora... acordei  
Cantando, alegre, e rindo como um tonto!

D'esta mudança a causa eu bem a sei:  
Os *trinta'*, para mim, era mau ponto;  
Chegando aos *trinta e um*, então... ganhei!

Aos meus trinta e dois annos.

**Soneto.**

Ingrato Fevereiro, que teimaste  
Em velho me tornar!... maldito sejas!  
Se na cova esconder-me assim desejas,  
Para que sobre a terra me lançaste!

Os cabellos, que louros me creaste,  
Com a presença tua agora alvejas;  
E até para arrancar-me já forcejas  
As forças com que outr'ora me dotaste!

E pelas cruas leis da sociedade  
Insanas condições me são impostas,  
De festejar-te, envolto n'anciedade!

A ti... que ha tantos annos me desgostas,  
E que hoje, com audaz tenacidade,  
Vens *uma arroba d'annos* pôr-me ás costas!

Aos meus trinta e tres annos.

**Soneto.**

Como correm os annos tão ligeiros!  
Como os dias se vão, sem que se contem!  
Julgo que *trinta e dous annos* fiz hontem,  
E *trinta e tres* já tenho, muito inteiros!

Foram curtos os mezes derradeiros,  
Ou vão, sem que as folhinhas os apontem?  
— Hei-de jurar, ainda que me affrontem,  
Que n'um anno passei dous Fevereiro!

Mas... se o tempo, que foi, não foi perdido,  
Se o que outros não verão já tenho visto,  
Se tantos, inda moços, teem morrido,

Alegre eu devo estar, porque inda existo;  
Pois se Christo assemelho em ter nascido,  
Se um anno inda viver, sou mais que Christo.

Aos meus trinta e quatro annos.

**Soneto.**

Cantei (forte pateta!) os meus *trinta annos*,  
Por velho me julgar, em ais, em pranto!  
Cheguei aos *trinta e um*, mudei o canto,  
Que é loucura o chorar, entre os humanos!

*Trinta e dous* completei, sem sentir damnos  
N'este meu bom humor que préso tanto;  
Em saudal-os, góstoso, achei encanto,  
Por mais um anno ter de desenganos!

Lá vem os *trinta e tres!*... mais um motivo,  
Para a lyra soltar um som jucundo —  
Pois Christo então morreu, e eu era vivo!

Nem hoje, aos *trinta e quatro*, me confundo;  
Mas folgo, rí-o e canto em tom festivo! —  
— Pois eu tolo não sou — conheço o mundo!

**Em Outeiros.**

AO MOTE

*Negro zélo, vai-te embora.*

Vou aprender a torneiro,  
Arte da minha paixão ;  
Pois trabalha o pé e a mão,  
Ganha-se muito dinheiro :  
Encommendo ao meu ferreiro  
Um *tórno* — não dos de fora —  
Esperem, lembra-me agora,  
Tenho aqui um *tornozélo*,  
Tiro o *tórno*, e digo ao *zélo* :  
*Negro zélo, vai-te embora.*

*No açafate da costura  
Se escondeu agora amor.*

Se eu podésse, em noite escura,  
Ser por ti agasalhado,  
Dormia mesmo enroscado  
*No açafate da costura;*  
E se lá d'essa clausura  
Fóra me quizessem pôr,  
Tu dirias: — « Não, senhor,  
« Não toquem n'esse cestinho;  
« Que lá dentro, encolhidinho,  
« *Se escondeu agora amor.* »



*Doce paz, doce ventura.*

Lá n'essas grades mofinas  
Duas ama este rapaz:  
Uma *Ventura*, outra *Paz*,  
Se chamam as taes meninas:  
Quero vêr se são ferinas,  
Ou lhes dóe minha amargura;  
Quero vêr qual me procura  
A fome satisfazer:  
Meninas! quero comer:  
Doce, *Paz!* Doce, *Ventura!*

\*

*Desceram do ceo os anjos  
P'ra fazer esta eleição.*

Lá dentro não ha marmanjos  
Que manejem o cacête:  
A habitar tal palacête  
*Desceram do ceo os anjos:*  
Por isso, n'esses arranjos  
Que manda a Constituição,  
Sois livres, e com razão;  
Pois não ha lá cacetadas,  
Nem ha listas carimbadas,  
*P'ra fazer esta eleição.*





**Soneto.**

Dizem mil sabichões que, n'esta vida,  
Só póde quem tem ouro ser ditoso;  
Que é pretender, sem elle, achar o goso,  
Ambição a que o senso não convida!

Assim julga quem vê na humana lida,  
Cercado de galões, em trem custoso,  
Qualquer nobre lapuz, louco vaidoso,  
Que entre a gente de bem não tem guarida:

Que esses fazem figura, eu não desminto:  
A toda a parte vão, com seu cortejo,  
Porque o mundo lhes dá lugar distincto:

Outras glorias teem mais, que eu não invejo;  
Mas nunca sentirão prazer que eu sinto  
Na risada que dou, se um d'elles vejo!

**Engajamento.**

(Para ser publicada em um jornal do Rio de Janeiro).

Lá no Parnaso sentada  
Que fazes, Musa ronqueira,  
Em quanto que, abandonada,  
Minha lyra, prasenteira,  
Jaz, aqui, triste e calada?

Desce lá d'essas alturas! —  
Vem á terra, onde, isolado  
Eu, sem ti, ando em torturas,  
Como o janota — pasmado —  
Como o barão — ás escuras!

Se os males meus não preferes  
Ao dar-me vida ditosa,  
Por mais tempo não esperes! —  
Não sejas, lá, caprichosa,  
Como, aqui, são as mulheres!

Aguça a lingua picante,  
Que a picar tens muita gente!  
Pódes ser fera, e arrogante,  
Sem opprimir o innocente,  
Que ha por cá muito tratante.

Os que hoje cá se engrandecem  
N'estas grandezas bastardas,  
Quanto mais sobem, mais descem;  
E antes que venhas — se tardas —  
Na lama desaparecem!

E não cuides que a respeito  
Te fallo só do meu Porto,  
Que é no mundo um nicho estreito:  
Se este retalho anda torto,  
Não anda o resto direito!

Não!... que a humana creatura  
Julgou Deus que era preciso,  
Creando-a, dar-lhe em mistura  
Um vislumbre de juizo,  
Um pedaço de loucura!

Por isso da humanidade  
Regula a mola tão pouco,  
Que só, por fatalidade,  
Do que fôr de todo louco  
Nas acções se acha igualdade.

E vêmos, de dia em dia,  
Que da asserção verdadeira  
Nenhum mortal se desvia :  
Todos fazem sua asneira,  
Todos teem sua mania !

Sobre os homens triumphante  
A politica maldita,  
Do honrado faz um tratante,  
Do opulento um parasita,  
Do talentoso um pedante !

Vê-se um que, pela avareza,  
Por seu quer o mundo inteiro,  
E se alfim chega á riqueza  
Canta o *memento* ao dinheiro,  
Enterra-o, vive em pobreza !

Outro, joven, rico e forte,  
Por instinctos levianos,  
Do prazer seguindo o norte,  
No mar dos gozos mundanos  
Vai abalroar c'ò a morte !

E tu, Musa preguiçosa,  
Mettida no teu buraco,  
Fria, inerte e desdenhosa,  
Chamo-te, não dás cavaco !  
Humilho-me, és orgulhosa !

Vem, oh Musa galhofeira!  
Rouba-me á vida mesquinha,  
Que vivo d'esta maneira,  
Como o gallo sem gallinha  
A cantar, na capoeira!

Faze á terra uma romagem!  
Vem provêr-te aqui d'arranjos  
Para uma longa viagem;  
Mas foge d'*alguns marmanhos*  
Que hão-de propôr-te passagem!

Tu, que além de livre és brava,  
Que de mim não fazes caso  
Quando o meu fado se agrava,  
Não queiras, lá do Parnaso,  
Vir á terra ser escrava!

A despeza, aqui, termina  
Na vermelha carapuça,  
Na dura bolacha fina,  
Em que o bom dente se aguça,  
Se ha no mar fome canina.

Com isto podes, ufana,  
Dizendo adeus aos poetas  
Cá da praia lusitana,  
Ir vêr as margens dilectas  
Lá do paiz da banana.

Essa terra abençoada,  
Onde encontram portuguezes  
Mansa, a fortuna que, irada,  
Cá na patria, muitas vezes,  
Lhes mordeu, lhes deu patada!

Esse grande imperio amigo,  
Essa terra animadora,  
Onde as Musas teem abrigo,  
E que ha-de ser, qual já fôra,  
Hospitaleira comtigo!

Sê grata ao povo illustrado,  
Mas que não caias em erro!  
Não seja o voto affectado,  
Como o de carta d'enterro,  
Como o d'actor afamado!

Ser ingrata um crime fôra!  
Mas na gratidão sê nobre,  
Ninguem te chame impostora:  
Antes, toda a vida, pobre,  
Que, um só dia, aduladora!

E se fallar-te poderem  
Os que á fama, ao nome honrado,  
Grandeza, luxo preferem,  
Mostra o rosto carregado,  
Pesa bem quanto disserem.

Diz-lhes que é, na lusa terra,  
Honra o ser negociante;  
Mas que o brio, aqui, desterra  
O que, sendo traficante,  
Ao nome honroso faz guerra.

Que odeia o paiz inteiro  
Essa gente que, mesquinha,  
Vem do imperio brasileiro,  
Pesada, gorda gallinha,  
Comprar por magro dinheiro.

Que os habitantes d'aldeia,  
Na *herdança* do brasileiro  
Fallam, já, depois de ceia,  
E contam bem o dinheiro  
Á frouxa luz da candeia.

Que já não crêem, innocentes,  
Nos requebros estudados  
De tentadoras serpentes,  
Nem vendem, já, por *cruzados*,  
Os *contos*, lá dos parentes.

Que esse negocio é mal visto;  
E aquelle que o tenta agora,  
O nome que tem, por isto,  
O tiveram *dous*, outr'ora,  
Entre os quaes morrêra Christo.

Se da linguagem dura  
Tu vires que alguém se offende,  
Ser mais doce então procura:  
Dos bons medicos aprende,  
Que matam, mas com brandura.

Não deixes o povo absorto  
Notando a tua ousadia! —  
Promette, como conforto,  
Que has-de contar — outro dia —  
O que vai cá pelo Porto.





**Epistola.**

Não sei porque hoje estou tão sorumbatico;  
Mas é certo que vou para o pathetico  
Mais, que para o jocoso e epigrammatico:

Dizem que quem mais soffre é mais poetico;  
Mas eu sou, em taes casos, tão exotico,  
Que ora de gèlo estou, ora phrenetico,

E dou em cada verso um bom narcotico,  
Ou me torno mordaz, e sou tão critico  
Que, muitas vezes, chego a ser despotico!

Mas se devo contigo ser politico,  
Vou da Musa invocar o favor metrico,  
Saia o canto mordaz, saia analytico,

Saia erotico, emfim, jocoso, ou tetrico!  
Mas... fatal propensão!... para o sarçastico  
Já começa a impellir-me um fogo electrico!

Se ás vezes sou, n'um canto, encomiastico,  
É só tecendo ao genio um panegyrico,  
Porque sou pelo genio enthusiastico;

E então, em verso heroico, ou verso lyrico,  
Contra algum detractor que vejo, emphatico,  
Ao louvor sei juntar furor satyrico;

Mas é justo o furor, não systematico! —  
Se vem, com pretensões a scientifico,  
Sobre tudo fallar qualquer lunatico,

Fazendo opposição ao que é magnifico,  
Pretendendo ostentar saber generico,  
Sem que o possua, ao menos, especifico;

Um estylo affectando, quasi homerico,  
Em estranhas questões entrando, impavido,  
Sendo tudo o que diz sempre chimerico;

E de um nome immortal mostrando-se ávido,  
Perder-se, e, quando tenta ser oraculo,  
Da discussão fugir, corrido e pávido,

Quizera expôl-o em publico spectaculo;  
Mas d'esse que excitou furor satanico,  
Lá vem a compaixão ser sustentaculo;

Porque deixa qualquer de ser tyrannico,  
Ao vêr do contendor no rosto pallido  
A mais clara expressão do terror panico;

Nem póde ser ninguem tão fero e calido,  
Que não se torne frigido e fleugmatico,  
Se tem de guerrear com triste inválido:

E se n'isto me julgas esquipatico,  
Não dirás que me torno celeberrimo,  
Fulminando o furor aristocratico;

Pois conheces que n'isso eu sou acerrimo;  
Por notar que das graças ao demerito  
Nosso estado devemos, tão miserrimo!

Bem mais felizes fomos no preterito,  
Quando tinha o servil um premio aurifero,  
E só a distincção se dava ao merito;

Mas hoje a corrupção tornou pestifero  
O cofre de que então genio benefico  
Como meio dispunha, salutifero,

E das graças o abuso é tão malefico,  
Que para os ignorantes é terrifico,  
E para os que o não são, inda é venefico!

E quem d'encomios póde ser munifico,  
Se este estado de cousas, diabolico,  
Vem a raiva excitar no mais pacifico?

É por isso que ás vezes, melancolico,  
Da lyra eu lanço mão, e, no ridiculo,  
Chego a ser, em meus cantos, hyperbolico;

Tento o mundo compôr, n'um só versículo,  
D'um cantinho devendo olhal-o, trepido,  
Qual outro anacoreta em seu cubiculo;

E busco n'um estylo ameno e lepido,  
Pelo bem do paiz sempre sollicito,  
O vicio castigar, zurzindo-o, intrepido;

E se ás vezes de mais eu sou explicito,  
Não me diz a consciencia que, sophistico,  
Eu negasse o louvor a quanto é licito;

E então, quando eu morrer, se em verso mystico  
Na campa não tiver canto elegiaco,  
Gravem na lousa, ao meos, este distico:  
*O mundo quiz virar, morreu maniaco.*



**O Snr. José, e o Snr. Francisco.**

DIALOGO.

**F.** — Oh *Sé Zé!* — Será *possible!*  
Vocemecê por aqui!...  
Oh *homes!* parece *incrível!*...  
Ha qu'annos que eu *num* n'ô vi!

*Benha* de lá esse abraço,  
Sejamos *homes* constantes;  
Aperte-me este espinhaço,  
Que eu sou inda o que era d'antes!

**J.** — Pois eu não hei-de abraçal-o!  
Antes faço muito gosto  
De vir assim encontral-o,  
Tão gordo, tão bem disposto.

*F.* — Passo bem, não faço nada,  
E não hei-de estar pansudo?  
N'esta terra abençoada,  
Quem tem dinheiro tem tudo.

*J.* — Isso é bom! Então cá fico  
Por estes sitios bemditos;  
Eu, se não sou muito rico,  
Sempre trago uns *cem contitos*.

*F.* — Que me diz? — Então, de certo  
Traz cem contos? — Bello, bello!  
Com cem contos, sendo esperto,  
Mette o Porto n'um chinello!

Cem contos!... Quem tal diria!  
O *Sé Zé*, que, desgraçado  
Foi d'aqui inda outro dia,  
Já tão rico!... Deus louvado!...

Uns em cima, outros no fundo,  
Uns no meio, outros ao canto;  
São voltas que dá o mundo,  
Comigo deu-se outro tanto...

*J.* — É verdade, *Sé Francisco*,  
Inda o conheci bem pobre:  
Correu por lá muito risco...  
Mas tem dinheiro que sóbre!

**F.** — Graças a Deus, vai-se andando;  
Quando mal nunca *maleitas*;  
Vai-se por'hi *fugurando*,  
Sempre de costas *dereitas*...

**J.** — Inda que sou confiado:  
Já todo o mundo o conhece?!...  
*Boncecé* é cortejado  
Por quanta gente apparece!

**F.** — Corre assim todos os dias,  
C'os *homes* andam famintos:  
Olhe que estas cortezias  
Tem-me custado *bós* pintos...

Mas leve o diabo o ganhado,  
Quando não tem serventia;  
Olhe que tendo-o guardado,  
Fracá *fugura* eu faria...

Eu gasto-o, mas tambem puxo .  
Um trem dos mais aceados;  
Tenho um *jaquim* pequerrucho,  
Tres moços grandes, fardados,

Dou bailes que dão na vista,  
Onde vai o Porto inteiro,  
Tenho sido *cambarista*,  
Sou agora conselheiro,

\*

Faço tudo quanto eu quero,  
Todo o mundo em mim confia,  
E, aqui para nós, espero  
Ser *bisconde*, *quaesquer* dia.

*J.* — Pois assim é pretendido,  
E ninguem cá lhe faz guerra?...  
Então — está decidido —  
Ha falta d'*homes* na terra!

*F.* — Nada! — *homes*, ha com fartura;  
Do que ha falta é de dinheiro;  
E então quem o tem, *fugura*  
Como *quaesquer* *cabalheiro*...

*J.* — Mas d'antes o meu amigo  
Era fraquinho na escripta,  
E no lèr, como eu que o digo,  
Era até cousa *fraquita*;

Mas o tempo vai correndo,  
E, aos annos que tem passado,  
Pelos geitos que eu vou vendo,  
*Boncecé* tem estudado.

*F.* — Estudar! ora... essa é sua!...  
Mas olhe... tenha paciencia...  
Em quanto estamos na rua  
*Ha-me* de dar *insolencia*...



*Num* é por mim, que eu por ora  
*Num* sou cá de *fidalguições*;  
Mas *polo* povo, que *ignora*...  
Repara n'essas tolices...

J. — Pois sim, mas *bossa insolencia*  
Tem *trepado* como um galgo,  
E eu *num* soube, em sua ausencia,  
Que *bocé* que era fidalgo...

F. — Muito bem... *bamos adente*:  
*Bocé* quer *sêl-o*, depressa?  
Pois, se quer, vai de repente;  
Mas ouça lá... *num* se esqueça...

J. — Mas... *Sê Francisco*... eu sou bruto...  
*Home* creado no matto...  
Não sou *home resaluto*...  
E nem mesmo estou ao facto...

F. — *Num* 'stá ao facto! Em que pontos?  
Ora adeus!... Tenha juizo!...  
Os cem contos!... os cem contos  
*Dão-le* tudo o que é preciso.

J. — Pois bem... *faço-le* a vontade...  
Vamos lá fazer *fugura*;  
Mas *antão*, em amizade,  
Ande, falle côm lizura!

*F.* — Ora, então, ande ligeiro,  
Mas que *num* faça *desorde* :  
É preciso que, primeiro,  
Seja irmão de *quaesquer orde* :

Da melhor que você veja ;  
De S. Francisco, ou Trindade,  
Da Santa Casa, que seja,  
Ou do Terço e Caridade :

Depois, não seja poupado :  
Um dia, lá quando possa,  
Mande a cada um entrevado  
Um lençol d'estopa grossa ;

Ou mande um jantar aos prêsos,  
Pão, feijões, tudo grosseiro,  
E mais alguns contrapêsos,  
Cousa de pouco dinheiro...

*J.* — Mas é que essas bagatellas,  
Que são tudo ninharias,  
Só alguém fallará d'ellas  
Dentro das enfermarias.

*F.* — *Victor serio*, meu amigo,  
*Num* se me faça *masmarro* :  
Vá ouvindo o que eu *le* digo,  
E deixe correr o carro :

Compre uma *cazita* grande,  
Uns trastinhos aceados,  
Um carro em que você ande,  
E fardas para os criados :

Prepare um *xairé* luzido  
A todos os cavalheiros;  
Mas então — tome sentido —  
Convide-me os gazeteiros!

*J.* — *Home*, isso *num* é bem feito!  
Essa lembrança foi fraca!  
Pois *num* teria mais geito  
O mandar-*le* uma casaca?...

Um *xairel*! — É insultal-os!  
E a cavalheiros honrados!  
É fazer d'elles cavallos,  
E os *homes* ficam zangados!...

*F.* — Bem diz você que é do matto!...  
De francez *num* pesca nada!  
Pois você nem 'stá ao facto  
D'uma coisa tão usada!...

Um *xairé* — nem mais nem menos —  
É um baile! — Agora entende?  
Falle lá c'os meus pequenos,  
Verá então como aprende!

**J.** — Basta, basta, já percêbo!  
Palavras de gente fina;  
Eu, por ora, inda sou gêbo,  
Mas o tempo tudo ensina!

**F.** — É como diz! — Mas deve antes  
Ter assignado as gazetas,  
Sem lhe importar que os pedantes  
Digam verdades ou petas.

Você verá no outro dia  
Fallarem as gazetilhas  
Do baile — e da bizzarria  
Lá da patrôa e das filhas:

Do *pianho*, das cadeiras,  
Da manteiga e das torradas,  
E até das suas maneiras  
*Affabes* e delicadas...

Mais tarde... um jantar em casa,  
Bons vinhos, muitas saudes,  
Verá que tudo se arrasa  
Co'as suas grandes *bertudes*...

Depois... esmolas d'effeito...  
Alguma *genoridade*,  
E lá vai o *Sé Zé*, feito  
Provedor d'uma Irmandade!

D'isso a *cambarista*, entenda  
Que é um tiro d'espingarda ;  
Em seguida, uma commenda  
Acredite que *num* tarda !

Depois vá continuando,  
Faça girar o dinheiro,  
A coisa vai caminhando,  
E o *Sé Zé* sae conselheiro !

Agora, o mais é comsigo,  
E vai bem, se *num* me engano ;  
Mas diga lá, meu amigo,  
Que *le* parece o meu plano?...

*J.* — Um *home* diz o que sente :  
Ouvi tanta trapalhada  
Que, fallando francamente,  
Parece-me uma farçada !

*F.* — *Num* n'ó parece, é de certo ;  
Mas que tem você com isso ?  
Ora ande, faça-se esperto,  
Senão abro-*le* o toutiço !

*J.* — *Home*, deixe-se de petas,  
Isso assim *num* é decente,  
E começam as gazetas  
A fazer pouco da gente.

**F.** — As gazetas já *le* eu disse  
Como cá se poem ao geito ;  
E se alguma, por perrice,  
Fôr tomando o caso a peito,

Para o *Sé Zé*, essa guerra  
Não póde ser importuna,  
Porque não lê — n'esta terra  
*Num* saber lêr é fortuna!

**J.** — Sim, senhor — entendo, entendo ;  
Mas, feita essa trapalhada,  
Terei tudo o que pretendo,  
*Num* é preciso mais nada?

**F.** — Coisas de pequeno lote :  
Ter *triatto* todo o anno,  
Ou, ao menos, *cambarote*  
No *triatto* italiano.

**J.** — D'isso *num* tenho experiencia,  
Nem nunca o vi, é verdade ;  
Mas, adeus, isso paciencia,  
Quem sabe? — talvez me agrade!

**F.** — Não, de certo, *num* *le* agrada ;  
Vai-se lá só por ser moda ;  
É uma patacoada,  
Que a mim até me incommóda.

É um bando de *tiñores*,  
Uns *homes*, outros meninas;  
Uns poucos de berradores  
D'*airas* e de *sabatinas*...

Mil coisas, qual mais horrenda,  
Que levam de cabo a rabo,  
Sem que a gente nada entenda  
D'essa lingua do diabo!

Bem *repenicada* a chula,  
Tem p'ra mim *maór* valia;  
Vêr a moça quando pula,  
E a *rabeca* quando chia,

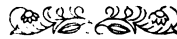
E a *saranda*, na viola...  
Isso é trigo sem *mastura*!  
Mas é moda a cantarola,  
Quem *num* vai *num* faz *fugura*!

*J.* — Mas *num* ha, entre esse bando,  
Alguns *homes* portuguezes,  
Que façam, de vez em quando,  
*Pantominas d'antrêmez*?...

*F.* — Ai!... ha cá comediantes,  
Que fazem rir toda a gente;  
E vão lá *probes* bastantes,  
Mas cá nós, *num* é decente!

**J.** — Pois, emfim, conversaremos,  
O *Sé* Francisco é meu guia ;  
Por isso nós fallaremos,  
Mais devagar, outro dia.

**F.** — Pois adeus! — Saia dinheiro,  
Que andando d'esta maneira,  
Será barão, conselheiro,  
E bispo, que você queira!





**Soneto.**

Se acaso eu entro em sala onde ha festejo,  
Onde agradaveis sons solta o piano,  
E alli encontro, com aspecto humano,  
Quem de macaco vil, finge, sem pejo;

Se um janota, de pé, na casa vejo,  
Com sua dama ao lado, muito ufano,  
Imitando, por fim, n'um giro insano,  
Insulsos manequins de realejo;

Quando assim o Creador vejo ultrajado,  
Desejando que até lhes falte o solo,  
Chamo as iras do ceo, arrebatado!

Mas... penso, e brado então, com desconsolo:  
« Quem juizo não tem não é culpado,  
« Perdoae-lhes, meu Deus, quem dança é tolo »!

**No Album de uma Senhora.**

N'este cantinho do mundo  
Vivo só, na escuridão ;  
Nem eu sei como o teu Album  
Me veio parar á mão !...

Para que?... para uma página  
Ir manchar do livro teu,  
Esse vate desmentindo  
Que a primeira folha encheu.

« *Amo-te! És bella!* (diz elle)  
« *Todos hão-de aqui jurar!* »  
Pois é falsa a prophecia!  
E as provas eu as vou dar;

Não *te amo*, não! e que *és bella*  
Nem posso *jurar*, sequer ;  
Só conheço, para *amar-te*,  
Uma causa : — é que *és mulher*.

Inda assim, um *juramento*  
Não virei aqui depôr;  
Que são elles como o vidro  
N'estes negocios d'amor.

Nem tambem, como outros vates,  
Minha vida contarei;  
Ao confessor, só, revelo  
Certas coisinhas que eu sei.

Nem *que sóffro* — *que padeço*,  
Como alguns, virei contar;  
Não, senhora, á minha custa  
Nem has-de rir, nem chorar.

Nem mal-direi a existencia,  
Nem hei-de a morte pedir:  
Cem annos que eu viva, é pouco  
Para o que eu tenho de rir!

Nem, como outros, um *Concelho* (\*)  
Venho offerecer-te aqui;  
Que inda julgo uma *Comarca*  
Pobre offerta para ti...

Nem te direi que sou leigo  
Na poesia (e sei que o sou),  
Do que escrevo só tem culpa  
Quem o Album me entregou.

(\*) Allude-se a uma poesia, na qual um poeta, pretendendo dar um CONSELHO á dona do Album, escreveu assim a epigraphe.

Eu não fico arrependido,  
E se vês que escrevi mal,  
Confessarás que sou franco,  
E, por isso, original.

Hoje é tam rara a *verdade*,  
Que quando transluz assim,  
Querem todos abraçal-a,  
Vem todos— « *a mim, a mim!*... »

Sê feliz, e tem saude,  
São estes os votos meus ;  
Pois a minha, ao fazer d'esta,  
É boa, louvado Deus.

17 d'Outubro de 1855.



**Soneto.**

Assobiava o leste, e furioso  
Quanto achava no chão tudo varria ;  
D'um ovo meia casca alli jazia,  
Que entregue foi ao vento impetuoso !

Com aspecto gentil, rosto formoso,  
Joven damá á janella então surgia,  
Quando a casca lhe vai, que o vento envia,  
No cabello poisar, preto e lustroso !

Prosegue o furacão em sua lida,  
Folhas sêccas e palhas pondo em roda,  
Que se pegam na casca humedecida ;

Vê-se a dama ao espelho, e se accomoda ;  
E, sendo por janota conhecida,  
Faz d'aquillo chapeo, e pega a moda!

**Soneto.**

Não sei, amigos meus, se vos lembraes,  
Mas tenho como certo que sabeis  
D'uns vegetaes que nascem, e vereis  
Nos paues e nos muros dos quintaes:

Pois é preciso, agora, que saibaes,  
E que d'esta noticia aproveiteis,  
Que é bom que ao abandono não lanceis  
Esses que, por inuteis, despresaes:

Arrancae-os dos muros, e paues,  
E podeis no comércio ser heroes,  
Pintando-os, verdes, brancos ou azues:

Chamae-lhes já francezes e hespanhoes,  
Que comprando-os, depois, damas tafues,  
Já *tortulhos* não são — são *guarda-soes*.

**No Album**

DO MEU AMIGO J. C. LOUREIRO.

Meus crimes quaes serão?... quaes os motivos  
Porque são contra mim mortos e vivos?  
Das folias do mundo separado,  
Em tão curto recinto eucarcerado,  
Sem d'uma associação ter sido socio,  
Por empregar melhor as horas d'ocio;  
A politica, vã, sem ter na ideia,  
Sem saber o que vai pela Crimeia;  
Os annuncios só lendo nas gazetas,  
Por causa do rancor que tenho ás petas;  
Sem procurar dos bailes a folgança,  
Porque sempre julguei loucura a dança;  
Sem dos *typhos* fallar, ou *cholerina*,  
Pelo mêdo que tenho á Medicina;  
Porque se vinga em mim a humanidade,  
Que massar-me aqui vem, sem piedade? \*

Se condemnado estou a mil torturas,  
Não basta a multidão d'*assignaturas*;  
Os *bilhetes* d'immensos *benefícios*,  
De gente que tem dous ou tres officios,  
E porque a vida quer, d'encantos cheia,  
Se dispõe a viver á custa alheia?  
Não bastam *subscrições*, para vadios,  
Que nobres dizem ser, d'avós e tios?  
E os *Fajardos* do tom que, mascarados,  
Me vem pintos chupar, tão bem ganhados?  
As rifas que alguém faz, enchendo o sacco,  
E onde o premio, se o ha, vale um pataco;  
As cartas — muita vez com *excellencia* —  
A minha *respeitavel assistencia*  
Pedindo para algum enterramento,  
Por quem só n'esse funebre momento  
Do meu humilde nome se lembrára,  
E nunca a tomar chá me convidára;  
Por nobres, outras cartas assignadas,  
Com doces palavrinhas emprestadas,  
Invocando os meus *nobres sentimentos*,  
Para os *cruzios* lhes dar (de que sedentos  
Andam esses que ao luxo, cego e louco,  
Destinam quanto teem, e é tudo pouco)  
Para *obras* em que muito se consome,  
Em propria utilidade, armando ao nome?

Não basta — prejuizo que me assusta! —  
Com cigarros e fogo á minha custa,  
Se malucos não são, tal me julgando,  
Vêr dos *amigos meus*, muitos fumando;  
E a bolsa magra, assim, vendo ultrajada,



Soffrer a cada um grande massada?  
A este que um pae tem que odeia o vicio,  
E quer que o filho trate d'outro officio;  
Áquelle, porque tem patrão que ralha,  
E em quanto occulto fuma não trabalha?

Tão pouco isto será, que mister seja  
Dos Albuns a mania — que forceja  
Por lançar-me nas garras do *Polido*,  
Onde poetas mil já tem cahido? —  
E de que serve um Album — pobre mudo,  
Que pede sem fallar, recebe tudo,  
E andando a mendigar no mundo á tóa,  
Morre com fome, emfim, de cousa bôa?

Quem tem por gosto lêr semsaborias,  
Não encontra jornaes todos os dias?  
Quem dá subido apreço a frioleiras,  
Ou, não contente assim, deseja asneiras,  
Não póde algum lugar procurar, onde  
Vá ouvir discorrer algum visconde?  
Um Album de que serve? — inda o repito —  
E porque em tantos, eu, já tenho escripto?  
— É porque o mundo diz que sou poeta,  
E eu que o pude crêr, fiz-me pateta! —

De versos hei-de encher um livro inteiro,  
A vêr se alguém quer têl-os por dinheiro!

4 d'Agosto de 1855.

**Soneto.**

Estupido mancebo, ambicioso,  
Que as doçuras d'amor não conhecia,  
Julgando, em seu pensar, que só podia  
Por meio da riqueza ser ditoso,

Tratou d'ir offertar a mão d'esposo  
Á mais tola, mais má, mais feia harpia,  
Só porque o monstro horrendo possuia,  
A encobrir todo o mal, dote famoso!

Casou-se, e figurou, mas... desgraçado!...  
Se gordo e folgasão fôra em solteiro,  
Magro e triste era já, sendo casado!

Pesára o fardo enorme ao tal parceiro;  
Que ha-de andar toda a vida carregado,  
Quem se casa c'um sacco de dinheiro!

**Soneto.**

Dizem sizudos velhos, rabugentos,  
À moda imperiosa armando guerra,  
Que a honestidade presam, que desterra  
Esses do luxo, vão, loucos inventos!

E como deprimir são seus intentos,  
Do governo fallando, dizem que erra  
Porque, inerte, não faz cahir por terra  
Bigodes, que em paizanos vêem aos centos!

E lendo assim na cara d'um parceiro,  
Julgam quem barbas traz peor que Herodes,  
Innocente quem rapa o rosto inteiro ;

Mas mostram-n'as os santos, nos pagodes,  
Nunca entrou Christo em loja de barbeiro,  
E pinta-se o diabo sem bigodes!

AO EXIMIO VIOLINISTA PORTUGUEZ

**Francisco de Sá Noronha.** (\*)

Se ao longe tu fôras, nos bosques sombrios,  
Das aves o canto, mimoso, imitar,  
Em breve as sentiras, soltando seus pios,  
Nas costas, nos braços, nas barbas poisar;  
    E as armas de caça  
    Verias na praça  
    Perderem valor;  
    Que é arte discreta,  
    Com arco sem setta,  
    Ser bom caçador!

(\*) Esta poesia foi recitada por occasião da abertura do Theatro de D. Affonso Henriques, em Guimarães, na noite de 12 d'Agosto de 1855, quando o insigne rebequista acabava de tocar as suas VALSAS BULESCAS, em que imita as vozes de diversos animaes.

Se ao longo da praia, de noite, sósinho,  
Da vaga o ruido tu fosses fingir,  
Depressa verias, o povo visinho,  
Deixando seus lares ao monte fugir!

Tu ias seguindo!  
E o povo expellindo  
Bem longe d'alli,  
Ninguem mais verias,  
E as casas, vazias,  
Ficavam p'ra ti!

Se o toque a rebate, nos tempos de guerra,  
Tu fosses, de noite, fingir por ahi,  
Nem um só dos homens ficava na terra,  
Que ás armas correndo sahiam d'alli;

Senhor do terreno,  
Ficando sereno,  
Com o arco na mão,  
No meio das bellas,  
Serias entre ellas  
Um novo Sultão!

Se fosses aos montes, que aos gados dão pasto,  
De longe, imitando da vaca o mugir,  
Em poucos momentos, sem nada ter gasto,  
Viriam-te as *crias* no laço cahir;

E pelas barbellas  
Prendendo as vitellas,  
Com grossos grilhões;  
E uma nau cheia  
Mandando á Crimeia,  
Ganhavas milhões.

Se fosses, em noites horríveis d'inverno,  
Fingir o ribombo do rouco trovão,  
Em terra o joelho, resando ao Eterno,  
Verias o povo de rastos no chão :

O povo gritava !

E eu vinha, e bradava :

« Senhor ! suspendei ! »

— Paravas no entanto,

Passando eu por santo,

Que nunca serei !

Se agora viesses, de traz d'uma scena,  
A bulha imitando dos cães a ladrar,  
Embora esta gente ficasse serena,  
Tivessem paciencia, que eu punha-me a andar :

Pois se eu, tendo medo,

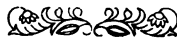
Não tinha um penedo

Que os fosse expellir,

Melhor fôra agora

Gritar : — passa fora !

— Deitar a fugir. —



**Soneto.**

Um joven, curioso, que estudava,  
E em tudo fundamento achar queria,  
Experiente ancião buscando um dia,  
A quem, por muitas vezes, consultava,

A razão perguntou — que não achava —  
Porque os medicos dão a primazia,  
Sobre o cavallo, manse, e de valia,  
Á mula, que tem menos, e é mais brava!

« *Lé com cré* (diz o velho) o senso ensina,  
« N'estas palavras só, que bem se aprendem,  
« O que pedir-me vens que te defina:

« Se julgas, para ti, que pouco expendem,  
« Eu me explico: — a mula e a medicina  
« Ambas manhosas são, e lá se entendem. »

● **o senhor Lopes.**

CONTO.

I.

LOPES era uma pipa na estatura ;  
E, gordo, porque as pipas esgotava,  
Para igualar a pipa, na figura,  
Apenas a *aduell*a lhe faltava !

Em si jámais sentiu pentes, navalhas,  
A dura, espêssa barba, acastanhada,  
Que a não trazer colão, fios e palhas,  
Fôra por mil janotas invejada !

O casaco era velho, que vestía,  
Usava, de cotim, calça já velha,  
Collete, cuja côr já se não via,  
Besuntado bonnet, d'orelha a orelha.



Em cada bota os pés, ambos cabiam,  
Mas andavam, por uso, separados;  
Ser oppressos os dedos não temiam,  
Nem ser, por falta d'ar, asphyxiados!

Cheias de callos, sempre, as mãos gretadas,  
Jámais elle tentou que se não vissem:  
De luvas nunca usou — nem mesmo dadas —  
Por as não encontrar que lhe servissem.

Mas se toda a semana assim vestia,  
Se este era o seu aceio domingueiro,  
Era a causa o rigor d'economia,  
Pois era o nosso heroe bom — albardeiro. —

Em que terra nasceu?... e quando? — A fundo  
Penetrar ninguem pôde estes arcanos;  
Mas era natural cá d'este mundo,  
E teria, talvez, bons quarenta annos.

Amor, que não reconhece  
Idade, nem condição;  
Que torna louco o sensato,  
Que inspira ao louco a paixão,  
Descobriu no bom do LOPES  
Uma tendencia fatal;  
E como é sua tendencia  
Aos dilectos fazer mal;  
Como aquelle em grossa albarda  
A agulha espeta, sem dôr,

Assim lhe embebeu no peito  
O farpão destruidor;  
Mas se a agulha fura a estôpa  
E só palha vai achar,  
O farpão, na *albarda viva*,  
Foi brando peito encontrar;  
E paixão tão desabrida  
Como essa, que lhe imprimiu,  
Em coração d'albardeiro,  
No mundo jámais se viu!

II.

A rua mirando, lá d'alta janella,  
Formosa donzella,  
Dos annos na flor,  
Belleza ostentando, que o ceo lhe doára,  
E o mais que pilhára  
Do seu toucador;

E os olhos, hem negros, certaíra, fitando  
Nos que iam passando,  
Sem n'ella cuidar,  
Deixava-os tão prêsos, que os pobres janotas  
Rompiam as botas,  
Á porta, a rondar!

Aos gestos galantes, ao meigo sorriso,  
Prudencia e juizo  
Se oppunham em vão;

Que a joven, astuta, de rapido àlcançe,  
Por vêr no romance  
Pintada a paixão,

Sabia que um gesto, com arte affectado,  
Sorriso estudado,  
Suspiro fugaz,  
Faziam mil vezes d'um louco — um poeta,  
D'um sabio — um pateta,  
D'um velho — um rapaz!

E assim, divertida, lá d'alta janella,  
Matreira, a donzella,  
Dos annos na flor,  
Belleza ostentava que o ceo lhe doára,  
E o mais que pilhára  
Do seu toucador.

III.

Passava o LOPES, tímido,  
D'amor já dominado,  
Na rua, descuidado,  
Sósinho, a meditar;  
E erguendo os olhos, languidos,  
Á magica varanda,  
Não anda... nem desanda...  
Detem-se, a contemplar!

Aberta a bôca, esqualida,  
Os olhos inflammados,  
Cabellos eriçados,  
As pernas a tremer,  
Se n'esse instante um medico  
Olhal-o, assim, podera,  
*Choleric* o dissera,  
Mandára-o recolher!

Sentindo LOPES a alma escrava — crava  
Os olhos no anjo que elle admira!... mira...  
Desce-lhe ás faces, pela magoa, agoa,  
E humedecidos os cabellos, bellos,  
Que o rosto, onde as feições se encobrem, cobrem,  
Na amarga posição que ostenta, tenta  
Abrir o, cheio de respeito, peito,  
Embora expulsa o desabafo, bafo  
Que torne murcha a donairoza *rosa*,  
Que no jardim d'amor se apura, pura!  
Mas soffre o triste, em quanto pasma, asma!  
Não respira, sequer, e apenas penas  
Assim póde sentir! Efeito feito  
Por essa apparição, que esmaga, maga,  
A, que a esperança não acalma, alma  
Onde martyrios roedores, dores,  
Tudo, sem luz de desaffronta, affronta!  
Mas, pouco a pouco, vem o alento, lento,  
E já o amante que essa dama ama,  
De tanta dôr na recompensa pensa;  
Tenta, esforçando-se, abafal-a!... Falla,  
E, com tenção a mais devota, vota —  
Após meditação devida — vida,

Fortuna, posição, estudo, tudo,  
A quem quanto gosar podera, dera ;  
Ao que já sonha seu archanjo — anjo  
Que só baixára a este immundo mundo  
Por ter adorações! — Agora, ora  
Ao ceo, pedindo amor, constancia, ancia,  
Para abrandar a catadura, dura,  
Com que essa joven, tão avara, vara  
Um coração que na repulsa pulsa,  
E nem pulsando fortemente, mente!  
Lopes, que a dama, que o despréza, préza,  
Julga que, em quanto o desespera — espera  
Que outro, que tenha de janota nota,  
Vá prestar-lhe, talvez, occulto culto ;  
Sem que — tendo tenção damnada — nada  
Que a dama, em favor seu, requeira, queira !  
E como a fama da donzella zela,  
A quem tenta chamar consorte — sorte  
Lhe deseja feliz!... Prosegue... segue...  
Sem ter — ausente do socego — cego,  
Para guiar o seu destino, tino!

E caminha o pobre amante,  
Mas quem sabe onde elle vae?  
Sem vêr, atraz nem adiante,  
Aqui tropeça, alli cae,  
Em quanto a dama, contente,  
— Porque o julgára demente —  
Sem lembrar-se do infeliz,  
Gasta o tempo — e julga-o pouco —  
Com outro, que não é louco  
Porque a apparencia o não diz!

Como assombrado d'um raio,  
(Se d'uma *raia* não é)  
Cae, agora, c'um desmaio,  
Logo, a custo, põe-se a pé;  
Alto, a sós comsigo, falla,  
Pensando, depois, se cala,  
Geme agora, e logo ri,  
E vai correndo esse mundo,  
Sem mais cuidar, vagabundo,  
Nem dos outros, nem de si!

O pobre aposento, rude,  
Votado ao desprêso, já  
Ao Conselho de Saude,  
Cuidados bem sérios dá!  
Berrando, sempre, com fome,  
Na solidão se consome  
O velho gato maltez;  
Unico ente que vivia  
De LOPES em companhia,  
Já desde a infancia, talvez!

Trabalha já poucas vezes,  
Nem uma albarda produz;  
Choram por elle os freguezes,  
Choram por si, que andam nús!  
Que o triste, do gato ao lado,  
N'um *duo* desconcertado,  
Um miando, outro a gemer,  
Em casa, assim, se dilata;  
E sae, só, a vêr a ingrata,  
Que não se ergue para o vêr!

Ao triste que amor opprime,  
O mal que produz amor,  
Ides vê-lo, em tosca rima,  
N'um quadro, negro, d'horror!  
Se não soltas um gemido,  
Oh leitor — compadecido  
Pelo albardeiro infeliz —  
Que espirras também não creias,  
Se te chegam mãos alheias  
Boa mostarda ao nariz!

Soffrendo, LOPES, se via  
Como o reo ante o algoz;  
Ao gato, quanto mais mia,  
Do peito mais foge a voz!  
Estremece o genio d'arte,  
Pois lhe falta um baluarte  
N'este albardeiro sem par!  
— Que ha-de ser d'alguns humanos,  
Quando para usarem pannos  
A licença lhes findar!... —

Debalde vem d'estrangeiros  
Albardas a Portugal;  
Que este rei dos albardeiros  
Na Europa não tem rival!  
Nem o tivera no mundo  
Se o grande genio, profundo,  
Em Paris mais fôra erguer;  
Mas... chegou do mar á borda,  
E amor, lançando-lhe a corda  
O fez em terra deter!

\*

Chorai vós, oh Portuguezes,  
Que as bellas-artes presaes!  
Chorai do artista os revezes,  
Que os vossos tambem choraes!  
Vossos, sim, porque na historia  
Falta um nome, que alta gloria,  
No porvir, dera á Nação!  
E vós sabeis que o estudo,  
O talento, o senso, tudo  
Se compra na *Exposição!*...

E LOPES, que assim deixára  
D'ir o genio cultivar,  
Nem do que o ceo lhe doára  
Se podia aproveitar;  
Que do triste o pensamento  
Era o mago sentimento,  
O sentimento d'amor;  
O ardente amor d'albardeiro,  
Que albardára o mundo inteiro,  
Se vivêra estranho á dôr!

Mas... infeliz! — passeava  
Á porta da dama, em vão;  
Da ingrata que assim pagava,  
Com desdens, tanta paixão;  
Sem prevenir que a ventura  
No porvir tinha, segura  
Em tão desejado nó! —  
Deixemos, pois, a donzella,  
E ouçamos o que, por ella,  
O LOPES dizia, só: —



« Porque ando tão prêso,  
« Se em premio o desprêso  
« Só posso ganhar?  
« Que espera essa ingrata,  
« Que, louca, maltrata  
« Quem deve adorar?...

« Nobreza deseja? —  
« Mais nobre quem seja  
« Do que eu, ninguém diz;  
« Artista affamado,  
« Por conta do Estado,  
« Mandado a Pariz!...

« Pimpões que se entezam  
« E altivos despresam  
« Do artista a missão,  
« Do que eu mais honrados,  
« Mais bem educados,  
« Mais nobres, não são!

« Deseja talento? —  
« Eu tenho-o, e não tento  
« Por elle brilhar;  
« Mas nunca os doutores,  
« Por mais falladores,  
« Me fazem calar!

« Pretende poetas? —  
« Não vê que uns, patetas,  
« Não dão do que é seu ;  
« E que outros, coitados,  
« Poetas chamados,  
« Não são mais do que eu?...

« Aspira a janotas? —  
« Não vê que uns, mamotas,  
« Valia não tem ;  
« E que outros, vazios  
« De senso, e vadios,  
« Não prestam, também?

« Não vê que as lunetas,  
« A luva, as roupêtas,  
« São tudo europeis ;  
« E que esses *Cupidos*,  
« Com luxo vestidos,  
« Não pezam dez reis?

« Não pensa que o artista,  
« Que a nobre conquista  
« Da fama, só quiz,  
« Com muita vigilia,  
« Dá nome á familia,  
« Dá gloria ao paiz?... »

IV.

Triste amante! infeliz albardeiro!  
Que, sósinho, na dama a pensar,  
Já não cuida do pobre palheiro,  
Nem do gato, com fome a berrar!

Não se lembra, sequer, do trabalho,  
De que, triste, só póde viver;  
E lá serve, outra vez, d'espantalho,  
N'essa rua, onde se ha-de perder!

E vagueia, ora abaixo, ora acima,  
E, defronte, lá pára outra vez!  
Desgraçado!... que a dama que estima  
Inda n'elle reparo não fez!...

Mas um rizo, para outro que passa...  
Um olhar, que julgou para si...  
Tudo o engana, e de gosto o traspassa,  
Tudo o prende d'encantos alli!...

E não tarda que alguém, lá da casa,  
Queira rir-se da nobre paixão...  
Já d'amor o bom *Lopes* se abraça,  
E começa a irrisoria illusão!...

Relações chega a travar  
Com quem, trazendo-o illudido,  
D'esse amor lhe vem fallar ;  
E o pobre, que anda vendido,  
Um servo tenta comprar.

E *compra-o* breve, que o plano  
Já de longe era traçado,  
Para apanhal-o no engano —  
Lá deixa o triste um recado,  
E a resposta espera ufano !

E veio — foi um protesto  
D'amor firme, (d'um caixeiro)  
Mas amor tão manifesto,  
Que ao desditoso albardeiro  
Quasi um fim dava funesto !

Á porta de sua amada  
Desmaiado cae por terra ;  
Mas — com agua borrifada  
A cabeça — ergue-se e berra  
Com a voz desentoadada !

Lá vem o pae da donzella ! —  
Porque a desordem lhe importa,  
A causa quer saber d'ella ;  
Mas em vão... fecha-se a porta,  
E o velho, lá da janella,

Vê no vulto que vagueia  
Embriaguez ou malicia ;  
Pois berra com voz tão cheia,  
Que se ha na terra policia  
Parava só na cadeia!

Mas dorme e socega o amante,  
E, no dia immediato,  
Vem ser de novo rondante,  
Torna a fallar ao gaiato,  
Cada vez mais delirante !

E, de todo apaixonado,  
Dispõe d'um vintem que tinha,  
Vae comprar papel doirado,  
Escreve a dôce cartinha,  
Fecha-a com pão mastigado,

E lá vae mais um segredo  
Nas mãos depôr d'esse *amigo*  
Que, envolvido n'este enredo,  
Já lá d'estreito postigo  
O amante espera, a pé quêdo!

Começa a correspondencia  
Entre o amante e o caixeiro,  
Que vai chupando a — *excellencia*,  
Porque já sabe o albardeiro  
Curvar-se ás leis da decencia.

Vêm-se nas cartas ferver  
Essas phrases coruscantes  
Que só sabe amor dizer:  
Entram *pyras fumegantes*,  
Entram *corações a arder*,

E no estylo alambicado,  
Onde a orthographia é crime,  
Onde a prosodia é peccado,  
Proyar qual é mais *sublime*  
É encargo delicado!

Inda assim, cartas d'amores,  
Sejam fidalgas as moças,  
Chamem-se os moços doutores,  
Se nunca as vi mais insôssas,  
Tambem nunca as vi melhores!...

E é certo que o grande artista  
Canta e ri, de gosto chora,  
Porque está feita a conquista;  
Pois marcada já tem hora  
Para nocturna entrevista.

V.

Era alta noite... a *brisa*, assobiando,  
Sê ao tão *dôce bafejo* que esparzia  
Se lhe oppunha um chapeo, ia-o levando,  
E seu dono, infeliz, não mais o via;

E as *arvores frondosas* derribando,  
E as altas chaminés, que destruía,  
*Docemente* a soprar de tal maneira,  
Se podia chamar *brisa fagueira*.

N'um capote de *nuvens* rebuçada,  
Seu *fulgor* occultando, a *meiga lua*  
Não se via *nas aguas retratada*,  
Nem contemplava a terra a *imagem sua*;  
Que a *lampada celeste*, despeitada  
Por vêr a luz do gaz enchendo a rua,  
*Pallida a face* envolve em manto opaco,  
E aos miseros mortaes não dá cavaco!

Lá no *campo d'anil* não se divisa  
A multidão d'*estrellas refulgentes*,  
Que em *noites melancolicas* pesquiza  
O vate, para entoar *versos cadentes*;  
E se uma, sorrateira, *se desliza*  
A espreitar o que vae entre os viventes,  
Lá vem a *nuvem* dar-lhe um tapa-olho  
E depois desfazer-se em frio môlho!

Cahindo sobre a terra o *doce orvalho*,  
Arranca dos jardins as *lindas flores*!  
Bebem os cães em pé — e com trabalho  
Os que não são, d'origem, nadadores —  
E debalde procuram agasalho,  
Na *gutta-percha*, os tristes peccadores;  
Que á força de cahir *brando rocío*,  
*Mac-adam* já não ha — é tudo um rio!

As patrulhas, ás portas encostadas,  
D'oleado nas capas envolvidas,  
Não vão rondar as ruas despovoadas,  
Nem cuidado lhes dão alheias vidas;  
Que as ordens, dos mais altos dimanadas,  
Não sabe então ninguém se são cumpridas,  
Porque os mesmos que as dão—n'esse momento—  
Dormem ao som da chuva, e ao som do vento.

Repousa em branda paz, no brando leito,  
Dos diurnos trabalhos fatigado,  
O pacifico povo, que ao preceito  
Da hygiene se curva, ao somno dado:  
E se alimenta, algum, sonho suspeito,  
Em magoas ou delicias engolfado,  
Não se diz—que á moral é negra offensa—  
Vida particular... não é da imprensa.

Mas é certo que o gallo já cantava,  
Da noite a divisão annunciando;  
E do povo, que ao somno se entregava,  
Se alguém—em certo sitio—despertando,  
Attendesse ao que fóra se passava,  
Rouca voz ouviria, descantando  
Com a doce expressão de doce affecto,  
A mimosa canção do *Rigoletto*:

*La donna é mobile,  
Qual piuma al vento,  
Mutta d'accento  
E di pensier;—*



E embora o cantico  
Sem letra acabe,  
Porque não sabe,  
Porque não quer,

Como inda a musica  
Na ideia tenha,  
Com voz roufenha,  
Torna a dizer:  
*La donna é mobile*  
*Qual piuma al vento,*  
*Mutta d'accento*  
*E di pensier.*

Quem seria o cantor? — N'esse momento  
Findaria o theatro italiano?  
Um janota será, que ao aposento  
Recolher-se vai, só, mostrando, ufano,  
Que sabe repetir quanto ouve attento,  
Porque ao theatro vai, ha mais d'um anno?  
Não saberá sollicito empresario,  
D'este cantor nocturno, solitario?

Quem seria o cantor? — Eis um mysterio,  
Um enigma, talvez, uma charada!  
Decifre-o quem poder, mas — fallo serio —  
Quem vencer a questão, não lhe dou nada;  
Que eu, sem orgulho ter de mais criterio,  
Na voz o conheci, desentoadada,  
Que o nosso cantor vai acompanhando,  
N'um guizo de folheta repicando:

Quem seria o cantor, está bem claro! —  
Era um heroe, por nós bem conhecido;  
E não tome ninguem por caso raro  
Que elle saiba canções; — tem bom ouvido,  
É dos moços do tom amigo caro,  
Seus habitos, assim, tem contrahido,  
Faz o seu folhetim, versos semeia,  
E tem, por isso, entrada na plateia!

Com ardor infantil tocando o guizo,  
Signal para a entrevista combinado,  
Pretende o bom do LOPES dar aviso  
Que obedece ao que amor tem decretado:  
Abre-se uma janella, e d'improviso  
Um vulto alli se mostra, encapotado,  
Que rapido signal fazendo ao homem,  
Corre logo a vidraça, e ambos se somem!...

VI.

Tornou-se a noite serena,  
O *doce orvalho* parou...  
A *brisa fagueira e amena*  
Pouco a pouco se acalmou!

Ao vigilante cuidado  
Da Guarda Municipal,  
O amante escapa, encostado  
À portinha do quintal.

Estreita porta, robusta,  
Que junto guarda em porções  
O que mil cruzados custa,  
Para vender por tostões...

Se a porta alguém desconhece,  
Em mysterios infeliz,  
Passe adiante — mal parece  
Metter-se em tudo o nariz...

Alli, em poucos momentos,  
Um *seraphim* ha-de vir,  
Escutar os sentimentos  
D'alma que sabe sentir.

Mas... silencio... ouvem-se passos...  
É ella!... É ella... que vem...  
E LOPES, os membros lassos,  
Convulso, já se não tem...

Quer dar um ai... suffocado  
Outra vez, fica em torpor;  
Depois começa, coitado,  
Tremendo sezões d'amor.

Ruge a porta... e n'um instante  
Lá espreita o *seraphim*...  
Animo, LOPES!... ávante!...  
Falla... aperta a mão... assim!...

« Ca... ca... ca... ca estou prompto...  
« Que... que... que... quero mostrar...  
« Qu'i... qu'i... qu'i... qu'inda em tal ponto  
« Co... co... co... corre a adorar,

« Quem... quem... quem »—e o pobre amante  
Quer fallar, mas tenta em vão:  
E a *menina*, vacillante,  
Alto! —diz— tenha lá mão...

« Falle baixo, e com cautella,  
« Que não escute o *papá*... »  
—Pasma o LOPES da voz d'*ella*,  
Que tão grossa outra não ha!

Estranha-a, mas n'um momento  
Ouve em resposta: —« isto faz  
« Passar noites ao relento  
« Quando á minha porta estás... »

E para que mais pareça  
Constipação de matar,  
Um chaile pela cabeça  
Vem a molestia afirmar.

De LOPES as creancices  
*Ella*, em vão, entender quer;  
Elle ouve apenas tolices,  
Galanteios de mulher!

Não brilha amor um momento  
Em longa noite d'amor :  
Não — que ao seu mando o talento  
Faz-se parvo e semsabor...



« Mas... silencio, menino... fuja... fuja...  
« Lá vem o meu *papá*... *chiton!*... não ruja...  
« Que eu ouço pés... se aqui somos pilhados,  
« Olhe que ambos ficamos arranjados!...  
« Mas *boncecé* lá vai tratar da vida...  
« Pobre de mim, que estou compromettida!

« Eu, fugir? — brada o LOPES — nem á morte!  
« Não!... que a sua ha-de ser a minha sorte!  
« Se para obedecer-me estiver prompta,  
« Deixe vir quem vier, por minha conta!»

Mas inda bem não eram proferidas  
Estas fallas d'amor, d'alma nascidas,  
Ao som d'estridorosa bofetada,  
Vê o LOPES a seus pés *a sua amada!*  
Ergue-a do chão, abraça-a, e procurando  
O pae, com o outro braço, ir desviando,  
Grita, d'animo cheio: — « Em cortezia,  
« Senhor, tenha lá mão!... que em vindo o dia  
« Ha-de então conhecer, queira ou não queira,  
« Que fez insulto á minha *companheira!*  
« E, se tanto é preciso, até lhe juro  
« Que só para o bom fim é que eu procuro  
« Conversar a senhora sua filha! —

« Menina — faz favor — põna a mantilha,  
« E saia, que o paesinho dá licença!...»  
O *papá*, que atéli de balde pensa  
Sobre tudo o que escuta, e vê, pasmado,  
Cabindo em si, de rizo suffocado,  
Porque, de quanto ouviu, traduz o engano,  
Um aspecto fingindo, soberano,  
À *pretendida esposa* do albardeiro  
Assim falla, n'um tom rude e grosseiro:

« Que é isto? — *Seraphim* — que tratantada  
« Pretendias fazer n'esta emboscada?  
« Este senhor quem é, que tornas louco? —  
« Não respondes, maroto, achas que é pouco  
« Tentar eu, inda, ouvir o que tu dizes,  
« Sem te esmurrar os queixos e os narizes?  
« Não se move? — senhor — ande, appareça!  
« Arranque-me esse chaile da cabeça!  
« Dispa-me já, tambem, vestido e tudo,  
« Não quero em casa ter funcções d'Entrudo! »

Inutil vendo ser a resistencia,  
Forçado *Seraphim* a obediencia,  
As vestes vai despindo, e de repente  
Transformado apparece ao padecente  
Que, vendo amor, ternura, um sonho falso,  
Já vê n'aquelle sitio um cadafalso,  
Onde o seu coração, a amor sujeito,  
Nas mãos d'impia traição vai ser desfeito!

Começa a fresca aurora despontando,  
E LOPES, que estivera contemplando

Toda a scena d'horror, petrificado,  
A gritar principia, horrorisado,  
Porque vê, em lugar d'essa que adora,  
O maldito gaiato, a quem outr'ora,  
Porque nos seus serviços confiava,  
Os recados e cartas entregava!  
Quizera dar então grande taponna;  
Mas depressa, qual outra *prima-dona*,  
Sem ter ao menos feito um só ensaio,  
Finda o drama, cahindo c'um desmaio!

O rapaz, com receio á palmatoria,  
Sem o fim pretender saber da historia,  
Sorrateiro fugiu, mettu-se em casa!  
O bojudo patrão, ardendo em braza,  
Porque, um corpo a seus pés tendo, estirado,  
Teme por matador ser accusado,  
Tenta o amante infeliz chamar á vida;  
E apenas esta empreza acha vencida,  
Na rua o põe, sósinho, em abandono,  
E em socego inda vai dormir um somno!

VII.

Agora, leitor amigo,  
Dizer-te vou, com lisura,  
Quem teve premio ou castigo  
N'esta pasmosa aventura;  
Pois é justo que te importe,  
Porque tens n'isso vantagens,

\*

Saber o que fez a sorte  
D'este drama aos personagens:

A donzella vive ainda,  
Cada vez mais satisfeita,  
E outros *Lopes* — por ser linda —  
Aos seus caprichos, sujeita ;  
Tão parvos como o albardeiro,  
Mas de bigode e luneta,  
Respeita-os o mundo inteiro,  
Que só olha a taboleta. —

O *papá*, tendo dormido  
Mais um somno, socegado,  
Apesar do acontecido,  
Passa bem — muito obrigado —  
Mettendo a viola no saco,  
Guardou á filha respeito ;  
Ao rapaz não deu cavaco,  
Pois fez d'elle alto conceito ;  
Mais que outr'ora seu amigo,  
Sem d'isso fazer alarde,  
Se lhe deu premio ou castigo  
Has-de sabêl-o, mais tarde. —

De mêdo cheio tremia  
*Seraphim*, por ser culpado,  
Sem pensar que inda seria,  
Por garoto, afortunado ;  
Quanto valia a maldade  
Não conhecia inda a fundo ;  
Pois estava em curta idade,



Não sabia o que era o mundo ;  
Mas o patrão, vendo-o, esperto,  
Em logros, fino tratante,  
Julgou que tinha alli certo  
Um destro negociante ;  
E ao lembrar-se da viveza  
Com que andára na entrevista,  
Vaticinou-lhe a destreza  
D'um fino contrabandista ;  
E mostrando-o ao mundo inteiro  
Como heroe para o *negocio*,  
Em breve o fez seu caixeiro,  
D'alli a pouco, seu socio.

A predicção sahiu certa !  
Vive o rapaz na opulencia ;  
E o povo, de bôca aberta,  
Já lhe vai dando *excellencia* ;  
E com razão, que na praça  
Tem estes dias constado  
Que *Seraphim*, com a *graça*  
Já conta, d'um viscondado !  
A dama, o pae e o gaiato,  
Não perderam na aventura ;  
Mas do LOPES e do gato  
Causa pena a desventura :

O pouco sizo que tinha  
O triste, infeliz amante,  
Roubou-lh'o a sorte mesquinha,  
Desde esse fatal instante ;  
E, leitor, se é teu systema

Não dar voltas ao miôlo,  
Escuro deixa o problema :  
Como é que endoudece um tôlo?  
Faz scismar — isso é verdade —  
Mas segue, não penses n'isto ;  
Seja, embora, raridade,  
Já, mais vezes, se tem visto :

Ao aposento o albardeiro  
Não voltou mais — desgraçado !  
E o gato, seu companheiro,  
Sósinho, em casa, fechado,  
Da saudade á dôr sujeito,  
Com fome sempre miando,  
Veio-lhe a queixa de peito,  
Soffreu muito, e foi-se audando !  
Do desar tocando a meta,  
Foi tão negra a sua sorte,  
Que nem houve uma gazeta  
Que lamentasse esta morte ! ! !

— Abandonado á loucura,  
Pela rua, á chuva e ao vento,  
Passou dias d'amargura,  
Passou noites de tormento,  
Ora gritando e correndo,  
Ora rindo, prasenteiro,  
Mil travessuras fazendo,  
O desgraçado albardeiro !  
E não chamem, por tão pouco,  
Á policia negligente ;  
Que em grandes terras um louco

Não se torna saliente...  
E, portanto, o seu estado,  
Que antes ninguem conhecêra,  
Por LOPES foi accusado,  
N'um folhetim que escrevêra,  
Que um jornal acceitou d'elle,  
E publicou — que era justo  
Não negar favor a aquelle,  
Que a tantos se faz, sem custo...  
Desde então, o triste amante  
Foi por doudo conhecido ;  
Já com medonho semblante,  
Dentro em pouco enfurecido,  
Contra os doudos a mania  
Furor se tornou, ardente ;  
E, como em doudos batia,  
Dava, quasi, em toda a gente!...  
Qual bravo touro no curro  
Corrido, sem caridade,  
Chegou, mesmo, um grande murro  
A dar, n'uma Authoridade!

Tornou-se o caso importante,  
O triste foi agarrado,  
Bem seguro, e n'um instante  
A Rilhafolles mandado!  
Mas em vão!... vence a loucura,  
Cada vez mais desatina ;  
Que é certo que não tem cura  
Quem se entrega á Medicina!  
Fugindo, o pobre albardeiro,  
Com tenaz molestia a braços,

Cahio n'um despenhadeiro  
E morreu, feito em pedaços!!

Eis-aqui, leitor piedoso,  
O fim d'esse grande artista,  
Que assim morreu — desditoso —  
Por tentar alta conquista!...  
Perdôa, leitor amigo,  
Da historia a simplicidade;  
Sê generoso comigo,  
Que te contei a verdade;  
E rezarás, quando topes  
Alguma semsaboria,

Por alma do SENHOR LOPES,  
*Padre nosso — Ave-Maria!*



**Soneto.**

De que serve passar a noite e o dia  
Em penosos trabalhos envolvido,  
Se ha-de o homem, pelo buro engrandecido,  
Na miseria viver, como vivia?

Que ideia lhe inspirou a economia?  
Se muito se cançou, com que sentido?  
A riqueza o tornou doudo varrido,  
Ou juntou, sem saber o que fazia?

Faz-me a incerteza dar volta ao miôlo;  
Mas creio que um pensar judicioso  
Não tem, quem na pobreza acha consôlo :

E, além de louco, é mau o ambicioso :  
Se o dinheiro que tem não gosa — é tôlo —  
Não deixa os mais gosal-o — é criminoso!

**Os dous Gymnasios.**

Ha um theatro em Lisboa  
— Que Gymnasio se appellida —  
Onde a mágoa é prohibida,  
Onde jámais se consente  
Um suspiro, um ai pungente.

Em tão ditoso recinto  
Só entra, em vez da tragedia,  
A espirituosa comedia ;  
E, em lugar do triste drama,  
A farça, que o rizo chama.

Quando o poder da tristeza  
Dominar o mundo tenta,  
Inda a mágoa se afugenta  
N'essa casa abençoada,  
Onde reina a gargalhada ;

E apenas as portas se abrem,  
Alli junto o povo, em massa,  
Bem diz o tempo que passa ;  
Que jámais alma piedosa  
Alli se viu, lacrimosa !

Se todo um povo coubesse  
Lá n'aquelle ceo aberto,  
Fôra Lisboa um deserto,  
Quando, com economia,  
Alli se compra a alegria !

Mas não ha ceo para todos,  
E vai o povo disperso  
Aos theatros onde, immerso  
Em pesar, todo o vivente  
Triste chora e triste sente :

Chora a dama que, sensivel,  
Uma actriz vê desmaiada ;  
Chora a creança espantada,  
Porque na scena um conflicto  
A desperta, ao som d'um grito !

Chora tambem o empresario  
Quando a casa tem vazia ;  
Chora o actor, em agonia,  
Que a peça estudára, inteira,  
Para os bancos de madeira !

O dramaturgo, mil vezes  
Tambem chora apoquentado,  
Porque em scena, estrangulado  
Vê morrer, qual criminoso,  
Um seu drama apparatuso!

E o povo, que tem na vida  
De tristeza horas e dias,  
Fugindo ás semsaborias,  
Quer antes gastar dinheiro  
Rindo, alegre e prasenteiro.

Mas do Gymnasio o prestigio  
Vai prestes cahir por terra;  
Que outro Gymnasio faz guerra  
A aquelle, que ha tempo tanto  
Era dos povos o encanto.

Com dimensões estupendas,  
O grande theatro novo,  
Tem nobreza, clero e povo,  
Entre bons e maus actores,  
Comparsas e espectadores!

O local é mais que bello!  
As palmas e a pateada  
São livres: — é livre a entrada  
Na plateia e galerias,  
E ha funcções todos os dias!



Este Gymnasio é o Porto! —  
Os dramas tristes, sentidos,  
Não vogam, são repellidos;  
E se um dia algum figura  
É sempre em caricatura!

Sendo immensa a Companhia,  
Ligam-se tanto os actores,  
Que, d'entre elles, os maiores,  
Às vezes fazem, nas farças,  
Tristes papeis de comparsas!...

Tem aqui remedio prompto  
Quem soffrer d'hypocondria;  
— Mas, no excesso d'alegria,  
Póde a pessoa affectada  
Rebentar, n'uma risada! —

Venha vêr aqui a plebe  
D'arminhos toda coberta,  
Deixando de bôca aberta  
Quem se lembra, pela historia,  
Dos tempos da nossa gloria.

Venha vêr qualquer idiota,  
Que o destino tornou rico,  
Tentar já metter o bico  
Onde, reinando a decencia,  
Só bebêra a intelligencia.

E em camiza d'onze varas,  
Por culpa sua mettido,  
Escrever — e com sentido —  
Dando tratos aos miolos,  
Em vez de Carlos, *Carróllos!*

Venha vêr grossos lapuzes,  
Pela riqueza orgulhosos,  
Submissos e attenciosos  
Fallarem, já, com modestia,  
A qualquer *José da Vestia,*

E a cabeça, descoberta,  
Humildemente curvando,  
Pedirem, quasi chorando,  
Com fingida urbanidade,  
Um *voto*, por caridade!

E chamando *eleição livre*  
Ao que foi proprio trabalho,  
Como o gato com chovalho  
Com o alto cargo contentes,  
Já grosseiros, impudentes,

Esses mesmos despresarem  
Que d'escada lhe serviram;  
E em questões que nunca viram  
Entrando já com denodo,  
Com pasmo do povo todo,

Nas palavras papagaios,  
Feios macacos, nos gestos,  
Soltarem já, immodestos,  
Junto a acção vil e grosseira,  
Em cada falla uma asneira!

Venha vêr as grandes obras  
De *Mac-Adam* pelo invento,  
E, com chuva d'um momento,  
Rico, pobre, novo e velho,  
Com lama até ao joelho,

Pelas ruas espetados,  
Com rheumatismo gritando ;  
Até que as damas, passando,  
Com as caudas dos vestidos,  
Os deixem desempedidos!

Venha vêr n'um throno a asneira,  
De rastos a intelligencia,  
E a estupidez e a demencia,  
Passeando de braço dado,  
Levando o ouro a seu lado,

Dós que se dizem mais livres  
Mil affectos receberem ;  
A ponto de se dizerem,  
Vendo o senso desthronado,  
Rainhas d'este reinado!

**E vendo, em fim, como impera  
Esta nova magestade,  
Terá por grande verdade  
Que o Porto quer, n'esta guerra,  
Lançar o Gymnasio a terra!**



**Soneto.**

Pançudo trapalhão no mundo andava,  
Seu occulto valor apregoando ;  
E tinha-o na mudez, porém fallando  
A sandice era tal que o enterrava !

Mas, opposto ao silencio, que odiava,  
Pretensões a orador sempre ostentando,  
Tanto fez, que a policia o foi levando,  
Porque do estado seu já suspeitava !

O povo que o topava no caminho,  
Vendo-o prêso marchar, sem saber onde,  
Dizia com pesar: « será tolinho? » —

« N'este espelho, mortaes, os olhos ponde :  
« Não queiraes figurar (diz um meirinho)  
« Elle tôlo não é, mas é visconde ! »

● **Avarento.**

(PARA SER RECITADA N'UM THEATRO).

Dinheirinho abençoado!...  
Duzentos contos... aqui!...  
Homem tão afortunado,  
Como eu sou, inda o não vi!  
Dizem que sou usurario?...  
Mentem!... quem é perdulario  
Gasta o que tem, e vem cá...  
Propõe-me um famoso juro,  
E eu, então, não sou tão duro  
Que não diga: « tome lá »!

Esmolas!... nem se pergunta...  
Não me sae uma da mão!  
Pois dar a gente o que junta...  
Pôr-se a pedir!... isso não!...  
É mesmo um grande peccado!...  
Fui d'este modo educado  
Por meus paes e meus avós:  
Caridade!... Nada... nada...  
Não que ella, bem ordenada,  
Principia cá por nós!...

Todos podem ter dinheiro;  
Mas falta, para o juntar,  
Olho vivo, pé ligeiro,  
Ganhar sempre, e não gastar!  
Eu tenho-o, porque assim faço...  
Demais, nunca dei um passo  
De graça, por fazer bem...  
Agora, se a cousa rende...  
Sou prompto, mas — já se entende —  
Não quero o suor de ninguem!

E respeito a economia! —  
Inda ninguem me venceu:  
Gasto seis vintens por dia...  
O caldinho... faço-o eu...  
Ao almoço, uma sardinha  
Com brôa, e bem assadinha,  
É mesmo de consolar!...  
A ceia... isso bagatela...  
Sempre cresce uma tigela  
Do caldinho do jantar.

\*

Roupinha... tenho só esta,  
E dou graças ao Senhor...  
Se eu não entro n'uma festa!...  
Theatro... causa-me horror!...  
Se eu julgo um baile um inferno!...  
— O que eu quero é, pelo inverno,  
Andar quentinho... isso sim!...  
Comigo não sou poupado!...  
Para andar agasalhado  
Dou tudo... eu cá sou assim!...

Hontem, com esta casaca,  
Tendo um frio de matar,  
Até rasguei uma saca,  
Para as costas lhe forrar!  
Rasguei-a e não tive pena!  
A perca não foi pequena...  
Mas embora... fiquei bem,  
E fugi dos comedores...  
Alfaiates!... mercadores!...  
Consciencia... nem um a tem!

E vamos assim vivendo,  
Ninguém sabe o que será;  
Eu ando sempre tremendo,  
Das voltas que o mundo dá! —  
Dizem que sou avarento!  
Mas, se eu vivo a meu contento,  
Que importa o que o povo diz?...  
É bem tôlo quem m'ò chama!...  
Ora vejam se essa fama  
Não me faz viver feliz:



Dos que pedem por officio  
Nem um só me vem pedir!...  
Actor que faz beneficio  
Não se lembra de cá vir!  
Esses *grandes* da Cidade,  
— Os homens de caridade —  
Que fazem grandes acções,  
Nenhum d'elles me procura,  
Nem me pede a assignatura...  
Nem vem limpar-me os tostões!

As gazetas, tenho-as lido  
Quando aqui m'as vem trazer;  
Assignal-as, a pedido!...  
Nada... nada... não sei ler!...  
Assim poupa-se o dinheiro,  
E quando haja algum bregeiro  
Que lá me queira zurzir,  
Não me faz suar a testa!...  
Não pagando para a festa,  
Leio tudo... e fico a rir!

Até os ladrões, coitados,  
Não tentam vir-me roubar!...  
Pois ficavam arrançados  
Se podessem cá entrar!...  
Os outros riem... motejam...  
Mas... por fim... todos cortejam  
Um homem que tem de seu!  
No mais não me dão desgosto: —  
Elles vivem a seu gosto,  
Eu vou cá vivendo ao meu

**A Loteria.**

SONETO.

Oh maldita ambição! Porque me entregas  
N'esse abysmo voraz da Loteria?  
Cada passo que dou, em que és meu guia,  
Cada couce de mais no cofre empregas!

N'esse perfido jogo, em que ando ás cegas,  
Com *cautelae* entrei: — vi que perdia;  
Mas cedi' ao teu mando, e, só n'um dia,  
Do mister para tres me descarregas!

É minha perdição ser teu escravo!  
D'este jogo d'azar, que eu suppuz franco,  
Vi a lista fatal, e... nem um chavo!...

Julguei soltar o derradeiro arranco!...  
De todo a côr perdi, como esse *oitavo*,  
Que comprei *côr de roza*, e sahiu *branco*!

**No Album**

DO MEU AMIGO, TORRES E ALMEIDA.

Tens um Album triste — amigo !  
Tens em casa um cemiterio !  
Tens a tristeza contigo,  
N'um livro, todo funéreo !

Tudo aqui são choradeiras,  
São tudo mágoas e dores !  
Morreram as *carpideiras*,  
Nasceram os *carpidores* !

Leio estas folhas com mêdo,  
Vejo n'ellas um abysmo ;  
Receio mergulhar cêdo  
Nas ondas do scepticismo !

Costumar não quero a vista  
A negros quadros, horriveis,  
Com que o demonio conquista  
As almas fracas, sensiveis!

Ah! fuja o livro nefando  
Longe do meu domicilio!  
Quero a alegria!... chamando  
A razão em meu auxilio!

É feliz, é bella a ideia  
Que a dominar-me já sinto:  
Julga-a, embora, triste e feia,  
Mas pódes crêr-me — não minto.

Ella importa um desmentido  
— Do dever contra o preceito —  
A escriptos que tenho lido,  
D'amigos teus, que respeito.

Mas, feita a venia devida,  
Dizer-lhes quero a verdade,  
Singela, embora, e despida  
De galas, d'amenidade:

Não creio n'esses lamentos,  
N'essa dôr, n'essa agonia: —  
Nascem d'esses desalentos,  
Muitas vezes, n'uma orgia!...

À força obedece a penna,  
O papel tudo recebe,  
E o peito ás vezes condemna  
Quanto a cabeça concebe!

Houve tempo em que a poesia,  
Na botanica abraçada,  
Só de plantas se nutria,  
Só d'ellas era enfeitada!

Os jasmims, cravos e rosas,  
E outras florinhas selectas,  
Eram, por serem formosas,  
Propriedade dos poetas:

No mais esteril terreno  
Eram ás vezes plantadas,  
Regadas com pranto ameno,  
Pelas Musas cultivadas;

E vates eu vi que, apenas  
Por tornar seus cantos bellos,  
Punham no charco açucenas,  
E no jardim cogumellos!

E no poetico delirio,  
Contra a razão em peleja,  
Procuravam, mesmo, um lirio,  
Onde só nasce carqueja!

E por tornar mais suaves  
As canções dos trovadores,  
Vieram também as aves,  
A voar por entre as flores!

Foi tão grande o espalhafato  
Com aquisição tão bella,  
Que ás vezes trinava o pato  
E grasnava a philomella!

Seguiam todas seu trilha,  
Eis que, n'um dia ditoso,  
Vem os astros, com seu brilho,  
Tornar o quadro famoso!

Revoltos os elementos  
Juntam-se, em fraternidade,  
Entram n'esses movimentos,  
E rebenta a tempestade!

Murcharam todas as flores,  
Ao longe as aves fugiram;  
Os astros e seus fulgores,  
N'um momento, se encobriram!

Tristes os vates, sósinhos,  
A carpir-se começaram,  
E, desde então, coitadinhos,  
Não riram mais, nem folgaram.

E na soidão, lamentando  
Os desvarios da sorte,  
Ficaram sempre invocando,  
Como salvaterio, a morte!

Tornou-se moda a tristeza  
Nos vates da nossa idade,  
E mudou, por natureza,  
De moda em necessidade!

Quem sabe, pois, caro amigo,  
Se algum dia, d'improviso,  
A moda trará consigo,  
Em vez dos prantos, o riso?

Verás então mil poetas  
Rindo sempre ás gargalhadas,  
E Authoridades discretas,  
Contra os pobres conspiradas,

Ao vê-los, como insensatos,  
Sempre a rir e a dar aos folles,  
Tomando-os por mentecaptos,  
Mandal-os a Rilhafolles!

É por isso que os censuro,  
E — de todos afastado —  
Río só — mas, no futuro,  
Tendo-se o riso acabado,

Em silencio, despresando  
De vate a lucida c'rôa,  
Fugirei d'ir caminhando,  
Com elles, até Lisboa.





**Soneto.**

*Formigas* tenho visto, esvoaçando,  
No pó, a rastejar, *aguias* valentes;  
Orando, *papagaios* eloquentes,  
*Jumentos*, a cavallo, passeando;

*Cães de fila*, a amizade respeitando,  
E *homens*, em seus paes cravando os dentes;  
*Gansos*, a levantar vozes cadentes,  
E *cysnes*, entre o lôdo chafurdando;

*Serpentes*, sobre estôfo assetinado,  
*Pombas*, ao abandono, e sem conforto,  
E *perús* a cantar, de papo inchado!

Só resta a quem tudo isto viu no Porto,  
Vêr um vivo, ha dez annos enterrado,  
E a pé por essa rua, a andar, um morto!

**A S. Gonçalo.**

São Gonçalo d'Amarante,  
Casamenteiro das velhas;  
Porque não casaes as novas?  
Que mal vos fizeram-eilas?

De certo não sabes, oh meu São Gonçalo,  
Da guerra tão impia que o mundo te faz!  
Poder que da terra não teme um abalo,  
Tentando roubar-t'ó, perturbam a paz!

Que as velhas proteges é fama entre o povo,  
E o povo o dominio das velhas não quer;  
Pois são rabugentas, e já não é novo  
Que é duro a rabugem soffrer á mulher.

Nem ellas merecem que um braço potente,  
Que ás novas não vale, lhes dê protecção;  
Que os annos gastando na terra, sómente,  
Não querem um dia fazer-te oração!

Suppondo que a falsa belleza conquista,  
Nas faces poem tintas, que comprem aqui;  
Já vês, oh meu Santo, que até n'um droguista,  
Que veñde, confiam, bem mais do que em ti!

Com varas de folha, que teem por dinheiro,  
Seu corpo endireitam, á terra a pender;  
Milagres esperam d'um bom funileiro,  
Despresam, vaidosas, teu alto poder!

E guerra á velhice movendo, tão forte,  
Nas ruas, nos bailes, as vêmos tambem;  
Ai... casa-as, bom Santo, que é dura esta sorte,  
Ou dá-lhes o senso, que as pobres não teem!

As moças, coitadas, formosas que sejam,  
Mais que ellas, precisam d'um bom protector;  
Que muitas não casam, por mais que forcejam,  
Embora possuam thesouros d'amor!

Debalde, outras, tendo d'um noivo cubiça  
Com mil arrebiques carregam em si;  
Não cega os mancebos belleza postiça,  
Só grandes fortunas se querem aqui!

Amor e virtude, no mundo mesquinho,  
Se outr'ora valeram, não valem real;  
Protege-as, protege-as, meu São Gonçalinho,  
Supplanta o dinheiro, teu forte rival!

Que as feias, devassas, de genio terrível,  
Se a tudo isto podem bom dote juntar,  
Despertam nos moços *paixão* invencível,  
E ás vezes lá sobem do berço ao altar!

As velhas despresa! — Que o povo não diga  
Que só por capricho teu braço lhes dás!  
Das pobres e honestas qualquer rapariga  
Sem ti, São Gonçalo, não acha um rapaz.



**Soneto.**

(N'UM ALBUM).

Tão vazio o teu Album inda está!  
Se alguma causa houver, não sei qual é  
No Porto, onde a poesia póde, até,  
Encher quanto papel o mundo dá!

Que entre mil vates um não haverá  
Que os seus versos te negue, tenho fé;  
E se o Album não póde ir por seu pé,  
Como o mandaste cá, manda-lh'o lá:

E quando tente algum fugir de ti,  
Dizendo que escrever-te póde, só,  
Um canto, de bellezas todo nu,

Responde que assim mesmo eu escrevi;  
E que as rimas se encontram, como o pó,  
Em - a - em - e - em - i - em - o - em - u -!

### No Album

DO MEU AMIGO FRANCISCO JOSÉ DE REZENDE (PINTOR).

Porque exiges aqui, Rezende, amigo,  
Um nome, qual o meu, obscuro e pobre? —  
Um nome que só tem achado abrigo  
No *Bardo*, entre mil nomes, qual mais nobre?  
Não sabes que illustral-o eu não consigo,  
Embora, ha muito, em mim, desejo sóbre?...  
Porque exiges?... mas não... é já bastante...  
E' modestia de mais... vamos adiante.

Pretendes versos meus!... terás meus versos,  
Embora, para os dar, falte a materia;  
Em mil albuns os tenho já, dispersos,  
Sem conceito... sem graça... uma miseria;  
Mas ha albuns, comtudo, bem diversos!  
E, no teu, escrever... é coisa séria!  
Cumprirei: — « Venha cá, senhora Musa!  
« Não tem hoje lugar uma recusa.

« Olá ! como passou ? — minha senhora —  
« Não me lembro de vê-la, ha tempo immenso !  
« Mas já não vem risonha, e seductora !...  
« Não me quer ajudar... segundo eu penso !  
« Pois olhe, se não quer (o que bom fôra)  
« Tambem o auxilio seu hoje dispenso :  
« Sem elle *muita gente* pulsa a lyra ;  
« E a mim, é a amizade que me inspira. »

Eis-me só, caro amigo ! — Bem teimosas,  
Lá no Parnaso, até, são as mulheres !  
Algumas trovas, pois, frias... rançosas,  
Só te posso offertar, se assim quizeres ;  
Mas... lisonjas, tão vis, tão ascorosas,  
Nem eu t'as posso dar, nem tu as queres :  
De lamurias já tens teu album cheio,  
E tristezas em verso !... eu não as creio.

E sôffro... que não sou eu venturoso,  
Julgue-me embora alguém d'outra maneira ;  
Mas para o mundo, ingrato e desdenhoso,  
A cara sempre alegre e prasenteira ;  
Em publico verter pranto amargoso,  
E ter em troca um riso ? — É grande asneira !  
Este mundo não é o que parece ;  
Quem sério o encarar, não o conhece.

Inda assim, meu Rezende, não supponhas  
Que espero ancioso a paz da sepultura ;  
Que eu góso por aqui scenas risonhas,  
Em troca de momentos d'amargura ;

\*

Não desposo as ideias, tão medonhas,  
D'allivio ir encontrar na campa escura!  
— Quizera, até, no mundo desgraçado,  
Como o Abbade na Igreja, ser *collado*.

E não creias jámais nos *chora-migas*,  
Que só escrevem versos de tristeza!  
A vida, boa ou má, nunca a maldigas,  
Bem vês que deves muito á natureza:  
Quando aqui a ventura não consigas,  
Visto que o Genio teu quer mais largueza,  
Vai o mundo correr — nunca o empeças,  
E cá do pobre alegre não te esqueças!

Abril 4 de 1854.





**Poesias da ultima moda.**

Recordações da infancia — Um Anjo — Sofrimentos —  
Desesperação.

**RECORDAÇÕES DA INFANCIA.**

Saudades!... Tenho saudades  
D'esses tempos que lá vão!  
Quando á porta do quinteiro  
Eu jogava o meu peão;  
Quando no campo eu corria,  
C'um papagaio na mão!

Oh! que então era, na terra,  
Tudo prazer, para mim!  
Meu pae me dava biscoitos,  
Minha mãe beijos sem fim;  
Minha avó me defumava,  
De manhã, com alecrim!

Por entre os prados amenos  
Como, contente, eu saltei,  
Com meu chapeo de dois bicos  
Que d'um papel arranjei,  
E em grosso pau a cavallo,  
Mais orgulhoso que um rei!

De ser christão, n'essa idade,  
Tendo já nobre altivez,  
De papelão com a mitra  
Que o mano Antonio me fez,  
Ao pé da minha igrejinha,  
Bispo fui por muita vez!

Nos innocentes folguedos  
Eu via o tempo voar;  
Se um dia vinha um sopapo  
Que me obrigava a chorar,  
Depois, de mimos coberto,  
Eis-me a rir, eis-me a brincar!

Meu peão idolatrado,  
Que será feito de ti?...  
Papagaio da minha alma,  
Ha que tempo te não vi!  
Dôces biscoitos d'outr'ora,  
Quem m'os dera agora aqui!...

Meigos beijos, innocentes,  
Como ainda me lembraes!  
Cheirosos defumadouros,  
Que saudade me inspiraes!  
Meu lindo chapeo de bicos,  
Não me enfeitarás jámais!

Grosso pau em que eu montava,  
Em cinzas, talvez, será!  
A mitra, com que fui bispo,  
Esfarrapada foi já!  
E a minha bella igrejinha,  
Em que mãos hoje estará!

Da infancia a negra saudade,  
Que á desgraça me reduz,  
A minha alma espivitando,  
Tem quasi apagada a luz;  
Só vivo até que meu peito,  
Às escuras, diga: — *truz!*

---

UM ANJO!

Não sabes, meu anjo, que sinto n'esta alma  
Tormentos que excedem  
Dos dentes a dôr?

Não pensas, ao menos, que a dôr não se acalma  
Sem que me borrifas  
Com pingas d'amor?

Teu negro cabello — que o lustro mesquinho  
Da bota engraxada  
Não póde vencer —  
Predeu-me, e tão prêso, que nem um meirinho  
Assim me podéra  
Com cordas prender!

Teus olhos, tão vivos, tem fogo radiante  
Que aos astros que brilham  
Seu brilho desfaz;  
Nas trevas d'esta alma, com lume brilhante,  
Parecem dous bicos,  
Dous bicos de gaz!

Teus labios tem labia, se vem n'um sorriso  
Mostrar-me a dentuça  
De branco marfim;  
A voz maviosa me rouba o juizo,  
Se diz o que sentes,  
Tim tim, por tim tim!...

A mão delicada, pequena, é lindinha,  
Nos dedos, nas unhas,  
Nas pelles que tem;  
E o pé pequenino, que occulta a botinha,  
Tem unhas, tem dedos,  
Tem pelles tambem!

No corpo elegante, direito e airoso,  
Semelhas a estatua  
Quando andas em pé;  
Se está recostado teu corpo mimoso,  
Pareces, dormindo,  
Formoso *nené!*

Quem tantos e tantos encantos encerra  
No corpo tão bello,  
No rosto sem veio,  
Não póde ter sido creado na terra...  
Oh! não... és um anjo,  
Mas anjo do ceo!

---

SOFFRIMENTOS!

Sôffro muito, meu Deus! É meu destino,  
Sobre a terra, soffrer... sempre soffrer!  
Tenho umas botas de bezerro fino,  
Que mil vezes me poem os pés a arder!

Não posso mais!... não posso... que esta vida,  
Para mim, se tornou inferno atroz!  
Tenho a minha casaca descosida,  
E o fôrro já se vê... vê-se o retroz!

Do passado só tenho agra saudade,  
No presente só sinto amarga dor!  
O inverno passo-o todo em frialdade,  
O estio, sempre cheio de calor!

É muito, grande Deus!... Penas tão duras  
Não as póde um vivente supportar!  
Se, á noite, apago a luz, fico ás escuras;  
Fecho os olhos, de dia, ando a apalpar!

Que crimes tenho eu feito sobre a terra?  
Porque tudo se volta contra mim?  
Tenho um gato maltez que á noite berra,  
E, por mais que o enxote, é sempre assim!

Não escuta ninguem os meus lamentos,  
E muitos quando eu choro poem-se a rir!  
Aos que zombam, crueis, de meus tormentos,  
Hei-de matal-os, todos, e fugir?!...

Oh! não... que eu nunca fui um criminoso!  
Mas, por ter um benigno coração,  
Na loteria, até, sou desditoso,  
Aos outros sahem premios, a mim... não!

A desventura é sorte dos poetas!  
Muitos d'elles a tem soffrido, já!  
Ha no mundo uma sucia de patetas,  
Que escarnecem de quanto a Musa dá!

E julgando fingido este meu pranto,  
Que desgraçado sou não podem crer!  
E' muito, grande Deus, não posso tanto!  
Só posso confiar no teu poder!

E' por isso, talvez, que os collarinhos  
D'uma camisa nova que vesti,  
Não me deixam aqui gosar carinhos,  
E me obrigam a olhar só para ti!

DESESPERAÇÃO.

A vida!... Que importa a vida,  
Se eu vivo para soffrer,  
Tendo só fel por bebida,  
Só ossos para roer!  
Com receio d'ir ao fundo,  
De que serve andar no mundo  
A remar contra a maré,  
Entre roda de navalhas,  
Vendo o porvir de cangalhas,  
Vendo a dôr sempre de pé?...

Passo dias infelizes,  
Sem poder nunca estancar,  
Nos olhos, dous chafarizes,  
Mas d'agoa quente, a escaldar!  
Se toca a fogo em meu peito,  
Dizem-n'ó porto suspeito,

E socorro peço-o em vão ;  
Ninguém conta as badaladas  
Que soam, desentoadas,  
Nas torres do coração !

Fórça-me o negro destino  
A entoar tristes canções,  
Como o badalo do sino  
Sempre, sempre aos trambolhões !  
Se me vêem do abysmo á borda,  
Mais me puxam pela corda,  
E a gemer me obrigam mais !  
Com desdens, e indifferenças,  
Me caçam as minhas crença,  
Como quem caça pardaes !

Que importa a vida, passada  
Entre amarguras crueis?  
Vêde-me a face molhada  
De pranto por dois toneis,  
Que teem por bôca os meus olhos,  
E onde tormentos aos molbos  
A mágoa vão espremer !  
Ninguém lhes tapa o suspiro,  
E eu gemo, choro, deliro,  
Hei-de-me assim desfazer !

Joven sou, velho pareço,  
Porque a dôr me envelheceu !  
Se esta vida é um tropêço,  
Quem tropeça mais do que eu ?  
D'esta frente, encanecida,



— Como em vistosa e comprida  
Taboleta d'armazem —  
Póde lêr-se no destroço :  
« Aqui se chora por grosso,  
Aqui se geme tambem. »

E assim vou rompendo as solas  
No mundo, em busca da paz,  
Até que, rotas as molas,  
Venha a morte, e diga : -- *zás!* ...  
Então, *sim!* ... na sepultura  
Ha-de findar a amargura,  
Porque nada amarga alli ;  
Não terei, dentro da toca,  
Estes amargos de boca,  
Tão amargosos aqui !

Venha a morte ! Venha a morte  
Meus tormentos acabar !  
Tenho já meu passaporte,  
Posso á cova caminhar !  
E depois, lá sobre a lousa,  
Grave-me alguém qualquer cousa,  
Por este modelo meu :  
« Aqui jaz pobre pateta,  
« Que entregue á moda — *poeta* —  
« Tanto chorou, que morreu ! »



**Soneto.**

N'esse tempo em que tudo bem fallava,  
Como falla, ao presente, um deputado,  
Orelhudo jumento, empavonado,  
Com lindo papagaio disputava :

És um tolo — o jumento sustentava —  
O ouvido, e nada mais, tens apurado ;  
Se eu te fizera, assim, tão enfeitado,  
A viver sem fallar te condemnava.

E porque fallas tu? — bicho nojento —  
Quem mais te habilitou? — bruto !.. pedante !..  
— Responde o papagaio n'um momento —

A mim? Pois nem te lembras — petulante! —  
Que em quanto prêso estás — torna o jumento —  
Fui a Coimbra levar um estudante?...

**Cousas que acontecem.**

Negociante que soffre  
Caixeiro que fuma e dança,  
E que ao dar balanço ao cofre,  
Nutrindo desconfiança,  
O não põe logo na rua,  
Recúa.

Mulher que não tem dinheiro,  
Nem é, tão pouco, formosa —  
Gaste, embora, o dia inteiro  
Ao toucador, caprichosa, —  
Se, aos trinta, d'amor se abrasa,  
Não casa.

Grosseiro commerciante  
Que os filhos quer ter doutores,  
E ao balcão só, e constante,  
Passa a vida em dissabores,  
Dando voltas ao miôlo,  
E' tólo.

Militar que, ás leis sujeito,  
Tem basofia em ser honrado,  
E aos grandes tendo respeito,  
Do dever do bom soldado  
Nem um momento discrepa,  
Não trepa.

Mancebo que o tempo gasta  
Em Coimbra, leis estudando,  
E, affectando instrucção vasta,  
Quer, na seara alheia entrando,  
Em tudo metter a foice,  
Dá coice.

Homem da plebe nascido,  
Que um dia chega a ser rico,  
E pelo ouro engrandecido,  
Quer metter em tudo o bico,  
Afastando-se do povo,  
E' bobo.

Poeta que principia  
Invocando sempre a morte,  
E que apenas tem poesia  
Para chorar a má sorte,  
N'um continuo desafogo,  
Cae logo.

Litterato que começa  
Tudo a esmo criticando,  
Sem que as suas forças meça ;  
Ás vezes muito fallando  
D'aquillo em que sabe pouco,  
É louco.

Homem que, tendo exercido  
Empregos de rendimento,  
Ao vêr em baixo um partido  
Presta n'outro juramento  
De seguir o seu destino,  
É fino...

Cantor que vem muito ufano,  
Com cartas a muita gente ;  
Que diz tocar bem piano,  
Ser de nobres descendente,  
Andar no theatro por festa,  
Não presta.

Clerigo novo, que affecta  
Fugir do mundo aos encantos ;  
Que é na apparencia um propheta,  
E a vida conta dos santos  
À velha e á moça donzella,  
Cautella!...

Creança que tem vaidade  
D'usar chapeo e casaco,  
E, apesar da curta idade,  
Furta ao pae o seu pataco,  
E em toda a parte se mette,  
Promette...

Pae que ao filbinho concede  
Liberdade sem limites ;  
Que lhe dá quanto lhe pede,  
Que o deixa acceitar convites,  
E nas loucuras o afaga,  
Tem paga.

Jornal que acceita e publica  
Quanto lhe escrevam, de graça,  
Que toca na gente rica,  
Que um partido só abraça,  
E os erros todos censura,  
Não dura.

Individuo que não teme  
Nas mãos cahir da justiça,  
E que — tendo só por leme,  
Durante a vida, a cubiça —  
É falso, mau, impudico,  
É rico.

Fidalgo que tudo entrega  
Nas mãos de procuradores,  
E, em confiança tão cega,  
Ao vêl-os grandes senhores,  
A melgueira não descobre,  
É pobre.

Artista que anda a cavallo,  
Que ser janota pretende,  
E imagina que um só callo,  
Que mostre nas mãos, offende  
Sua prosapia tamanha,  
Não ganha.

Velha que traz cabelleira,  
Que as faces tinge de caio ;  
Que para andar bem ligeira  
Ao espelho faz ensaio,  
E aos seus annos não attende,  
Pretende.

\*

Homem que soffre uma offensa,  
De quem favor lhe devia,  
E, sem dar-lhe a recompensa,  
D'esse aggressor se desvia,  
E, se póde, o mimoseia,  
Receia.

Escriptor sempre disposto  
A incensar a fidalguia,  
E que, abatendo o seu posto,  
O talento, noite e dia,  
No servilismo consome,  
Tem fome.

Dançarina que recebe,  
Dos janotas, cumprimentos,  
E, a fingir que os não percebe  
Se lhe fazem juramentos,  
Sabe prender fracas almas,  
Tem palmas.

Poeta, ou mesmo aspirante,  
Que um volume encher deseja;  
Ou pretenda um nome ovante,  
Ou dinheiro só preveja,  
Ficando bem ou malquisto,  
Faz d'isto.





**Soneto.**

(A UMA VELHA NAMORADEIRA).

Quando o preço do pão tem levantado,  
E não podem contar-se os comedores,  
Que fazes tu aqui, fingindo amores,  
Envergonhando o seculo passado?

Vai-te embora do mundo desastrado,  
Onde estás a augmentar crueis horrores!  
— Se, a recordar-te aos teus adoradores,  
Um epitaphio julgas acertado,

Na lousa o gravarei d'esta maneira:  
« Uma velha aqui jaz, d'olho de rôla,  
« Que ha trinta annos usava cabelleira;

« E as faces tendo já côr de cebôla,  
« Cheia de pretensões, sempre gaiteira,  
« Um seculo viveu, e morreu tôla. »

● **Actor.**

(Para ser recitada no Theatro de S. João, pelo actor Abel, na noite do seu beneficio, em 37 de Dezembro de 1853).

Ha muito quem diga que é vida famosa,  
Que é cheia d'encantos, a vida do actor!  
Eu cá... não affirmo... porque é trabalhosa,  
E os *pintos*... não fazem na bolsa calor!

Ensaio ás dez horas... ensaio de tarde...  
Nas noites vazias... ensaio tambem!  
Convida-se ao drama, no fim d'este alarde,  
Em cima... dez damas!... Em baixo... ninguem!

Em casa, a madama: — « Metal para vaca » !  
Lá vem um pequeno: — « Papá, quero pão » !...  
Espreme-se um bolso... não deita pataca!...  
Procura-se em outros... é tudo cotão!...

É certo que ás vezes, n'um rasgo de penna,  
Qualquer dramaturgo me faz... general!  
Por fim, bem que eu *ande* com garbo na scena,  
Lá diz a gazeta: — « Fulano... *andou* mal » !

O author, n'outra peça — por ser meu amigo —  
Eleva-me ainda... despacha-me rei!  
Então já dou *graças*... reparto o castigo...  
Mas que?... sae o *ponto*... vem cá dar-me a lei!

E quando eu diviso, do throno, sentado,  
Um filho, entre scenas, pedindo-me pão!...  
Esquece-me a parte... lá fico pasmado...  
E calam-se todos... só falla o *tacão*!...

Se julgam que é pouco soffrer isto tudo,  
Descancem... que eu tenho tormento maior;  
Tormentos que fazem actor barrigudo  
Tornar-se um espêto!... morrer... que é peor!...

Supponham que trato do meu beneficio...  
Do meu salvaterio... se póde chamar...  
Os *pintos* são poucos... não tenho outro officio,  
Portanto, é preciso os bilhetes passar...

Sae um homem, bem vestido: —  
Para todo o fiel christão,  
Ou seja ou não conhecido,  
O chapeo, sempre, na mão!  
Muito rizo... muito agrado...  
— Já se vê... tudo estudado,  
Como estuda um bom actor: —  
« Faço beneficio agora,  
« E então, muito me penhora...  
« Se me fizer o favor!...

« Isso de toda a maneira!  
« Um bilhete... e pago já;  
« Mas, espere... é sexta feira?  
« Creio que não estou cá!  
« Se o mudasse bom seria...  
« Tenbo, á força, n'esse dia,  
« Uma jornada a fazer...  
« É fatal coincidencia!...  
« Mas, emfim, tenha paciencia,  
« D'esta vez... não póde ser. »

Lá vou seguindo a derrota,  
C'um ferro por ahi além!  
Chego-me ao pé d'um janota,  
Que por costume aqui vem:  
Aqui é certa a victoria!  
Trato d'impingir-lhe a historia,  
Eis que elle a vem atalhar!  
« Não sabe?... tive um abalo!...  
« Morreu-me hoje o meu cavallo...  
« Por isso... ha-de perdoar!...

Tem razão!... anda de luto,  
Não póde entrar em funcções;  
E assim, na morte do bruto,  
Tambem perco alguns tostões! —  
Procuro um negociante:

« Como sei que é muito amante  
« Do theatro portuguez,  
« Eu não posso ser ingrato...  
« Levo um drama d'apparato...  
« Levo um soberbo entremez!...

« Pois guarde lá o seu drama,  
« Vá para o inferno, você!  
« A gastar, qualquer me chama!  
« O que eu não acho é quem dê!  
« Jesus! Isto não se atura!  
« Um, vem c'uma assignatura,  
« Outro me pede, a chorar,  
« Você c'um bilhete, agora!...  
« Deixe-me, homem, vá-se embora!  
« Tenho muito em que o gastar! »

Busco — já de cara torta —  
Das damas a protecção;  
Mas... chego á primeira porta,  
Bato... espero... bato... em vão...  
Vem a criada da sala:  
« A senhora não lhe falla,  
« Nem do seu quarto hoje sae;  
« Mataram-lhe a cadellinha...  
« Chora tanto... coitadinha!...  
« Ella ao theatro não vai! »

Morre o cavallo... n'um dia...  
Morre a cadella... por fim,  
Tenho toda a bicharia  
Conspirada contra mim!  
Volto a casa, endiabrado,  
Vem a mulher: — « Tens passado  
« Os bilhetes que te dei? »  
Deixa-me! Olha que te acabo!  
Tenho passado o diabo!  
Foi o diabo que eu passei!

Lá por fóra... escarnecido...  
Em casa... sempre questões...  
O beneficio... perdido...  
A algibeira... sem tostões!  
— Mas não é hoje — se entende —  
Esta noite... a coisa rende...  
A casa póde-se vêr!...  
— Vou saber, do bilheteiro,  
Como vamos de dinheiro,  
E cá venho agradecer!



**Epistola á Musa.**

(PARA SER PUBLICADA NO RIO DE JANEIRO).

Musa! Tu que deixaste a patria cara,  
Que muitos, sem pudor, vendem barata,  
Já não deves tomar por cousa rara  
Que te lancem, *di cá*, labéo d'ingrata;  
Nem pódes ser, jámais, nobre e preclara,  
Sem que tragas, *di lá*, muito ouro ou prata,  
Milagrosos metaes, que humano invento  
Pôz acima da honra e do talento!

Mas é certo que, ao longe, atroz saudade,  
Sentimento de dôr, filho da ausencia,  
Ha-de o peito ralar-te, se é verdade  
Que inda conservas pura a consciencia;

Mas se a negra ambição, cruel deidade,  
Já sobre ti creou alta ascendencia,  
Adeus, Musa infeliz! — Cheia de vícios,  
Trocarás a dinheiro os teus patricios!

Por pouco os venderás — que os desgraçados  
Que em busca da fortuna á patria fogem,  
Vão já prêsos, d'aqui, como *engajados!*...  
E, sem que d'esse jugo se despojem,  
São, pelos irmãos seus, escravizados!  
Mas... silencio!... miserias que te enojem,  
Recordar-te não quero, e, por conforto,  
Dar-te noticias vou do nosso Porto:

Reina aqui a voraz *febre-amarella*,  
O monstro que jámais encarar pude:  
O velho, o moço, a candida donzella,  
Tremem de susto, á beira do athaude,  
Porque são tantos os estragos d'ella,  
Que todos — oh que horror! — temos saude!  
Só padece da febre tão mofina,  
E nos faz padecer, a Medicina!

Não sei como, importada d'esse imperio,  
Aqui veio parar a *epidemia!*  
Tornou-se o triste Porto um cemiterio!  
Defuntos — oh meu Deus! — nem um se via!  
Pasmado a contemplar caso tão serio,  
O povo, cheio de terror, se ria!...  
*Oh! que não sei de nojo como o conte!*  
Dimanava esse mal d'occulta fonte!



Qual seja a habitação d'essa maldita,  
Que impune faz, assim, taes desvarios,  
Não o sabe ninguem! — mas exercita  
A *Junta de Saude* excelsos brios,  
E, farejando em busca da precita,  
Vai achal-a no fundo d'uns navios!  
Gritando: — Aqui d'Elrei! — logo condemna  
Os *cascos infieis* a negra pena!

Decreta que esses fócios tão horriueis  
Sejam logo, sem dôr, expatriados;  
Não ha contra ordens taes razões plausiveis,  
Resistir ninguem póde a seus mandados!  
Se reagem alguns, leis inflexiveis  
Manda que sejam logo mergulhados!  
Executam-se as ordens terminantes,  
E ficamos sem febre... como d'antes!

Lá vão alguns navios, mar em fóra,  
Sem a gente precisa, e sem dinheiro!  
Sem destino, talvez, pois teem n'essa hora,  
Por homenagem o Oceano inteiro,  
Em quanto os que não vão — percam-se embora —  
Achando o manso Douro hospitaleiro,  
Satisfazem da *Junta* os appetites,  
Mergulhados n'um banho sem limites!

A *Junta*, com furor, casca nos cascos,  
A imprensa, com razão, casca na *Junta*:  
O motivo invisivel d'estes chascos  
O povo, estupefacto, então pergunta!

Ninguem sabe a razão de tantos ascos,  
Já do povo a união se desconjuncta!  
Manda, porém, quem póde, e é nosso brio  
Ao mando obedecer, sem dar um pio!

Sigamos, pois, oh Musa, outro caminho,  
Que tenha para nós menos horrores:  
Anda o povo a correr, n'um borborinho,  
Vendo a *Urna* a gemer do parto as dôres;  
Pois póde ser, talvez, monstro damninho  
Negro fructo d'illicitos amores!  
Essa que do pudor já foi modelo,  
Anda agora de capa e de chinelo!

Qualquer parvo infeliz lhe empisca um olho,  
Ella a todos sorri, já descarada,  
Sem da dissolução prevêr o escolho,  
Sem ao futuro olhar, precipitada;  
E gera, em vez de candido pimpólho,  
De torpes animaes grossa ninhada,  
Que na loucura vã, na vil trapaça,  
Dignos filhos serão da *mãe* devassa!

Da *Urna Eleitoral* sendo nascidos,  
Filhos da corrupção, que a *mãe* sustenta,  
Como ella sahirão, já corrompidos,  
A Patria venderão, que os amamenta;  
E tendo já padrinhos escolhidos,  
Entre esses que a ambição só aviventa,  
Na pia do orçamento baptisados,  
O nome tomarão de deputados.

Mas fujamos, oh Musa, d'essa estrada  
Onde o genio tropeça tantas vezes;  
Da politica vã, e desastrada  
Que tão fatal tem sido aos Portuguezes!  
Recebe o meu adeus, Musa emigrada,  
Por quem choram aqui tantos freguezes: —  
*Não te esqueças d'aquelle amor ardente*  
Que um estro chôcho, de ti longe, sente!



**Epistola.**

(AO MEU INTIMO AMIGO FRANCISCO DE SÁ NORONHA).

Vou escrever-te em verso! — É cousa feia  
Pretender occupar contigo a Musa,  
Sem poder consagrar-te uma epopeia;

Mas se ao intento o genio se recusa,  
Já vês que o genio é só quem n'isto pecca,  
Porque fraco me vê, do fraco abusa!

Assim, vai-te dispondo a grande sécca;  
Pois não posso fazer na rude lyra  
Tanto, como tu fazes na rebeca :

*Graves* sons que o teu braço d'ella tira,  
Tiral-os tento em vão, com singeleza :  
Versos *graves* só faz quem Deus inspira!

Sons *agudos*, tambem, dás com braveza,  
Que eu não posso imitar, porque me falta,  
Para dar-te os *agudos*, a *agudeza*.

Apegado ao talento, que te exalta,  
Tomando por degraus *notas* selectas,  
De modo que o espanto o povo assalta,

Subindo com maneiras circumspectas,  
Tu vaes da *escala* ao cimo, em quanto eu fico  
No mais baixo da *escala* dos poetas!

E além d'isto que noto és inda rico,  
N'outras cousas em que eu não me intrometto,  
Mas em que tenta *alguem* metter o bico!

Dás *oitavas*, e eu dar-t'as não prometto:  
E como tentará chegar a *oitavas*,  
Quem lhe custa fazer um só *terceto*?

E sabendo eu que n'isso me ganhavas,  
Comtigo caminhar fôra loucura,  
Por não poder chegar onde chegavas!

*Harmonicos*, tambem, dás com finura;  
Com elles o que tocas tem poesia,  
Arrebata, commove, e tem doçura:

A lyra que dedilho, em tudo fria,  
A *harmonicos* não chega, e é — com franqueza —  
Seu maior erro a falta d'*harmonia*.

Foi avara comigo a natureza!  
Nem te posso imitar no *pizzicato*,  
Porque as cordas não pilho, com firmeza,

E soltara da lyra um som ingrato ;  
Que as unhas, que devêra ter cortadas,  
Aguçadas as tenho, como um gato !

Mas por têl-as assim, pouco aparadas,  
Muitas vezes lhes dou serviço estranho,  
Para o qual inda são pouco afiadas !

É com ellas, então, que eu esgadanho  
Uns *bichinhos*, de vulto pequenino,  
Que imaginando ter grande tamanho,

Ousam tanto elevar seu desatino,  
Que julgando offuscar a gloria tua,  
Aguçam para ti dente canino ;

E erguendo a fraca voz, na raiva sua,  
Para a altura em que estás, pelo talento,  
São fraldiqueiros cães, ladrando á lua !

Mas cançam, enrouquecem n'esse intento,  
Por verem que estás firme no teu throno,  
Como a lua a brilhar no firmamento !

Desfallecem, por fim, e ao abandono,  
Estendidos no lodo, enlameados,  
Morrem como quem são, *gozos* sem dono !

Tu, que os *Lords* já viste embasbacados,  
Do teu mago instrumento os sons ouvindo,  
Nos bancos da plateia repimpados;

Tu, que em Londres ouviste, retinindo,  
Os ardentes applausos, que só ganha  
O merito real, alli fulgindo;

Tu, que ao talento, só, que te acompanha,  
Esses triumphos deves, que tiveste,  
Da mais bella das artes na campanha;

Que da Europa e d'America vieste,  
De palmas e de louros carregado,  
Com que a Patria, tão pobre, ornar quizeste;

Que mostrando o teu genio abalisado,  
No meio d'ovações, grandes, completas,  
Tens entre os irmãos teus sempre reinado;

Que d'orgulho tornaste, alfim, patetas,  
Pelo forte poder d'arte divina,  
O povo, os jornalistas e os poetas;

Cuidarias, talvez, que a tua sina  
Era só caminhar, sem que podessem  
Atacar-te de traz d'alguma esquina?

Pretenderias, mesmo, que esquecessem  
O seu officio, *alguns*, e que esquecidos  
Nem os pobres *insectos* te mordessem?... \*

Deixa-os morder, coitados, que, feridos  
Pela inveja que os vai mortificando,  
Já nem sabem de si... andam perdidos!...

Não te mereçam mais que um rizo brando:  
— Só quando te incommode a chiadeira,  
Poem-lhes um pé por cima, e vai andando,  
Deixa-os morrer envoltos na poeira.





**Semelhança.**

SONETO.

Vê o menino a luz quasi pellado,  
São do velho os cabellos quasi ausentes;  
O menino, ao nascer, nunca tem dentes,  
Mais ou menos, o velho é desdentado:

Pelos paes o menino chama ousado,  
Falla o velho em seus paes, como presentes;  
Cae o menino em logros innocentes,  
O velho pelos netos é logrado:

Quer-se o menino vêr d'enfeites cheio,  
Pretende o velho impôr, pela apparencia,  
Os annos encobrando com o aceio:

Buscam ambos gosar, com imprudencia,  
—E, com mais semelhança, ainda eu creio  
Menino e velho iguaes na impertinencia.

NA PRIMEIRA PAGINA DO ALBUM DE MINHA IRMÃ.

Um album já tens! E eu creio  
Que dás valor á Poesia ;  
Mas que não saibas receio  
Quanto a moda deprecia  
Esse tão puro recreio !

Julgas com elle — innocente ! —  
Mostrar que essa arte divina  
Dos sabios não é sómente?  
— Que a luz que o genio illumina,  
De fogo te inunda a mente? —

Mas... n'estas folhas mimosas  
Poderás tu, algum dia,  
Verter lagrimas piedosas,  
Sobre a *sentida* poesia  
D'essas Musas caprichosas?

Ai!... talvez... que n'essa idade,  
Em que abraza o peito o ardor,  
Olha tudo a mocidade  
Por um prisma encantador,  
Que a face muda á verdade!

A poesia — sempre bella —  
Quasi nunca é proveitosa  
Para a candida donzella;  
Que — mesmó se é venenosa —  
Doçuras só lhe revela.

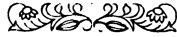
Mas se um album tens — embora!  
E' mister dar-lhe valor:  
Começas a ouvir agora  
Mentidas phrases d'amor,  
Lamentos de quem não chora...

Se um — beldade — te chamar,  
E te disser que enlouquece,  
Que nasceu para te amar,  
Indaga se te conhece,  
Ou se ouviu de ti fallar.

Se outro bradar que ama em vão,  
Que, ao vêr-te, ficou perdido,  
Não lhe prestes attenção!  
— Talvez cumpra o teu pedido,  
Tendo d'*outra* a inspiração...

Nem, por mais que o canto exprima,  
Creias, aqui consagrados,  
Ardentes votos d'estima :  
Faço versos, por peccados,  
Sei a quanto obriga a rima...

Attenta bem n'este espelho!  
E da fraterna amizade  
Acceita o justo conselho :  
— Se velho não sou, na idade,  
Já, n'estas coisas, sou velho.



**Soneto.**

(A um individuo que se julgava doente).

Imaginas que um mal impertinente  
Consummindo te vai, de dia em dia,  
E accusas por tal causa a sorte impia,  
Que eu accuso por vêr que estás demente !

Podias inculcar-te heroe valente,  
Ou ter o orgulho vão da fidalguia ;  
Mas, se fôras feliz com tal mania,  
Padeces, porque a tens de ser doente !

Se pretendes a sorte caprichosa  
Vencer, com armas que a razão ensina,  
E ter depois saude, vigorosa,

Come, bebe e passeia — mas termina  
A feia mancebia, escandalosa,  
Em que vivido tens co'a Medicina.

**Um Devoto de Baccho.**

Oh vinho!... Licor famoso!  
A ventura devo-a a ti!  
Quanto hoje no mundo goso,  
Quanto outr'ora padeci!  
Na mais affanosa lida,  
Creio, só, que, em toda a vida,  
Nunca tive indigestões!...  
Fomes... sêdes... chuvas... frios...  
Tudo atacava os meus brios,  
E andei sempre aos trambolhões!  
Soffri muito!... mas, embora...  
Graças ao bom vinho, agora  
Já não conheço paixões!

Já não sou pobre e mesquinho...  
— Do meu rosto a côr o diz —  
Se ha dinheiro para vinho,  
Nada falta... sou feliz!

Nunca mais me vi faminto!  
Chuva... se cae... não a sinto...  
Nem tornei a arrefecer!  
Sem chorar a minha sorte,  
Contra os revezes sou forte,  
Nenhum me póde abater!  
Com a garrafa do *fino*,  
Faço frente ao meu destino,  
E o mundo... deixo-o correr!...

Quando a mulher se consome,  
Vendo os filhos a chorar...  
Coitados... porque teem fome,  
Não ha pão para lhes dar;  
Eu bebo... e, depois de quente,  
Vejo-me alegre e contente,  
Julgo que tudo vai bem!  
Dizem que o dinheiro é raro,  
Que o milho corre tão caro,  
Que lhe não chega ninguem...  
E eu... no chão, mesmo, deitado,  
Durmo... e não me dá cuidado  
O que vai... nem o que vem!...

E que sonhos, tão felizes,  
Vem o meu somno doirar!  
Que variados matizes  
Vejo em torno a mim brilhar!...  
Vejo a casa illuminada...  
Ricamente alcatifada...

Bellos sophás de setim...  
Mil garrafas com licores...  
Immensas jarras com flôres,  
Das mais bellas d'um jardim!...  
Tudo sonho!... mas é certo  
Que ás vezes... mesmo desperto  
Eu tenho sonhos assim!...

Isso tenho... e então... transformo  
Tudo quanto em casa jaz!  
Até da candeia eu formo  
Um rico lustre... de gaz!...  
A mulher... triste... e em pobreza,  
Parece-me uma princeza,  
Que me vem comprimentar!  
Se os filhos, qual mais esguio,  
Cheios de fome e de frio,  
Se poem todos a chorar,  
Dando guinchos que ensurdecem,  
Sabem o que me parecem?...  
Clarinetes a tocar!

E digam que a pingoleta  
Não faz um homem feliz!  
Oh se faz!... quem diz que é peta,  
Não considera o que diz!  
Bradam que o beber é vicio,  
E eu provo, sem artificio,  
Que é um precioso dom!  
Se o vinho causa alegria,



Se dá força e bizzarria,  
Quem dirá que não é bom?!...  
O systema ha-de ir pegando!  
Se elle já se vai usando  
Em gente do grande tom!

Às vezes vai cá um pobre  
Um fidalgo procurar,  
E o criado, em vez do nobre,  
Vem com mysterio fallar,  
Dizendo: — « Sua excellencia  
« Não falla — tenha paciencia —  
« Nem do quarto hoje sahiu,  
« Por se achar incommodado »! —  
E quem sabe se deitado  
Elle está, porque sentiu  
Do tormento a dôr extrema,  
E, ensaiando o meu systema,  
Bebeu de mais, e cahiu?!...

Póde ser!... Mesmo na rua,  
Se vai um rapaz taful,  
Fitando os olhos na lua,  
Navegando ao norte e ao sul,  
Ninguem suppõe que elle ginga  
Por influencia da pinga  
Que bebeu, sem calcular!  
Não, que o povo, em seu conceito,  
Julgando com mais respeito  
Quem mais póde figurar,

Só diz — vendo-o ás cabeçadas —  
« Leva as botas apertadas,  
« Coitado, nem póde andar! »

Eu por mim, até nas damas,  
Se diviso alguma vez  
Nas faces... a côr das chammas,  
Nos olhos... a languidez...  
Já desconfio do caso!  
Póde, ás vezes, ser acaso,  
Nem eu sustento que não!  
Mas, inda assim, é possível  
Que uma dama, que é sensível,  
Tendo a dôr no coração,  
Por causa d'um cupidinho,  
Tentasse afogar em vinho  
Essa maldita paixão!

Que o systema tem sectarios  
Em toda a classe... isso tem!...  
Entre os homens... já são varios...  
Entre as madamas... tambem!...  
Ora agora, o que é desgraça  
É que o vulgo cego, faça  
Entre nós taes distincções!  
A gente que faz figura,  
Sempre esse povo procura,  
Desculpa-a com razões!...  
Cá os pequenos, se bebem,  
Outra cousa não concebem:  
São pobres!... São beberrões!...

Nos grandes, do vinho o effeito  
Dizem todos: — é *spleen*!  
No pobre... a queixa de peito  
É vinho!... vai tudo assim!...  
É *perua*... é *cabelleira*...  
*Carraspana*... *borracheira*...  
*Turca*... *porco*... e que sei eu?...  
É inda *bico*, *moafa*...  
Mas eu despejo a garrafa,  
Porque bebo do que é meu,  
E tenho o prazer no vinho —  
Quem não quer, vive mesquinho,  
E morre... como um sandeu!



**Epistola.**

Tendo as satyras por boas,  
Do Parnaso nos dois cumes,  
Em hora negra revoas ;  
Tu dás golpes nos costumes,  
E cuidam que é nas pessoas.

N. TOLENTINO.

Não julgues preguiçoso o teu amigo,  
Nem lhe dês, por ingrato, atroz castigo,  
Se deixou escapar tantos correios  
Sem noticias te dar ; — sem buscar meios  
De fazer-te saber, na soledade  
Onde passado tens a mocidade,  
O que vai n'esta terra, buliçosa,  
Onde a vida me corre tormentosa,  
Muitas vezes soffrendo dissabores,  
Lutando com *melindres* e rigores,

Com injurias crueis, de certa gente  
Que *outra cousa* quer ser impunemente;  
Vendo emfim triumphar, e sem remedio,  
Loucuras infernaes, que fazem tedio!

Se tu pensasses, bem, quanto é penoso  
Analysar o mundo, e, rigoroso,  
Na presença chamar d'um povo inteiro,  
Às coisas por seu nome verdadeiro...  
Se soubesses a quanto fica exposto  
Quem diz — por ser exacto, e não por gosto —  
N'um estilo severo e carrancudo,  
De quasi todos mal, de quasi tudo...

Se te lembrasse, até, que o *Tolentino*,  
Tantas vezes na satyra ferino,  
Se escapou de soffrer tremenda praga,  
Foi só porque, depois d'abrir a chaga,  
Espargindo mil balsamos, curava  
Quantos, ao som da lyra, mutilava...  
Porque nunca suppôz acção mesquinha  
Com seus versos pagar uma gallinha,  
Embora o que lh'a dava, por capricho,  
Não soubesse mais lêr que o pobre bicho...

Se pezasses, emfim, a crua sorte  
Do triste que das letras segue o norte,  
Julgarias fatal esta mania  
Que um homem torna escravo da poesia,  
E sem honra lhe dar, nem dar proveito,  
Faz d'elle afugentar esse respeito  
Que tem na sociedade um homem serio!

O mundo julga o vate sem criterio,  
Sem consciencia, estouvado, parvo e louco ;  
E, como se tudo isto fosse pouco,  
Inda o critico traz as magras costas  
Das vinganças á furia sempre expostas!

E não te minto, amigo, eis o que eu penso :  
É feliz o escriptor, se queima incenso  
Aos filhos do metal e da nobreza  
Que engeitára, no berço, a natureza...  
O que póde escrever, em verso ou prosa,  
A negra acção chamando acção famosa,  
Para o mal encobrir—contra o que entende—  
D'enfatuados villões, de quem depende,  
E, fingindo elevados sentimentos,  
O pobre fulminar, se, por momentos  
Deixou, pela miseria arrebatado,  
O trilho que a moral nos tem marcado !

Quem vender assim póde a consciencia,  
E blasonar, depois, d'independencia,  
O seculo actual acompanhando...  
É do mundo bem quisto, e vai passando  
D'incomodos ausente, a vida inteira,  
Que aprazível é só d'esta maneira.

Mas o critico audaz que tem coragem  
Para dizer, em acre linguagem,  
Quanto póde sentir dentro do peito,  
—Embora possa alguem, ao *sébo* affeito,  
Por tomar para si o correctivo,  
De grande exclamação achar motivo —

Esse, inimigos tendo em toda a vida,  
Com todos anda em guerra desabrida!  
N'este caso estou eu, presado amigo!  
Pequeno como sou, eu não consigo  
Fazer acreditar que os meus queixumes  
Às pessoas não vão, sim aos costumes,  
E sou — na opinião de certa gente —  
Por dizer as verdades — maldizente!

Se, avulso, uma expressão solto, frizante,  
Que magoar só póde algum tratante,  
De recreio servindo, ou desenfado,  
A todo o homem que timbra em ser honrado,  
Ergue-se uma celeuma insupportavel,  
Contra o vate *mordaz*, e detestavel,  
Que a gente respeitavel não respeita,  
E ao furor de escrever tudo sujeita!  
Entram n'isto malucos, e homens serios,  
Soltando, contra mim, mil vituperios,  
E lançam-me, ao passar, cada olhadura,  
Que até... me fazem rir, pela loucura!

E sabes, caro amigo, o que eu decido  
D'este injusto rancor, d'este alarido?  
— Que n'uma insinuação, lançada avulso,  
Eu á classe fui só tomar o pulso;  
E vendo, por sentir como soluça,  
Que tem muito a quem sirva a carapuça,  
Porque d'um leve toque muito sente,  
Mais affectada a creio... mais doente...  
E como avaliar o mundo quero,  
Em voltando á questão, sou mais severo!

Se um dia ousou fallar dos litteratos,  
Poem-me logo *em Aveiro sem sapatos...*  
Invejoso me chamam — atrevido,  
Que sem ter do latim nada aprendido,  
Provoco em meus insipidos escriptos,  
Os genios immortaes, os eruditos,  
Que a vida teem gastado, e a paciencia,  
Entre os bons *calhamaços* da sciencia,  
Em quanto eu, infeliz, por não ser rico,  
Me cançava bufando ao *maçarico!*

Não sabem que ao talento, e ao estudo  
Meu respeito consagro, mais que a tudo,  
E que, se um dia fallo d'escriptores,  
Que julgo impertinentes, massadores,  
Atiro aos *sabichões*, de polpa erguida,  
Que inuteis sendo ao mundo em toda a vida,  
Por meio tentam, só, do vituperio,  
Mostrar que sabem lêr, que teem criterio;  
E sem provarem nunca o seu talento,  
Sem mostrarem, jámais, seu valimento,  
Em tudo o que outrem faz o dente ferram,  
E a perfida allusão lá desenterram,  
Do lugar onde tanto se escondêra,  
Que nem o mesmo author a conhecêra!

Medita, amigo meu, quanto é custoso,  
No meio d'este povo, *melindroso*,  
O mais dôce, talvez, do mundo inteiro,  
A critica tentar, ser verdadeiro!  
Avalia-me tu! Sabes que présó  
A virtude e o saber — e só desprésó



A lisonja fallaz, e as apparencias  
A que fazem alguns mil reverencias...  
Sabes minha intenção, e isso é bastante!  
Se na satyra, ás vezes, sou picante,  
Nos vicios quero dar, não nas pessoas,  
E jámais disse mal de coisas boas!

O que fomos outr'ora, e o que hoje somos!  
*Quem póde ser juiz com taes mordomos!*

FIM.



# INDICE.

	Pag.
<b>N</b> ão é prologo . . . . .	7
Introducção do BARDO . . . . .	15
O fim do mez . . . . .	19
Quero viver para rir . . . . .	24
No Album do meu intimo amigo, Carlos Nogueira Pinto Gandra . . . . .	28
Um passeio á Foz . . . . .	32
Casarei? . . . . .	38
Que mundo este! . . . . .	41
A minha Ella . . . . .	47
Na primeira pagina do Album do meu amigo An- tonio Bernardo Ferreira. . . . .	53
O Carnaval. . . . .	57
Os meus desejos . . . . .	62
Soneto . . . . .	68
A mulher e a moda. . . . .	69
Tudo assim vai!. . . . .	73
No Album d'uma Artista . . . . .	78
Os Duellos . . . . .	81
No Album da Ex. <sup>ma</sup> Snr. <sup>a</sup> D. Maria Felicidade do Couto Browne . . . . .	85
A um aspirante a poeta . . . . .	89
O homem feliz . . . . .	90
São gostos. . . . .	95
Symphonia d'abertura. . . . .	99
Illusões . . . . .	104
Convite. . . . .	107
No Album da Ex. <sup>ma</sup> Snr. <sup>a</sup> D. Celestina Chardonnay. . . . .	111
Ao Carnaval . . . . .	113
N'um Album em que só havia uma poesia e uma pintura . . . . .	116
Prégar no Deserto . . . . .	118
A Campeza. . . . .	122
O Ouro. . . . .	126
A Ambição . . . . .	129
A Medicina . . . . .	133
Soneto . . . . .	138
Eu não! . . . . .	139
Epistola . . . . .	143
No Album do meu amigo José Borges Pacheco Pereira . . . . .	151

	Pág.
À Musa . . . . .	152
A um rico, mas ascoroso velho, &c. . . . .	159
Epistola . . . . .	160
A um velho enamorado . . . . .	169
Aos meus trinta e um annos. . . . .	174
Aos meus trinta e dois annos . . . . .	175
Aos meus trinta e tres annos . . . . .	176
Aos meus trinta e quatro annos . . . . .	177
Em Outeiros . . . . .	178
Soneto . . . . .	181
Engajamento . . . . .	182
Epistola . . . . .	189
O Snr. José, e o Snr. Francisco. . . . .	193
Soneto . . . . .	205
No Album de uma Senhora . . . . .	206
Soneto . . . . .	209
Soneto . . . . .	210
No Album do meu amigo J. C. Loureiro . . . . .	211
Soneto . . . . .	214
Soneto . . . . .	215
Ao eximio violinista portuguez, Francisco de Sá Noronha . . . . .	216
Soneto . . . . .	219
O Snr. Lopes. . . . .	220
Soneto . . . . .	249
Os dous Gymnasios. . . . .	250
Soneto . . . . .	257
O Averno . . . . .	258
A' Loteria. . . . .	262
No Album do meu amigo Torres e Almeida . . . . .	263
Soneto . . . . .	269
A S. Gonçalo. . . . .	270
Soneto . . . . .	273
No Album do meu amigo Francisco José de Re- zende (pintor) . . . . .	274
Poesias da ultima moda . . . . .	277
Soneto . . . . .	286
Cousas que acontecem . . . . .	287
Soneto . . . . .	293
O Actor . . . . .	294
Epistola á Musa . . . . .	299
Epistola . . . . .	304
Semelhança . . . . .	309
Na primeira pagina do Album de minha irmã . . . . .	310
Soneto . . . . .	313
Um Devoto de Baccho . . . . .	314
Epistola . . . . .	320







